

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E TECNOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE DOUTORADO

VARIAÇÃO NO ESPANHOL DE MONTEVIDÉU – URUGUAI:
O USO DE CONSOANTES FRICATIVAS

Javier Eduardo Silveira Luzardo

Pelotas

2017

Javier Eduardo Silveira Luzardo

**VARIAÇÃO NO ESPANHOL DE MONTEVIDÉU – URUGUAI:
O USO DE CONSOANTES FRICATIVAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Católica de Pelotas como
requisito parcial à obtenção do título de Doutor em
Letras

Área de concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Aquisição, Variação e Ensino.

Orientadora: Profa. Dr. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Pelotas

2017

L979v Luzardo, Javier Eduardo Silveira

Variação no espanhol de Montevidéu – Uruguai: o uso de consoantes fricativas /. **Javier Eduardo Silveira Luzardo.** – **Pelotas : UCPEL** , 2017.

130 f.

Tese (doutorado) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, BR-RS, 2017. Orientadora: Carmen Matzenauer.

1. Espanhol do Prata. 3.variação linguística. 4.fricativas labiais e coronais. 5. Percepção e produção. I. Matzenauer, Carmen, or. II. Título.

CDD 410

Javier Eduardo Silveira Luzardo

**VARIAÇÃO NO ESPANHOL DE MONTEVIDÉU – URUGUAI:
O USO DE CONSOANTES FRICATIVAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Católica de Pelotas como
requisito parcial à obtenção do título de Doutor em
Letras
Área de concentração: Linguística Aplicada
Linha de pesquisa: Aquisição, Variação e Ensino.

____provado

Banca Examinadora

Profa. Dr. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer – orientadora

Profa. Dr. Aline Neuschrack

Profa. Dr. Cíntia da Costa Alcântara

Profa. Dr. Luciene Bassols Brisolara

Profa. Dr. Miriam Cristina Carniato

Pelotas, 29 de maio de 2017.

Dedico este trabalho a meus professores do Curso de Doutorado em Letras da UCPel, especialmente à professora Carmen Lúcia Barreto Matzenauer e aos professores que souberam me orientar adequadamente, que me incentivaram em todas as minhas escolhas durante a elaboração desta tese.

palavra não é coisa
que se diga
quem toma a palavra
pela coisa
diz palavra com palavra
mas não diz coisa com coisa
a palavra pode ser pesada
a coisa, leve
e vice-versa não é coisa alguma
a palavra coisa
não é a coisa palavra
palavra e coisa
jamais serão a mesma coisa
Ricardo Silvestrin

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a lutar pelos meus ideais.

À minha irmã e amigos, que nunca duvidaram das minhas capacidades.

Ao meu filho Enzo da Silva Luzardo e à Berenice da Cruz Lima Luzardo, pela força e incentivo ao meu trabalho, por terem dividido angústias e por incentivar-me, constantemente, a prosseguir nesta jornada.

Aos colegas da Universidade Federal de Pelotas, amigos e familiares, expresso meu profundo agradecimento por todo apoio, carinho e confiança.

À professora Susiele Machri da Silva, por ter me orientado em diversas ocasiões, o reconhecimento pela sua competência e companheirismo.

Aos moradores da cidade de Montevideo - Uruguay que serviram como informantes para a pesquisa, agradeço pela disposição, acolhida e cooperação prestada.

E, finalmente, à professora Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, pelo estímulo, orientação, paciência e, acima de tudo, pelo verdadeiro exemplo de profissional, meu muito obrigado!

RESUMO

O espanhol de Montevideu – Uruguai, embora seja muito próximo de outras variedades da língua, como a falada na Argentina, por exemplo, possui como características uma formação híbrida em virtude dos diferentes agentes que circularam pelo território oriental. Nos atuais 62 bairros da cidade de Montevideu, residem pessoas que, em pleno século 21, ainda não tiveram oportunidade de sair do território oriental e conhecer novas culturas, o que pode responder pela pouca variação no espanhol da região. Selecionando-se 18 informantes desses 62 bairros, realizou-se a presente pesquisa, cujo objetivo geral foi descrever e analisar, à luz da Teoria da Variação Linguística, o comportamento das consoantes fricativas labiais e coronais do espanhol do Prata, bem como do processo de fricativização da plosiva labial vozeada, com foco particular na dimensão fonológica do traço de sonoridade, em falantes de Montevideu/Uruguai. Controlando-se duas variáveis sociais – faixa etária (FE), dividida em três grupos geracionais, e sexo – e variáveis estruturais, o fenômeno central do estudo foi analisado do ponto de vista da produção e da percepção linguísticas. O *corpus* foi obtido por meio de quatro tipos de coleta de dados: uma entrevista, um teste de produção e dois testes de percepção, sendo um de identificação e o outro de discriminação. Os resultados do teste de produção e do teste de percepção tipo identificação foram submetidos ao programa estatístico Rbrul. Com relação às formas labiais, a análise do Rbrul mostrou que, quanto à percepção, o menor percentual de acerto foi referente à fricativa bilabial [β], tendo havido dificuldade na diferenciação das formas [b], [β] e [v], o que se interpretou como indício de que as formas testadas estão sendo processadas, pelos falantes, como variantes alofônicas; quanto à produção, os resultados corroboram a tendência, no espanhol, de haver fricativização da plosiva labial sonora em contexto intervocálico. Com referência às formas fricativas coronais palatais, a análise do Rbrul mostrou que, quanto à produção, há um favorecimento à fricativa coronal surda [ʃ], tomando o lugar da fricativa coronal sonora /z/; quanto à percepção, a forma dessonorizada obteve resultados predominantes, especialmente nas gerações mais novas, tornando-se um indicativo de que pode estar havendo uma mudança em curso para a forma desvozeada. De forma geral, os resultados do presente estudo levam a interpretar-se a manutenção do *status* de variantes alofônicas para as três formas labiais [b], [β] e [v] na representação do fonema /b/, e das duas formas fricativas coronais [ʃ] e [z] na representação do fonema /z/; no entanto, a prevalência da percepção e da produção da forma fricativa coronal surda [ʃ] pode ser uma indicação de encaminhamento para a fonologização dessa fricativa, tomando o lugar da fricativa coronal sonora /z/ no sistema consonantal do espanhol do Prata.

Palavras-chave: Espanhol do Prata; Variação linguística; Fricativas labiais e coronais; Percepção e produção

ABSTRACT

Even though the Spanish language spoken in Montevideo, Uruguay is very similar to other variations of the language, like the one spoken in Argentina, it has specific characteristics, such as a hybrid formation, derived from the flow of different agents within the eastern territory. In the current 62 neighborhoods in the city of Montevideo there are people who in the 21st century still have not had the chance of leaving the eastern territory to know different cultures. This might be the reason for which there is such little variation in the Spanish spoken in the area. The present research was developed by selecting 18 informers from these 62 neighborhoods, and the overall objective of this investigation was to describe and analyze the behavior of the labial and coronal fricative consonants of the Spanish language spoken in the River Plate, as well as the process of fricativization of the labial plosive, under the light of the Linguistic Variation Theory, with particular focus on the phonological dimension of the sound trace in speakers from Montevideo, Uruguay. The central phenomenon of the study was analyzed from the perspective of linguistic production and perception, controlling two social variables: age group - divided into three generational groups, and sex - and structure variables. The corpus was obtained through four types of data collection: an interview, a production test and two perception tests, an identification test and a discrimination test. The results of the tests, both production and perception (identification type) were submitted to the Rbrul statistics program. Regarding the labial forms, the Rbrul analysis showed that, in terms of perception, the lowest percentage was related to the bilabial fricative [β], and there was difficulty in differentiating the forms [b], [β] and [v], which was interpreted as an indication that the tested forms are being processed by the speakers as allophonic variants; As to production, the results corroborate the tendency in Spanish to have fricativization of the plosive labial sound in an intervocalic context. Referring to the palatal coronal fricative forms, the Rbrul analysis showed that, in relation to the production, there is a favoring to the voiceless coronal fricative [ʃ], taking the place of the coronal fricative sound /ɰ/; As to perception, the non-vocalized form has obtained predominant results, especially in the younger generations, becoming an indication that there might be a change occurring in the unvoiced form. Generally, the results of the present study lead to the maintenance of the status of allophonic variants for the three labial forms [b], [β] and [v] in the phoneme representation / b /, and the two coronal fricative forms [ʃ] and [ɰ] in the phoneme representation [ɰ]; However, the prevalence of perception and production of the voiceless coronal fricative form [ʃ] may be an indication of the phonologization of this fricative, taking the place of the voiced coronal fricative /ɰ/ in the consonantal system of the Spanish language spoken in the River Plate.

Key Words: Spanish of the River Plate; Linguistic variation; Labial and coronal fricatives; Perception and production

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fonemas do Espanhol do Rio da Prata	30
Quadro 2: Consoantes subjacentes do português	32
Quadro 3: Sistema consonantal do italiano	33
Quadro 4: Sistema consonantal do francês.....	34
Quadro 5: Quadro de respostas ao Questionário Sociolinguístico	53
Quadro 6: Quadro Geracional.....	55
Quadro 7: Plano de 1979. Carga horária segundo grau e área (em porcentagem)	57
Quadro 8: Plano de 1986. Carga horária segundo grau e área (em porcentagem)	57
Quadro 9: Recorte Geracional escolhido para a pesquisa.	58
Quadro 10: Possibilidade de vocábulos com [v] intervocálico	60
Quadro 11: Possibilidade de vocábulos com [ʃ ~ʒ] intervocálicos	61
Quadro 12: Possibilidade de vocábulos [x] intervocálicos.....	62
Quadro 13: Possibilidade de vocábulos [f] intervocálicos	62
Quadro 14: Possibilidade de vocábulos [s] intervocálicos	63
Quadro 15: Lista de parônimos com diferentes significados, contrastados por labiais e coronais.....	65
Quadro 16: Formas fonéticas registradas no presente estudo para representar o fonema /b/– Teste de Produção.....	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa que representa a região em que é falado o Espanhol do Prata	17
Figura 2: Mapa Real Academia Espanhola e a influência indígena na região do Prata	17
Figura 3: Mapa que atesta a influência da cultura indígena no Uruguai	18
Figura 4: Quadro de fonemas consonantais do espanhol	24
Figura 5: Regra de fricativização do Espanhol.....	31
Figura 6: Diagrama arbóreo mostrando a organização interna de um segmento	39
Figura 7: Representação das Consoantes.....	40
Figura 8: Representação das Vogais.....	41
Figura 9: Diagrama arbóreo com a organização interna da fricativa /s/.....	42
Figura 10: Região do Prata, início do séc. XVII	46
Figura 11: Plano de Fundação da cidade de Montevidéu	47
Figura 12: Plano topográfico da Cidade, organizado em 1829 por D. José María Reyes	47
Figura 13: dos bairros da cidade de Montevidéu – a localização dos informantes da pesquisa	52
Figura 14: Tela de busca de palavras específicas	59
Figura 15: Telas de Configuração de Testes de Discriminação com Estímulos Sonoros	67
Figura 16: Modelo de atividades om o programa ELO (Ensino de Línguas On-Line).....	68
Figura 17: Layout de tela do Teste de Produção Articulate	71
Figura 18: Telas com a representação de sons, com os pontos de articulação, e seus respectivos símbolos.....	73
Figura 19: Telas aventadas para uma possibilidade de apresentação de estímulos do Teste de Percepção 1	73
Figura 20: Telas aventadas para uma possibilidade de apresentação de estímulos do Teste de Percepção 2.....	74
Figura 21: Telas com a apresentação de estímulos do Teste de Percepção 2.....	75
Figura 22: Fórmula do cálculo de regressão logística	77
Figura 23: Tabela Excel para a rodada no software Rbrul	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Especificação dos fatores extralinguísticos controlados na presente pesquisa.....	50
Tabela 2: Porcentagem de acertos na percepção das formas [b], [β] e [v], no Grupo Etário 1 (idade acima dos 55 anos) – Teste de Percepção 1	84
Tabela 3: Porcentagem de acertos na percepção das formas [b], [β] e [v], no Grupo Etário 2 (idade entre 31 e 55 anos) – Teste de Percepção 1	85
Tabela 4: Porcentagem de acertos na percepção das formas [b], [β] e [v], no Grupo Etário 3 (idade entre 16 e 30 anos) – Teste de Percepção 1	85
Tabela 5: Porcentagem de acertos na percepção das formas fricativas [ʃ] e [ʒ] no Grupo Etário 1 – Teste de Percepção 1	87
Tabela 6: Porcentagem de acertos na percepção das formas fricativas [ʃ] e [ʒ] no Grupo Etário 2 – Teste de Percepção 1	88
Tabela 7: Porcentagem de acertos na percepção das formas fricativas [ʃ] e [ʒ] no Grupo Etário 3 – Teste de Percepção 1	88
Tabela 8: Porcentagem de acertos na percepção das formas [b] e [v], nos três Grupos Etários – Teste de Percepção 2	90
Tabela 9: Tabela comparativa entre os resultados dos Testes de Percepção 1 e 2 – índices de acertos os estímulos [b], [β] e [v]	91
Tabela 10: Porcentagem de acertos na percepção das formas fricativas [ʃ] e [ʒ] no Grupo Etário 1, 2 e 3 – Teste de Percepção 2	92
Tabela 11: Resultado da produção de [β] e [v] em posição intervocálica, para representar o fonema /b/	95
Tabela 12: Variável sexo e o emprego das fricativas labiais para representar o fonema /b/	96
Tabela 13: Grupo geracional e a produção variável das formas [β ~ v] para representar o fonema /b/	96
Tabela 14: Exemplos de ocorrências de líquidas e nasais no contexto seguinte	98
Tabela 15: Altura da vogal seguinte; produção de [β] e [v]	98
Tabela 16: Tipo de sílaba, quanto à tonicidade; produção de [β] e [v]	99
Tabela 17: Resultado da produção da forma [ʃ] , para representar o fonema /ʒ/	100
Tabela 18: Variável sexo e o emprego da fricativa coronal [ʃ] para representar o fonema /ʒ/	101
Tabela 19: Grupo geracional e a produção de [ʃ]	101

Tabela 20: Contexto precedente – consoante onset da sílaba precedente; produção de [ʃ]....	102
Tabela 21: Ponto de articulação da vogal seguinte; produção de [ʃ]	102
Tabela 22: Resultado estatístico da percepção das formas fricativas [β] e [v] - Teste de Percepção 1	105
Tabela 23: Ponto de articulação da vogal seguinte; percepção de [β] e [v]	106
Tabela 24: Tipo de sílaba, quanto à tonicidade; percepção de [β] e [v]	106
Tabela 25: Resultado estatístico da percepção da forma fricativa surda [ʃ] - Teste de Percepção 1	107
Tabela 26: Variável sexo e a percepção da fricativa coronal [ʃ]	107
Tabela 27: Grupo geracional e a percepção de [ʃ]	107

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
2.1 SISTEMA FONOLÓGICO DE CONSOANTES DO ESPANHOL (<i>STANDARD</i>).....	23
2.1.1 Algumas observações sobre fricativas e o processo de fricativização	26
2.2 AS FRICATIVAS DO ESPANHOL DO PRATA.....	30
2.3 AS FRICATIVAS DO PORTUGUÊS.....	31
2.4 AS FRICATIVAS DO ITALIANO E DO FRANCÊS	33
2.5 FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL	35
2.5.1 Aspectos preliminares sobre traços.....	35
2.5.2 Os traços na Fonologia Autossegmental	37
2.6 TEORIA DA VARIAÇÃO	43
2.7 SOBRE MONTEVIDÉU	46
3 METODOLOGIA.....	49
3.1 caracterização da coleta.....	49
3.2 OS INFORMANTES	50
3.2.1 A seleção dos informantes	51
3.2.2 Mapa da cidade e locais de moradia dos entrevistados.....	51
3.2.3 O contexto e o contato linguístico dos informantes	52
3.2.4 As gerações como ponto de análise.....	54
3.3 ELABORAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	58
3.3.1 Plataformas de suporte para os testes de percepção	66
3.4 GRAVAÇÃO DOS ESTÍMULOS SONOROS	75
3.5 PROCEDIMENTO PARA A COLETA DE DADOS	76
3.6 TRATAMENTO DOS DADOS	77
3.6.1 Software RBRUL	77

3.7 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS.....	79
3.7.1 Variável dependente	79
3.7.2 Variáveis independentes linguísticas.....	80
3.7.3 Variáveis independentes extralinguísticas.....	81
3.7.4 Rodando o sistema estatístico RBRUL	82
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	83
4.1 TESTES DE PERCEPÇÃO	83
4.1.1 Teste de Percepção 1.....	83
4.1.2 Teste de Percepção 2.....	90
4.2 TESTE DE PRODUÇÃO.....	94
4.2.1 Teste de produção – os segmentos labiais [b], [β] e [v]	94
4.2.2 A produção das consoantes labiais [b], [β] e [v] – resultados do Programa RBrul.....	95
4.3 TESTE DE PRODUÇÃO – OS SEGMENTOS CORONAIS [ʃ] e [ʒ].....	99
4.3.1 A produção das consoantes coronais [ʃ] e [ʒ] – resultados do Programa RBrul	99
4.4 TESTE DE PERCEPÇÃO – ANÁLISE ESTATÍSTICA RBRUL.....	104
4.4.1 A percepção das consoantes labiais [b], [β] e [v] – resultados do Programa RBrul.....	104
4.4.2 A percepção das consoantes coronais [ʃ] e [ʒ] – resultados do Programa RBrul	106
4.5 RELAÇÕES ENTRE OS RESULTADOS	108
4.5.1 Produção de [b], [β] e [v] <i>versus</i> Percepção de [b], [β] e [v]	108
4.5.2 Produção de [ʃ] / [ʒ] <i>versus</i> Percepção [ʃ] / [ʒ]	109
4.5.3 Semelhanças	109
5 CONCLUSÃO.....	112
REFERÊNCIAS	115

1 INTRODUÇÃO

A existência de variantes da língua espanhola é reconhecida desde que começam os estudos linguísticos desse idioma e, portanto, muitas investigações já existem sob essa perspectiva. Porém, em seus dialetos, a língua castelhana apresenta particularidades que pouco foram exploradas e que, atualmente, começam a ganhar maior terreno no âmbito da descrição das línguas e da linguística aplicada, seja à luz da teoria fonológica ou, até mesmo, da sociolinguística.

Nessa esteira, a presente tese de doutoramento tem por escopo investigar algumas instigantes questões que, durante alguns anos, estiveram latentes para este autor enquanto aluno, professor e pesquisador, nas discussões sobre o funcionamento da língua espanhola de Montevideu-Uruguai, com o foco específico no uso de consoantes fricativas em tal variante. Segundo Hensey (1972), o espanhol do Uruguai conta com quatro fonemas fricativos - /f, s, ʒ, x/ -, sendo que outras três formas fricativas são utilizadas: [β, ð, ɣ]¹. Estes três sons fricativos funcionam como alofones, respectivamente, dos fonemas plosivos sonoros /b, d, g/ em posição intervocálica, predominantemente, ou após consoante líquida.

Em uma pesquisa prévia sobre o tema do presente estudo, não foi encontrado registro que fizesse referência ao uso das fricativas no espanhol do Prata e, mais especificamente, em Montevideu - Uruguai. Previamente à realização desta tese, foi feita uma investigação nos portais de periódicos da Capes para uma revisão sistemática sobre o tema a ser estudado.

Primeiramente, trata-se da questão diatópica no que se refere à produção linguística especificamente do dialeto do espanhol do Rio da Prata que, se comparado com as suas outras variedades e visto à luz de motivações de standardizações, certamente possui um terreno profícuo para pesquisa. Tal afirmativa encontra espaço se tomarmos como perspectiva a disparidade existente no sistema de fricativas nas línguas neolatinas. Essas disparidades podem ser constatadas quando, por exemplo, contrastamos as línguas francesa, italiana, espanhola e portuguesa. Em uma comparação, é possível observar as diferenças, dentre essas línguas, nas classes das fricativas e, de modo particular, se observarmos as labiais e as coronais. Essas diferenças podem motivar a hipótese de que essa classe de consoantes ainda pode sofrer alterações e, como consequência, de que exista a possibilidade de evolução do espanhol, fazendo surgir novos fonemas fricativos. Se, por exemplo, os sistemas fonológicos do

¹ As formas fonéticas [β, ð, ɣ] são também identificadas como “aproximantes”- veja-se Seção 2.1 desta Tese.

português, do francês e do italiano apresentam contraste de sonoridade na classe das fricativas, por que essa oposição fonológica não poderia, em algum momento, ser introduzida na língua espanhola? Será que nas fricativas, sendo uma classe lacunar, ao realizarmos testes de percepção e de produção, poderíamos identificar se ocorre alguma tendência à modificação ou ao aumento de segmentos nas classes das fricativas? Foi pensando dessa maneira que focamos este estudo na região do Prata, especificamente, em Montevideu – Uruguai. A escolha pela cidade em tela reside em dois fatores: o primeiro, por ser a capital de um país sul-americano de fala espanhola, que é polo irradiador de influências de toda sorte, inclusive linguística; o segundo, pela proximidade para o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, a formação e a consolidação histórica da região alimentam particular interesse relativamente a estudos sobre a língua, uma vez que registram a possibilidade de contatos linguísticos pela presença de falantes de diferentes idiomas.

Nesse sentido, segundo a Real Academia Espanhola, o contato com a língua portuguesa e o próprio contato com a língua autóctone não foram considerados como fatores importantes na constituição e consolidação da variante regional do Prata.

Porém, a grande dúvida que paira sobre os pesquisadores atuais reside em responder desde quando está a língua portuguesa no território (hoje) uruguaio. Pesquisadores como Bertolotti, Caviglia, Coll, Fernández, Elizaincín são responsáveis por árduos trabalhos na busca de responder tal indagação. Como introdução, podemos destacar que, dentro do território uruguaio e, por que não dizer, da região do Prata, esteve presente o português e, conseqüentemente, foi objeto de uso regional desde o próprio período de colonização lusitana na América. Dessa forma, a presença da língua portuguesa na região do Prata é conhecida pela Literatura especializada nesse âmbito desde a década dos anos sessenta do século passado, com contribuições da linguística (como pioneira), da história, da demografia, da sociologia, da antropologia, da educação e da sociolinguística.

O fato de a língua portuguesa coexistir com a língua espanhola, no mesmo território, poderia ser considerado como gatilho para uma evolução do espanhol do Prata? Esta também é uma questão pertinente, se considerarmos que, entre outras razões, o contato pode motivar variação e, subseqüentemente, mudança em qualquer dos sistemas que se aproximam geograficamente, como é o caso do português e do espanhol.

Algumas questões ainda são motivo de pesquisas interessantes como, por exemplo, o interesse em saber que tipo de espanhol chegou na Banda Oriental, e de que maneira chegou a língua espanhola ou, até mesmo, que tipo de espanhol era aquele que desembarcou no Uruguai. No entanto, as questões começam a ficar interessantes se pensarmos na(s) língua(s) autóctone(s)

do local e que posteriormente cede(m) espaço à língua espanhola sendo esta a língua nacional. Portanto, é importante tentar entender a sincronia e a diacronia como forma de complementar a informação do processo de consolidação do que hoje, após diversas décadas, conhecemos como espanhol do Uruguai ou espanhol do Prata. No entanto, apesar de ser uma tarefa complexa e fundamental, não a realizamos neste trabalho, mas, sim, um estudo diatópico sobre a variante do espanhol de Montevideu.

Acreditamos que a constituição e a consolidação da língua no território uruguaio passam, sem dúvida, pela influência da língua portuguesa e, nesse sentido, matizes do português podem ser detectados na língua desse país.

Bracco (2004, p.40) destaca que, durante o primeiro século, após a chegada dos europeus à América:

o espaço de fronteira que se gerou no Prata foi um vasto território sem grandes obstáculos naturais, e ninguém teve poder para controlar os atores. Nele interagiram cultivadores, caçadores, castelhanos, mestiços, guarani-castelhanos, portugueses, mestiços tupi-portugueses e, em menor proporção, indivíduos de outras procedências.

O autor ainda ressalta o primeiro centro povoado desta região, de origem europeia, Colonia del Sacramento (1680), cuja fundação ocorre precisamente pelos portugueses.

Sentindo-se ameaçada, a Coroa Espanhola, em Buenos Aires, manifesta a sua preocupação da seguinte forma (*op. cit.* BRACCO, 2004, p.121)

Pela grande parte [a cidade de Buenos Aires] se compõe de portugueses, seus filhos, e descendentes e, a ardente paixão destes aos outros, em que com pouco dissimulação se permitem conhecer, faz-me desconfiar de que lhes deem a mão. E além, estando os da população [de Colonia del Sacramento] em distância tão curta de 8 léguas. [...] ainda aos que pouco possuem, se lhes aproximam com os outros, ou pelo parentesco, ou pela memória, que fazem do trato, que com os portugueses possuíam em tempos passados.

A própria Colônia del Sacramento é testemunha da coexistência de duas culturas e das duas línguas que, após intensas disputas entre espanhóis e lusos, somente em 1777 passa a domínio espanhol de maneira definitiva².

² Informações contrastadas são relatadas pela investigação da Universidade da República Oriental do Uruguay (Udelar) e a equipe de pesquisadores em projeto intitulado “Documentos para la Historia del Portugués en Uruguay” (2005).

O espanhol falado na região do Prata compreende a área de cor roxa da Figura 1, cujos países são Argentina e Uruguai (Mapa 01).



Figura 1: Mapa que representa a região em que é falado o Espanhol do Prata

Fonte: Disponível em: <<https://goo.gl/KmCHfn>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

De acordo com o Manual de Fonética e Fonologia, publicado pela Real Academia Espanhola (2011), a região do Prata sofreu pouca influência indígena, conforme atesta o mapa na Figura 2.

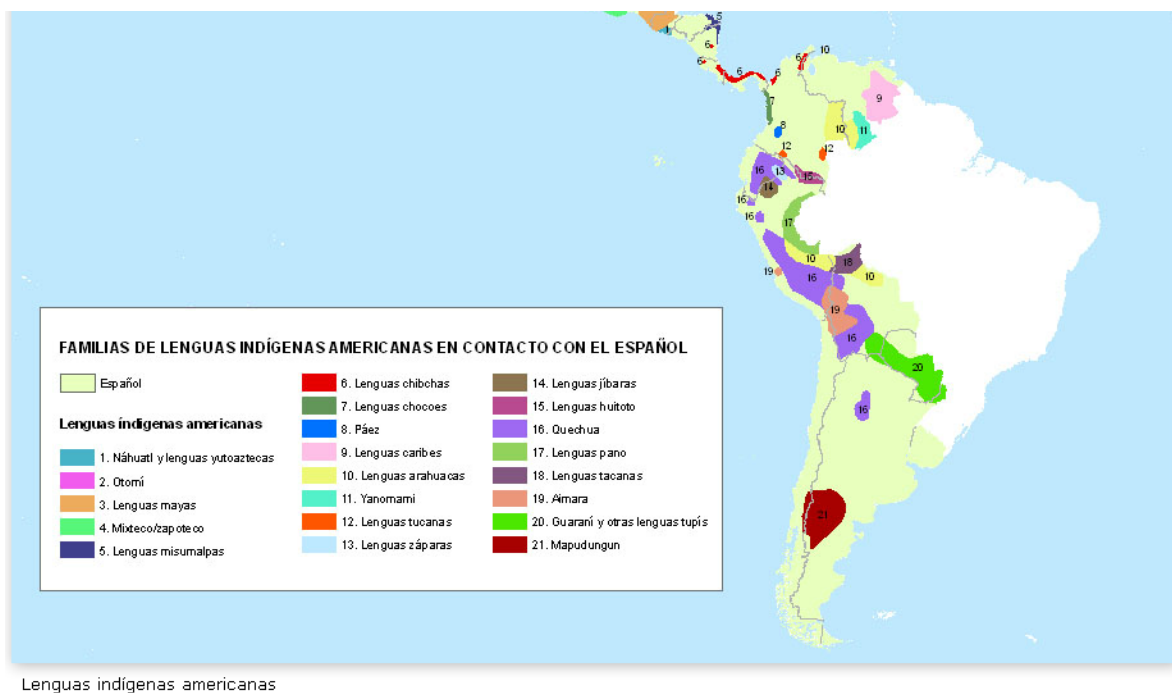


Figura 2: Mapa Real Academia Espanhola e a influência indígena na região do Prata

Fonte: Voces del Español RAE (2011)

No entanto, existem dados históricos que atestam que diversas tribos indígenas (Charrúas, Guenoas, Minuanes, Bohanes, Arachanes, Chaná-timbúes, Yaros, Guayanás, Guaraníes) ocuparam o território uruguaio no período da conquista, conforme o mapa mostrado na Figura 3. Embora não tenha sido esse fato assinalado no mapa da Real Academia Espanhola, houve, sim, influência indígena na região da Prata. Os registros históricos proporcionam uma série de indícios, apontando que a maior contribuição tenha sido Guaraní: se tomarmos como referência dados que se encontram nos arquivos eclesiásticos, em sua ampla maioria esses registros correspondem aos indígenas guaranis. Diversas fontes fazem referência a algumas centenas de charruas, divididos entre Durazno e Montevideo (ACOSTA y LARA, 1979). Em contraste com esses dados, Fructuoso Rivera, general oriental, durante a guerra de independência, teria introduzido cerca de aproximadamente 8000 guaranis missioneiros no território uruguaio. Dessa forma, sob a ótica investigativa, negar esses dados seria negar a própria razão identitária nacional do Uruguai.

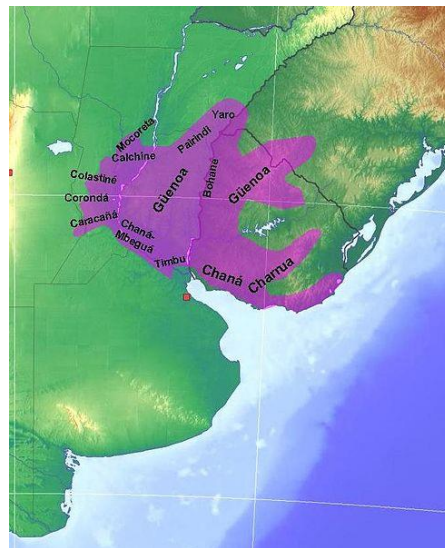


Figura 3: Mapa que atesta a influência da cultura indígena no Uruguai

Fonte: Disponível em: <<https://goo.gl/PIU1Yw>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Com fundamento nos antecedentes históricos, já haveria base suficiente para identificarmos características da língua portuguesa no dialeto espanhol do Uruguai ou do Prata em virtude de todos esses intercâmbios e contatos linguísticos estabelecidos na “fronteira natural” do Brasil e do Uruguai e de suas histórias. E, nessa perspectiva, realizar um estudo diatópico relativo ao uso das fricativas da língua espanhola na região do Prata – tema da presente investigação –, contrastando com as possibilidades decorrentes do contato com a língua portuguesa ou, até mesmo, das variáveis históricas, mostra-se justificado e relevante, especialmente ao considerar-se a realidade lacunar que essa classe das consoantes da língua

espanhola possui, em se comparando com o português e com outras línguas que se originaram do latim.

Por outro lado, a literatura registra uma grande estabilidade quanto aos documentos históricos do português no país vizinho e estudos foram realizados sobre o funcionamento do sistema consonantal no espanhol do Uruguai, como o Atlas Diatópico e Diastrático do Espanhol do Uruguai. Nesse contexto, nada mais oportuno que investigar a performance dos falantes nativos com relação ao uso de consoantes fricativas, já que o português e o espanhol apresentam tão diferentes inventários fonológicos dessas consoantes.

Em uma pesquisa preliminar sobre o tema, realizada em três idiomas: português, espanhol e inglês, buscando-se particularmente artigos científicos, dissertações e teses relativos ao assunto, verificamos que, até dezembro de 2015, somente foram efetivadas pesquisas relacionadas às fricativas do espanhol em Cuba, Venezuela e Chile, sendo voltadas à dialetologia dos países citados. No Uruguai, pesquisadores como Magdalena Coll, Virginia Bertolotti, Beatriz Gabiani, Adolfo Elizaincin, entre outros, concentraram esforços no estudo do yeísmo, além de toda a perspectiva histórica que resulta do contato da língua portuguesa com a espanhola e dos usos e costumes que os agentes registraram desde o período fundacional na banda oriental. Verificamos, portanto, que seria relevante empreender esforços no sentido de discutir fatos sobre as consoantes fricativas do espanhol do Uruguai, com ênfase em fenômenos de cunho variável, considerando-se haver variação nessa classe de consoantes, com possibilidade de mudança em andamento.

Assim, o objetivo geral da presente investigação é analisar, à luz da Teoria da Variação Linguística e com o suporte da Fonologia de Traços, o comportamento das consoantes fricativas labiais e coronais do espanhol do Prata, bem como do processo de fricativização da plosiva labial vozeada, com foco particular na dimensão fonológica do traço de sonoridade, em falantes de Montevideu / Uruguai.

Na busca dessa meta, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- Descrever e analisar o comportamento das fricativas labiais e coronais no espanhol do Prata, considerando duas assimetrias que o sistema apresenta nessa classe de consoantes: (a) a ausência de contraste do traço $[\pm\text{son}]$ na classe das fricativas, diferentemente do que ocorre na classe das plosivas da língua, (b) a presença de apenas uma fricativa sonora (a fricativa palato alveolar), já que as outras três que compõem o inventário da língua são fricativas surdas.

- Descrever a produção e a percepção de segmentos fricativos labiais e coronais em falantes nativos de espanhol, de Montevideu/Uruguai, observando a presença ou não do

processo de sonorização nas fricativas surdas e do processo de dessonorização na fricativa palato-alveolar sonora.

- Identificar fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o emprego do traço [±son], por parte de falantes nativos de Espanhol de Montevidéu, na classe de consoantes fricativas labiais e coronais.

- Analisar os resultados sobre o comportamento das fricativas labiais e coronais no espanhol de Montevidéu com base nos pressupostos da Teoria da Variação Linguística laboviana.

- Discutir o processo de fricativização da plosiva labial vozeada e da dessonorização na classe das fricativas coronais, quanto à produção e à percepção, em falantes nativos de Espanhol de Montevidéu.

- discutir a transfonologização na classe de fricativas, nos pontos coronal e labial.

- Formalizar, com o suporte da Fonologia Autossegmental, os processos de que são alvo as fricativas do espanhol do Prata e a plosiva labial sonora.

Esses objetivos foram propostos a partir da formulação das seguintes questões de pesquisa:

- A utilização das fricativas labiais e das coronais no espanhol de Montevidéu apresenta foneticamente produções com o traço [+son]? Esse traço pode ser empregado contrastivamente, na classe das fricativas, por esses falantes?³

- Como estão sendo tratadas as assimetrias presentes na classe das consoantes fricativas labiais e coronais do espanhol pelos falantes de Montevidéu? Essas assimetrias podem estar mostrando tendências a alterações futuras no sistema?

- Quais fatores linguísticos e extralinguísticos podem determinar a ocorrência de segmentos fricativos labiais e coronais quanto ao traço [son]? Como se interpretam os dados relativos ao comportamento da classe das fricativas no espanhol de Montevidéu, à luz da Sociolinguística Variacionista?

- Que características apresenta o processo de fricativização da plosiva labial vozeada, quanto à produção e à percepção, em falantes nativos de Espanhol de Montevidéu?

³ Dentre as fricativas coronais do espanhol, a presente investigação tem como foco apenas o ponto coronal não anterior, desconsiderando a fricativa coronal anterior /s/ por esta não se mostrar alvo de variação no espanhol do Prata. Considerando o ponto labial na classe das fricativas, a atenção está voltada para a investigação da possibilidade de fonologização de /v/, como evolução do processo de fricativização da plosiva labial sonora /b/, processo já referido no presente estudo. A *transfonologização* é caracterizada como “o surgimento de um fonema novo, mediante o aproveitamento de um traço pertinente já existente no sistema” (CASTILHO 2011, p. 67; NEUSCHANK, 2015, p.45).

Com base nos objetivos, o presente trabalho visa contribuir para o entendimento do comportamento da classe de consoantes fricativas no espanhol do Prata e do processo variável de fricativização das plosivas sonoras, do qual resulta a manifestação fonética das consoantes fricativas sonoras [β,ð,ʁ], de modo particular a fricativização da plosiva vozeada labial. Para tanto, esta tese inclui a análise de testes de percepção e de produção linguísticas que envolvem consoantes fricativas. Os resultados do estudo podem oferecer informações capazes de trazer contribuições inclusive para o processo de alfabetização em língua espanhola.

Os fonemas fricativos da língua espanhola falada no Uruguai, de acordo com Hensey (1972), conforme já foi referido, são três surdas e uma sonora: /f/, /s/, /ʒ/, /x/. Segundo Hensey, portanto, a fonologia do espanhol do Prata integra uma fricativa labial (/f/), duas fricativas coronais (/s/, /ʒ/) e uma fricativa dorsal (/x/). O foco deste estudo está nos pontos labial e coronal: no ponto labial, porque algumas pesquisas, citadas logo a seguir, têm referido a possibilidade de emergência do fonema /v/, o que pode ser decorrente da fricativização da plosiva vozeada /b/; no ponto coronal, pela variação que as investigações têm apontado haver com as consoantes fricativas que portam esse traço ([f] ~ [ʒ]). Por sua estabilidade, a fricativa dorsal /x/ e a fricativa coronal anterior /s/ fogem ao escopo do presente estudo.

Se assumirmos Hensey (op.cit) como ponto de partida, tendo como referência o contexto histórico regional e, além disso, as interações sociais modernas, torna-se objeto de estudo analisar a variação que possa estar ocorrendo nas fricativas labiais e coronais do Prata quanto à sonoridade (traço [±son]). Duas razões justificam esse foco:

- a) o traço [±son] não se mostra distintivo no conjunto de consoantes fricativas inventariado por Hensey;
- b) no que tange às fricativas coronais, de acordo com Hensey, a única fricativa sonora no sistema seria a fricativa coronal /ʒ/.

Uma terceira razão pode somar-se a essas já arroladas: no tocante às fricativas labiais, merece atenção a possibilidade de fonologização (ou transfonologização – veja-se nota 3) do /v/, conforme já foi detectado em estudos de Cristina Isbájescu (Cuba), Luis Flórez (Colômbia), Bertil Malmberg (Argentina), e de Godsuno Chela-Flores (Venezuela) – a inclusão de /v/ no sistema implicaria a atribuição de valor contrastivo do traço [±son] na classe das fricativas, ou seja, no ponto labial, passaria a haver contraste entre as fricativas /f/ e /v/.

Dessa forma, esta Tese tem, como foco de estudo, a classe das fricativas, especialmente nos pontos labial e coronal, e a oposição (até o momento considerada variável nessa classe de consoantes) do traço [± son].

Como forma de recorte, quanto às várias possibilidades dialetais existentes da língua espanhola, decidimos investigar o comportamento das fricativas no Rio da Prata, mais especificamente, em Montevideu-Uruguai, por entendermos que nessa região se encontra uma rica participação, de acordo com referência acima apresentada.

Nesse cenário de investigação, o estudo que constitui a presente tese é apresentado na seguinte estrutura: após a introdução, vem o capítulo com os fundamentos teóricos da pesquisa; logo a seguir, são expostos os procedimentos metodológicos que conduziram o estudo. Na sequência, o capítulo subsequente apresenta a descrição dos dados, com ênfase na produção e na percepção dos segmentos consonantais estudados e, posteriormente, a seguir, está expressa a análise dos resultados; por fim, é apresentada a conclusão da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão apresentados os aspectos mais significativos do suporte teórico que foram utilizados na análise dos dados da presente pesquisa. Primeiramente é mostrado o sistema consonantal do espanhol *standard* e, após, é apresentado o sistema consonantal do espanhol do Prata, sendo seguido por exposição de fatos sobre o comportamento das fricativas na língua espanhola. Na sequência, é mostrado o sistema consonantal do espanhol do Prata e, depois, são registrados, a título de mera comparação com os dados do presente estudo, as fricativas do português, do italiano e do francês. A seguir, são expostos aspectos sobre a Fonologia Autossegmental, uma vez que este estudo trata dos traços distintivos como autossegmentos, e, subsequentemente, são trazidos aspectos basilares relativos à variação linguística, de particular relevância nesta tese.

Estudos de gramática histórica, referentes à fonologia da língua espanhola, dão conta do processo de evolução e consolidação do sistema consonantal do espanhol. No que tange à classe das consoantes fricativas, são descritas características quanto à sonoridade até a Idade Média e, nessa perspectiva, podemos encontrar estudos de Quilis (2006, p.247), Penny (2010, p.119), além dos detalhamentos de Alonso (1967, p.23), Lapesa e Alarchos (1974).

Como forma de chamar a atenção para o objeto da pesquisa, contrastamos os sistemas fonológicos de idiomas neolatinos como forma de atentar para a questão do traço [+son] na classe das fricativas, ou seja, para o fato de que esse traço distintivo funciona diferentemente em sistemas linguísticos que provêm da mesma fonte: o latim.

2.1 SISTEMA FONOLÓGICO DE CONSOANTES DO ESPANHOL (*STANDARD*)

No espanhol *standard*, segundo Quilis & Fernandez (2003), há 24 fonemas: 19 fonemas consonantais e 5 fonemas vocálicos. Considerando-se o foco desta investigação, listam-se os fonemas consonantais da língua:

Consoantes		Bilabial		Labiodental		Dental		Interdental		Alveolar		Palatal		Velar	
		sor.	son.	sor.	son.	sor.	son.	sor.	son.	sor.	son.	sor.	son.	sor.	son.
	Oclusiva	p	b			t	d							k	g
	Fricativa			f				θ		s			j	x	
	Africada														
	Nasal		m								n		ɲ		
	Lateral										l		ʎ		
	Vibrante simple										r				
	Vibrante múltiple										̄r				

Figura 4: Quadro de fonemas consonantais do espanhol

Fonte: Quilis & Fernandez (2003, p. 31)

Como o nosso propósito são as consoantes fricativas, destacamos que, para Quilis & Fernandez (2003, p. 31), a língua espanhola *standard* contém cinco fonemas fricativos, que apresentam as seguintes características:

/θ/: consonantal, oral, fricativo, interdental, surdo

/f/: consonantal, oral, fricativo, labiodental, surdo

/s/: consonantal, oral, alveolar, fricativo, surdo

/ʝ/j/: consonantal, palatal, central, fricativo, sonoro

/x/: consonantal, oral, fricativo, velar, surdo

A observação da Figura 4 leva ao entendimento de que a classe das consoantes fricativas da língua espanhola *standard* é diferente da classe das fricativas da região do Prata.

Cabe ainda, antes de passarmos aos contrastes, fazer algumas referências sobre as propriedades fonéticas das fricativas. Cedeño (1999) argumenta que, foneticamente, tem-se a produção de um som fricativo se o grau de constrição é levado ao ponto em que começa a formar-se uma turbulência no ar atrás do ponto em que os articuladores ativo e passivo se aproximam um do outro. Diz o autor que a qualidade fricativa do som, como o [f] em *falso*, [θ] em *zona*, [s] em *sol*, [x] em *jarra*, é claramente distinta e é usada de forma contrastiva em espanhol, daí serem considerados fonemas /f, θ, s, x/. A fricativa glotal [h] é muito comum como forma variante nos dialetos aspirantes.

De acordo com Cedeño e Morales (1999), as fricativas podem ser surdas ou sonoras, sendo as fricativas surdas mais comuns que as sonoras nas línguas, o que se deve à fricção que se produz ao se aproximarem os articuladores. Nestes sons, a constrição cria uma fricção mais

do que uma câmara de ressonância com um tamanho específico. A vibração glotal é perceptível quando se combina a fricção supraglotal, no entanto nada é adicionado à perceptibilidade inerente da consoante fricativa.

Reforçamos ainda que, para Cedeño (1999), o espanhol *standard* apresenta, em sua fonologia, cinco fricativas /f/, /θ/, /s/, /ʒ/, /x/.

O espanhol do Prata, que é objeto do presente estudo, contém, segundo Hensey (1972), também quatro fricativas, porém com uma diferença em relação ao espanhol *standard*, já que dele não faz parte a fricativa interdental; as quatro fricativas do espanhol do Prata, de acordo com Hensey, são: /f/, /s/, /ʒ/, /x/.

Em se tratando das formas alofônicas não oclusivas de /b/, /d/, /g/, diversos estudos (MARTINEZ CELDRÁN, 1985,1991; CANELADA & KUHLMAN, 1987; CANTERO SERENA, 2003, GIL (1988), MACHUCA (1997) têm questionado a terminologia “fricativa” para a realização alofônicas das oclusivas sonoras do espanhol. Outros estudiosos (NAVARRO TOMÁS, 1918; GILI GAYA, 1950; ALARCOS LLORACH, 1950; QUILIS, 1993) defendem o termo “fricativa”. Cita-se Celadrán (1991) na exposição de alguns dos motivos apresentados para que as formas fonéticas [β,ð,ɣ] sejam denominadas “aproximantes”:

Faz tempo (1984) resolvi chamar de aproximantes a este grupo de sons, seguindo as diretrizes que marcava o novo quadro da I.P.A (1979) e as definições do P. Ladefoged. Descartei a denominação espirante pois é, de fato, só um sinônimo de fricativa. De toda forma, ambas as terminologias possuem as suas vantagens e as suas desvantagens. Partimos do firme convencimento de que estes alofones não podem ser classificados como oclusivas propriamente dito, nem como fricativas. Reconhecemos que estão mais próximas aquelas que destas. Produzem-se pelo afrouxamento das oclusivas, não cabe a menor dúvida; porém, deixam de sê-lo na medida em que falte o fechamento absoluto daquelas e careçam de explosão. Além disso, este último elemento é o que mais perturba a sua identificação perceptiva, nas posições onde se manifestam. Certamente, não podem ser fricativas, pois carecem de ruído, que é o elemento caracterizador desta classe. Sua realização é diversa, porque há uma gradação de afrouxamento que implica uma menor ou maior abertura de canal supra glótico de acordo com o afrouxamento menor ou maior, respectivamente. O conceito de aproximante engloba uma classe muito ampla de sons pelo que não deixa bem delimitado o grupo de consoantes que estudamos. Existe a vantagem de que se converteu num termo geral em todo o mundo. No sentido de Catford, as aproximantes se opõem pelo seu modo de constrição às oclusivas, fricativas e ressoantes. Porém, incluem a vogais altas, glides, líquidas e um tipo de obstruintes, grupo ao qual pertenceriam as consoantes que estivemos estudando. Se queremos delimitá-lo perfeitamente, teremos que utilizar a caracterização de A. Martinet e a denominação que já tomou carta de natureza na fonética internacional: aproximante, com todas as precisões e exceções expostas. (MARTINEZ CELDRÁN, 1991, p.250)

Embora saibamos que existem as diferenças terminológicas quanto ao uso da denominação entre “fricativas” e “aproximantes” para a classe [β,ð,ʎ], deixamos claro que optamos pelo uso da denominação “fricativas”, conforme preconizado por Navarro Tomás (1918); Gili Gaya (1950); Alarcos Llorach (1950); Qulis (1993).

Considerando-se, portanto, o foco nas consoantes fricativas, após a exposição do sistema do espanhol *standard*, torna-se oportuno apresentarmos a seguir algumas observações sobre essa classe de consoantes e o processo de fricativização para, posteriormente, apresentarmos o espanhol do Prata e estabelecermos contraste com línguas neolatinas, destacando as diferenças entre os sistemas fonológicos.

2.1.1 Algumas observações sobre fricativas e o processo de fricativização

Na obra Elementos da Fonética Geral, de Gaya (1988, p.135), o autor faz menção à posição das fricativas nas sílabas e chama a atenção para as diferenças entre plosivas e fricativas, salientando o momento mais audível entre elas, ou seja, a tensão ou o tempo articulatorio. Embora essa seja uma característica entre plosivas e fricativas, o autor destaca que, para as plosivas, o tempo articulatorio possui menor perceptibilidade. O caráter construtivo das fricativas pode ser atribuído, para cada uma delas, em maior ou menor grau. Ainda de acordo com o autor, quanto à descrição dos sons fricativos, deve-se falar com frequência das áreas articulatorias ou pontos de articulação, como por exemplo: dental-alveolar, velo-palatal, velo-uvular; nessas áreas situa-se um bom número de variedades. Assim, de acordo com Gaya, a série de fricativas e suas variações é a mais numerosa, tanto no conjunto das línguas quanto no sistema consonantal de cada uma delas. Dentre as fricativas estão as bilabiais, em que o ar passa entre os lábios por uma fenda mais ou menos estreita, sem interrupção. Existem nas línguas também as fricativas labiodentais, com as variáveis surdas e sonoras: a labiodental surda “f” e a sonora “v” formam um par correlativo e somente são distinguidas pela presença ou ausência das vibrações laríngicas.

Segundo Gaya, a bilabial sonora [β] é muito frequente na língua espanhola e corresponde, na pronúncia corrente, a toda letra “b” ou “v” na ortografia que não seja inicial absoluta, nem seja precedida por nasal. Por essa observação de Gaya, nota-se que o autor identifica esse som como uma variante que se manifesta em um ambiente linguístico previsível. Quanto ao uso do som [v], que é labiodental, destaca que falantes das regiões de Valência, Baleares e algumas áreas da região sul da Catalunha ainda a produzem. Por fim, como anotação

relevante, devemos citar que essa manifestação sonora prevalentemente é realizada em contexto intervocálico.

Outro estudioso da pronúncia espanhola, Tomás (1961, p.79-85), dedica um capítulo em suas publicações às consoantes. Ao se referir às fricativas, argumenta que a sua articulação ocorre com os lábios entreabertos, glote-sonora, tensão-fraca e o restante da articulação igual a “p” e “b”. No entanto, há diferença entre os sons de [b] oclusiva e de [β] fricativa: esta, além de mostrar menor tensão muscular, pois em [b] os lábios fecham por completo, deixa o ar passar continuamente; em [β], os lábios permanecem entreabertos, deixando entre eles uma fenda mais ou menos estreita, de acordo com a natureza dos sons vizinhos e de acordo com a força da pronúncia.

Neste caso, ao compararmos ambos os autores, a contribuição de Tomás (1961) reside na descrição das ambiências contextuais que podem alterar a natureza da consoante. O autor ainda destaca que, em pronúncia forte, a abertura labial de [β] é mais estreita que em pronúncia fraca. Em início de sílaba, em contato com outra consoante imediatamente precedente (ex. do autor: *alba, sobre*), continua sendo, mesmo assim, mais estreita que em posição intervocálica ou em final de sílaba. Ainda o autor apresenta outros comentários importantes, como, por exemplo, que, em alguns casos, em pronúncia enfática, chega a se converter facilmente em [b] oclusiva, ou em [p] antes de uma consoante surda. Para todos os efeitos, cabe destacar que a [b] (bilabial oclusiva sonora) encontra ambientes profícuos para a sua realização conforme descrito por Tomás (1961: p84), que são:

- (a) inicial absoluta após uma pausa, como em: *Buenos días, búscalos e ¡basta!*
- (b) interior de grupo em contato com nasal anterior, como ocorre em: *hombre, sombra, un buen día.*

Porém, N. Tomás, ao falar sobre a pronúncia da fricativa [β], salienta que essa produção será realizada quando não se encontrarem inseridas nos contextos citados anteriormente (“a” e “b”). Nesse caso, para a realização de [β], como em *lobo* [loβo], a separação entre os lábios costuma ter entre 1mm e 2mm, similar ao assopro de uma vela ou quando assopramos para esfriar alguma coisa que esteja quente. Dessa forma, o contexto intervocálico, como em *lobo* e *acabar* favorece também esse tipo de produção; outra ambiência favorável seria inicial de sílaba entre consoantes (líquida ou fricativa coronal) e vogais, como em *arboleda, estorbo, albañil, esbelto, el bollo, las bocas*; inicial de sílaba entre consoantes (líquida ou fricativa coronal), como em: *bruto, sus brazos, tus blasones*; final de sílaba antes de consoante sonora, como em *abnegación, abdicar, subrayar*; final de sílaba diante de uma consoante surda, como é o caso

de *obcecado*, *objeto*, *absurdo*, *obsesión*; e por fim, quando for final de palavra como acontece em *Jacob*, *club*, *querub*.

Além desses casos, o autor ainda faz referência a outras situações em que a fricativa labial pode assumir o lugar de “p”, como acontece em *conce[β]ción* (*concepción*), *exce[β]ción* (*excepción*), *rece[β]ción* (*recepción*), *o[β]ción* (*opción*). E, por fim, a ocorrência de “b” fricativa com menor tensão quando estiver em “ab”, “ob”, “sub” seguidas de “s” além de outras consoantes: o autor destaca que não necessariamente será de produção totalmente sonora, como ocorre em *obstáculo*, *obstrucción*, *abstinencia*, *abstemio*, *abstracto*, *obsceno*, e que, além disso, podem sofrer elisões.

Portanto, um autor pode até detalhar mais do que o outro, quanto ao contexto de produção, porém podemos dizer que todos estão de acordo ao mencionarem as ambiências favoráveis para “b” oclusiva bilabial sonora e para “β” fricativa sonora. Ainda em N. Tomás (1961, p.90) existe um trecho dedicado à fricativa labiodental sonora.

De acordo com o autor, este tipo de produção labiodental sonora seria comum no francês, no alemão e no inglês e que somente a variação seria ortográfica (1961, p. 91). O autor também diz que a pronúncia de “v” seria igual à da bilabial oclusiva “b”, em posição inicial absoluta ou precedida de nasal “n”. Porém, ainda sobre “b” e “v”, o autor explica que a confusão existe desde as marcas do período hispano-romano. Aqui podemos ver que confusões referentes ao uso de “b” e “v” foram recorrentes no período de consolidação da língua espanhola. Aparentemente, nas escrituras medievais, a letra “b” representava o som bilabial oclusivo, enquanto a letra “v” representava a produção bilabial fricativa. Porém, em meados do século XVI, essa diferença foi perdida, identificando-se ambas igualmente com as consoantes que conhecemos como [b] e [β]. De acordo com o autor, não existiria notícia de que [v] labiodental tenha sido corrente na pronúncia espanhola, embora diversos gramáticos a tenham referido insistentemente. O autor destaca que, entre os espanhóis, somente se encontraria a produção [v] labiodental em algumas pessoas marcadas por preconceitos social. No entanto, os valencianos ou maiorquinos, além de alguns das comarcas do sul da Catalunha realizam labiodentais ao falarem espanhol e tal forma não seria em virtude de ênfases ou cultismos, mas, sim, pela influência fonética regional. Então, N. Tomás (1961, p.92) deixa latente o preconceito linguístico ao registrar que os bons falantes, oradores e o uso geral da língua são contrários a esse tipo de distinção, sendo a maioria das pessoas cultas, tanto em Castilla como nas outras regiões, contrárias a esse tipo de diferenciação, chamando-a de desnecessária, pedante e pueril, derivada de uma imperfeição fonética que historicamente foi preservada.

Alarcos (1976, p.41-42), sem tecer comentários particulares, salienta que a oposição [b] oclusiva e [β] fricativa não é diferencial. Em seu argumento, comenta que a oposição não é distintiva, pois as propriedades que as distinguem não são válidas fonologicamente no espanhol, ou seja, não constituem fonemas diferentes. Os significantes de uma língua são distinguidos graças aos fonemas, e estes são diferenciados e mantêm oposição entre si devido a suas características pertinentes ou diferenciais. Portanto, uma característica capaz de diferenciar por si o significado de uma palavra, como, por exemplo, a sonoridade, é uma característica diferencial pertinente e que assegura a função distintiva; essas características é que devem ser consideradas as unidades básicas da fonologia. Essas propriedades correspondem, na verdade, ao que a teoria fonológica identifica como ‘traços distintivos’. Alarcos, portanto, está em concordância com os outros autores quando diz que a propriedade que distingue “b” oclusiva e “β” fricativa não é fonológica, para esse par de consoantes, no espanhol.

A Real Academia da Língua Espanhola, em sua *Nueva Gramática de la Lengua – Fonética e Fonologia* (2011, p. 54), também faz menção às propriedades e diferenças entre as oclusivas e fricativas e salienta que os falantes manifestam um comportamento similar quando se trata do modo de articulação dos sons. Entre as definições aparece que: “é muito provável que a primeira consoante da palavra “bola” apresente características fonéticas diferentes às que possui a segunda consoante da palavra “loba””.

A gramática faz referência aos processos que desencadeiam mudanças na sonoridade das consoantes, sejam sonorizações ou ensurdecimentos. Essa mudança de sonoridade ocorre em [p] ~ [b]. A diferença entre [b] ~ [β] está na continuidade ou não da passagem do ar pelo trato vocal; essa propriedade é codificada, na fonologia, como o traço distintivo [$\pm$ contínuo].

Um dos pressupostos que devem ser levados em consideração refere-se aos contextos intervocálicos e o consonantal soante, particularmente as consoantes líquidas, pois tanto as vogais como as consoantes soantes são elementos sonoros contínuos (as consoantes soantes não contínuas são as nasais). Dessa forma, o processo de sonorização e de continuidade (alteração de [b] para [β]) pode ser considerado um fenômeno atribuível à expansão da sonoridade e do traço de continuidade do contexto imediato e seria um fenômeno fonológico natural, não marcado, posto que é produzido em diversas línguas e documentado em algumas passagens históricas.

2.2 AS FRICATIVAS DO ESPANHOL DO PRATA

Usaremos como referência Coll (2001). Segundo a autora, o espanhol do Rio da Prata apresenta o seguinte quadro de fonemas.

	Ponto de art.	bilabial	Lábio-dental	Dental	alveolar	Palatal	Velar
Modo de art.		Sur Son	Sur Son	Sur Son	Sur Son	Sur Son	Sur Son
Oclusivo		/p/ /b/		/t/ /d/			/k/ /g/
Fricativo			/f/		/s/	/ʒ/	/x/
Africado						/tʃ/	
Nasal		/m/			/n/	/ɲ/	
Líquido Lateral				/l/		/ʎ/	
Líquido Vibrante				/r/			

Quadro 1: Fonemas do Espanhol do Rio da Prata

Fonte: (COLL, 2001)

É relevante destacar que Coll (2001) integra, ao sistema consonantal do Espanhol do Prata, a lateral palatal /x/, diferentemente do que faz Hensey (1972). Também Coll não registra, na fonologia do espanhol, a presença de duas róticas, como o faz Hensey (1972). Para Hensey (1972, p.40), portanto, o sistema consonantal do Espanhol do Prata contém 17 fonemas: /p, b, t, d, k, g, f, s, ʒ, x, tʃ, m, n, ɲ, l, r, r#/. Também é importante salientar que o conjunto de fonemas consonantais do Espanhol do Prata, mostrada neste Quadro 1, é diferente daquele que corresponde ao Espanhol *Standard*, apresentado na Figura 4.

Quanto às fricativas Espanhol do Prata, Coll (2001) salienta que, foneticamente, o obstáculo da saída de ar é parcial ou, em outras palavras, o ar expirado produz uma fricção audível. Quanto ao plano fonológico da língua, Coll (2001) concorda com Hensey (1972) ao descrever que os fonemas fricativos do espanhol rio-platense são: /f/, /s/, /ʒ/, /x/.

Ainda é relevante observar que a classe das fricativas do espanhol se vê enriquecida por um processo alofônico que caracteriza a língua: as consoantes plosivas sonoras /b/, /d/ e /g/ adquirem as formas dos segmentos fricativos, respectivamente [β], [ð] e [ɣ], especialmente em posição intervocálica, como em: ta[β]aco, bo[ð]a e la[ɣ]o, ou ainda em outros ambientes, conforme referências no Seção 2.1.2 da presente tese. Esse é um processo reconhecido como

fricativização ou espirantização, em que as consoantes plosivas sonoras se transformam em fricativas quando aparecem entre vogais⁴, ou seja:

$$\left[\begin{array}{l} - \text{soante} \\ + \text{sonoro} \end{array} \right] \Rightarrow \left[+ \text{contínua} \right] / V __ V$$

Figura 5: Regra de fricativização do Espanhol

Fonte:

Além disso, tem de ser retomado aqui o fato já citado de que pesquisas sobre o espanhol têm referido a possibilidade de emergência do fonema /v/, ou seja, de um fonema fricativo lábio dental que se oponha a /f/ quanto ao traço de sonoridade – esse seria, conforme já foi acima salientado, um processo de *transfonologização*.

O sistema de quatro fricativas que caracteriza o espanhol do Prata (/f/, /s/, /ʒ/, /x/) é diferente do sistema de fricativas do português, como também de outras línguas neolatinas, como o italiano e o francês, por exemplo.

2.3 AS FRICATIVAS DO PORTUGUÊS

Utilizando o sistema de traços de Chomsky e Halle (1968), Lopez (1979, p. 55) descreve as consoantes subjacentes do português. De acordo com a autora, os traços distintivos, como unidade de descrição e análise da fonologia das línguas, serviram como instrumento formal para mostrar a naturalidade do funcionamento dos sistemas linguísticos. Dessa forma, Lopez (op. cit) apresenta as consoantes do português de acordo com o exposto no Quadro 2.

⁴ Embora a regra de fricativização seja aplicada após consoante líquida, ou após fricativa alveolar (Navarro Tomás), prevalentemente ocorre em contexto intervocálico e esse é o contexto referido na literatura em geral.

Consoantes subjacentes (fonemas) do português Chomsky e Halle (1968)

		+ anterior - coronal	+ anterior + coronal	anterior + coronal	- ant - cor - post	- ant - cor + post
+ obstruinte	- sonoro	p	t			k
- contínuo	+ sonoro	b	d			g
+ obstruinte	- sonoro	f	s	ʃ		
+ contínuo						
	+ sonoro	v	z	ʒ		
- obstruinte		m	n		ɲ	
+ nasal						
+ lateral			l		ɭ	
- lateral			r			

Quadro 2: Consoantes subjacentes do português

Fonte: Lopez (1979, p.55)

A fonologia do português, conforme expressa o Quadro 2, contém seis fricativas, com oposição do traço $[\pm \text{son}]$ nos três pontos de articulação: $/f/$, $/v/$, $/s/$, $/z/$, $/ʃ/$, $/ʒ/$. Comparando-se os inventários fonológicos do português e do espanhol, tem-se, portanto, uma importante diferença na classe das fricativas, não apenas com relação ao número de segmentos, mas também quanto ao papel contrastivo que o traço $[\pm \text{sonoro}]$ desempenha: no português, esse traço é contrastivo para todas as fricativas, mas não o é para as fricativas do espanhol.

O sistema de fricativas do português realiza-se plenamente no ataque silábico. No entanto, na posição de coda de sílaba, manifesta-se apenas uma fricativa coronal. Segundo Câmara Jr. (1970), a fricativa em coda de sílaba no português fonologicamente se institui como um arquifonema $/S/$; foneticamente, assimila o traço $[\pm \text{sonoro}]$ da consoante subsequente: $fe/S/ta \rightarrow fe[s]ta$; $mu/S/go \rightarrow mu[z]go$. De acordo com a região do país, a fricativa coronal em coda silábica pode realizar-se foneticamente com o traço $[+ \text{anterior}]$ ($[s]$, $[z]$) ou com o traço $[- \text{anterior}]$ ($[ʃ]$, $[ʒ]$). As fricativas em posição de coda silábica no português, portanto, podem apresentar as formas fonéticas $[s]$, $[z]$, $[ʃ]$, $[ʒ]$, condicionadas pela consoante seguinte e pela variedade diatópica, razão por que se encontram as manifestações $fe[s]ta \sim fe[ʃ]ta$; $mu[z]go \sim mu[ʒ]go$.

Considerando-se que o tema desta tese abrange, além das consoantes fricativas que são fonológicas, o emprego de segmentos fricativos derivados pelo processo de fricativização, é relevante salientar que o uso do português não apresenta o processo de fricativização das plosivas vozeadas. Esse é outro fato, além do número de consoantes na classe e do emprego contrastivo do traço $[\pm \text{sonoro}]$, que diferencia o uso de fricativas no português e no espanhol. Porém, é importante considerar que o processo de fricativização de consoantes plosivas ocorreu na formação do sistema consonantal do Português, se considerarmos a sua diacronia (NEUSCHANK, 2011, p.62; 2015, p.77).

2.4 AS FRICATIVAS DO ITALIANO E DO FRANCÊS

Considerando a especificidade do sistema fonológico de cada língua, a título de exemplo, trazemos duas outras línguas neolatinas – o italiano e o francês – que apresentam, em sua fonologia, um sistema de consoantes fricativas também diferente do espanhol do Prata.

O sistema consonantal do italiano é apresentado no Quadro 3:

PONTO MODO	LABIAL	DENTAL	ALVEOLAR	PALATAL	VELAR
Plosivas su	p	t	ts	tʃ	k
Plosivas so	b	d	dz	dʒ	g
Fricativas su	f		s		
Fricativas so	v			ʒ	
Nasal	m		n	ɲ	
Lateral			l	ʎ	
Vibrante			r		

Quadro 3: Sistema consonantal do italiano

Fonte: Nespor (1986)

A fonologia do italiano contém três fricativas – /f/, /v/, /s/ –, com oposição do traço [$\pm$ son] apenas no ponto labial. Esta seria uma das diferenças entre os sistemas do italiano e do espanhol do Prata, pois a fricativa labial sonora não está entre os fonemas do espanhol. Os sons [f] e [v] são alofones no italiano, sendo que o som [v] apenas é empregado em palavras estrangeiras, como *garage*, por exemplo, cuja origem está no francês; diferentemente, /v/ é considerado um fonema no sistema do espanhol do Prata (veja-se o Quadro 1). Além disso, na fonologia do espanhol do Prata ainda está presente a velar /x/, a qual não integra o sistema consonantal do italiano.

Quanto ao sistema consonantal do francês, apresenta seis fricativas, conforme apresenta o Quadro 4.

Ponto de articulação Modo de Articulação			bilabia l	Labiodenta l	Denta l	alveola r	alveolopalata l	palata l	vela r	uvula r
Oclusivas	Nasal		M		n			ɲ		
	ora l	Surda	P		t				k	
		Sonora	B		d				g	
Fricativas	Surda			F		S	ʃ			
	Sonora			V		Z	ʒ			
Aproximantes	Lateral					l				
	Central									ʁ

Quadro 4: Sistema consonantal do francês

Fonte: Tranel (1987, p. 126)

De acordo com os dados do Quadro 4, o sistema de fricativas do francês, contendo /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, é exatamente igual ao do português e, portanto, diferente do espanhol do Prata. As fricativas do francês, como ocorre com as do português, apresentam contraste de sonoridade nos três pontos de articulação em que se inserem: [labial] [coronal] e [dorsal].

A referência à classe dos fonemas fricativos que integram a gramática do português, do francês, do italiano e do espanhol é um testemunho das diferenças que línguas neolatinas podem ter apresentado desde a sua fonte, o latim. Retomamos aqui o estudo de Neuschrack (2015) para salientar que a classe das fricativas do latim contava com um número restrito de consoantes: o Latim Clássico continha três consoantes fricativas (/f, s, h/) e o Latim Vulgar apenas duas (/f, s/) (NEUSCHRACK, 2015, p.67-68).

Além disso, essa diferença pode ser tomada como um indício de que essas gramáticas ainda podem sofrer mudanças, o que pode levá-las a ficar mais próximas (ou mais distantes) umas das outras.

Em razão de os traços serem a unidade fonológica que opõe os segmentos no inventário de uma língua, apresentamos, a seguir, pressupostos básicos da Fonologia Autossegmental, que é teoria que concebe os traços como unidades independentes, ou autossegmentos. Os traços também integram a análise dos dados desta tese.

2.5 FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL

2.5.1 Aspectos preliminares sobre traços

A Fonologia Autossegmental está entre os modelos teóricos da Fonologia denominada não-linear, em oposição à Fonologia Gerativa Clássica, linear, proposta por Chomsky & Halle (1968). De início é importante salientar que a Fonologia é a ciência que estuda os fonemas e a maneira como eles se estruturam nas línguas. No desenvolvimento do conceito de fonema foram fundamentais os trabalhos do Círculo Linguístico de Praga, da qual faziam parte linguistas importantes. Dentre esses, destaca-se Trubetzkoy, em razão de seu interesse pela compreensão das propriedades fonológicas dos traços fonéticos usados nas diferentes línguas. A sua contribuição consiste na fundamentação da fonologia na classificação das oposições distintivas sobre a base: a) de sua relação como o sistema completo de oposições; b) das relações entre os membros de oposições e; c) da extensão de suas forças distintivas. Em outras palavras, vem de Trubetzkoy a noção de que o alicerce dos segmentos que compõem um sistema está na análise fonológica dos contrastes fonéticos, sendo que o mesmo contraste fonético pode estruturar-se diferentemente nas línguas. Conforme afirma Hyman (1975), foi Trubetzkoy que tentou dar uma análise fonológica aos contrastes fonéticos. Estão, portanto, na Escola de Praga as raízes da noção de traços distintivos como unidade fundamental do funcionamento das fonologias das línguas.

Jakobson e colaboradores também incorporaram a fonética acústica aos estudos fonológicos. Em 1952, Jakobson, Fant & Halle propuseram um modelo fonológico de traços distintivos a partir de propriedades acústicas dos sons. Diz Hyman (1975) que Jakobson, buscando desenvolver uma teoria que previsse as oposições fonológicas, tinha a hipótese de que a presença de determinadas oposições inibia o funcionamento de outras. Assim, defendia que não mais do que 12 ou 15 traços fonéticos seriam necessários para diferenciar os fonemas de uma língua. À luz da fonologia, para Jakobson, Fant & Halle, os traços são distintivos e têm natureza binária: um traço pode ter dois valores: (+) positivo ou (-) negativo, representando, respectivamente, a presença ou a ausência da propriedade no segmento. Dessa forma, os fonemas poderiam apresentar, por exemplo, o traço [+ nasal], presença da propriedade, ou o traço [-nasal], ausência da propriedade. Merece ser destacado que tais traços binários foram propostos para captar as oposições fonológicas encontradas nas línguas, e não para captar as diferentes realizações fonéticas dessas oposições, referentes ao conjunto de traços distintivos.

Dessa forma, os linguistas chegaram a um denominador de que os fonemas são conjuntos de unidades mínimas, de traços distintivos; esta noção foi proposta tanto na escola norte-americana como na europeia. Os traços distintivos são as unidades mínimas, contrativas, que irão distinguir entre si os elementos lexicais. É, portanto, a partir dos traços que são organizados os sistemas fonológicos das línguas. É fundamental ter-se presente que as línguas não têm o mesmo sistema, seja pelo número diferente de fonemas, seja pelo funcionamento desses fonemas no sistema.

O estudo dos traços como unidade mínima da Fonologia alcançou grande avanço com a Fonologia Gerativa, particularmente com Chomsky e Halle, com a publicação de *The sound Pattern of English*, de 1968, em que propuseram um sistema de traços de base fundamentalmente articulatória, procurando caracterizar os traços como propriedades que constituem os segmentos e que também formam classes naturais de segmentos – sons que funcionam conjuntamente em regras fonológicas –, propiciando a formalização mais econômica de processos naturais. As classes naturais são compostas por dois ou mais segmentos, sendo a classe identificada por menor número de traços do que o requerido para especificar cada membro da classe isoladamente. Explica Hyman (1975, p. 139-140) que os segmentos pertencem à mesma classe natural quando um ou mais dos seguintes critérios são encontrados em uma língua:

- a) os dois ou mais segmentos sofrem a mesma regra fonológica;
- b) os dois ou mais segmentos funcionam juntos no ambiente da regra fonológica;
- c) um segmento é convertido em outro segmento por uma regra fonológica;
- d) um segmento é derivado no âmbito de outro segmento (como no caso da assimilação).

Uma regra é natural sempre que os segmentos nela envolvidos pertençam à mesma classe natural.

Na Fonologia Gerativa Clássica, os traços distintivos fazem parte de uma classe universal de traços fonéticos, os quais também classificam, no nível fonológico, os segmentos existentes nas formas de base de cada língua, isto é, se por um lado os traços distintivos são designados para descrever os conteúdos fonéticos dos segmentos derivados de regras fonológicas, por outro, categorizam os segmentos subjacentes. Ao diferenciarem as funções fonética e fonológica dos traços, Chomsky e Halle atentaram não apenas para o caráter contrastivo, fonológico dos traços, mas também observaram a presença de traços não contrastantes nos segmentos, ou seja, não se detiveram apenas nas suas propriedades distintivas. Para os autores, dividindo-se os segmentos em traços, é possível evidenciar a naturalidade das regras e descrever o funcionamento das línguas.

Cada fonema, nesse modelo, é definido por um conjunto de traços, uma coluna de traços, sem uma organização definida, sendo que essa coluna de traços mantém uma relação bijetiva com o fonema que ela representa – essa característica classifica o modelo como linear.

A Fonologia Gerativa de Chomsky e Halle sofreu uma série de modificações em suas hipóteses básicas, principalmente no que se refere a seu caráter linear e à organização dos traços na composição dos segmentos. O modelo gerativista, no tocante aos traços distintivos, foi questionado, pois se verificou que algumas vezes os traços funcionavam independentes dos outros traços e, em outras, em conjuntos com determinados traços. Dessa forma era preciso expressar esse comportamento diferenciado entre os traços distintivos.

2.5.2 Os traços na Fonologia Autossegmental

A Fonologia Autossegmental, além de conter outros pressupostos, fundamentou-se em três noções basilares: (a) os traços podem funcionar de forma independente (como autossegmentos), (b) os traços estão hierarquicamente organizados ao estruturar os segmentos (vogais e consoantes) e (c) os traços não mantêm relação de bijetividade com o segmento que representam.

A Fonologia Autossegmental teve o início de seu desenvolvimento em Goldsmith, em 1976, e representou a primeira tentativa de integrar as propostas não-lineares do ponto de vista da organização dos traços dentro de um marco conceptual derivado da Fonologia Gerativista Clássica. Conforme explica Matzenauer (1996), Goldsmith observou que, em muitas línguas tonais, o apagamento de um segmento não implicava o desaparecimento do tom que recaía sobre ele, mas que esse tom podia espalhar-se para outra unidade fonológica. A Fonologia Autossegmental passou a defender que o segmento apresenta uma estrutura interna, isto é, que existe uma hierarquização entre os traços que compõem determinado segmento da língua. Com o reconhecimento de uma hierarquia entre os traços, passou-se a analisar os segmentos em camadas, ou seja, foi possível dividir partes do som e tomá-las independentemente.

A Fonologia Autossegmental caracteriza-se por tratar os traços fonológicos como unidades cujo domínio pode ser maior ou menor que um segmento e cuja representação, refletindo a organização hierárquica, deve ser feita em diferentes camadas, dispostos em diferentes planos. A Geometria de Traços fonológicos, proposta por Clementes (1985, 1991), defende que os traços que constituem os segmentos que estão no mesmo morfema são adjacentes e formam uma representação tridimensional que permite distingui-los.

O princípio que rege a Geometria de Traços é que somente conjuntos de traços que tenham um nó de classe em comum podem funcionar juntos em regras fonológicas. A estrutura arbórea possibilita expressar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo, atendendo ao princípio de que as regras fonológicas constituem uma única operação, seja de desligamento de uma linha de associação ou de espraio de um traço. Desde que as regras fonológicas se apliquem às classes naturais de sons, podem ser definidas em termos de traços, explicando-se dessa forma também a aquisição da linguagem, os transtornos e as mudanças históricas da linguagem.

Ao contrário dos modelos anteriores, a Fonologia Autossegmental vai organizar os traços em uma hierarquia, com base na ideia central de que as representações fonológicas estão compostas por várias camadas – *tiers* – independentes e que são ligadas entre si através de linhas de associação. As regras fonológicas podem atuar sobre estes autossegmentos individualmente, ou podem afetar conjuntos de traços. Os traços são definidos como simultâneos e estruturados no nível fonológico, realizando-se assim a organização hierárquica dos traços na representação fonológica.

Tal organização vai se expressar em dois sentidos: (a) em um ordenamento de traços que fornecem evidências da natureza do seu comportamento em certos tipos de regras fonológicas, ou seja, certos conjuntos de traços comumente atuam como unidades funcionais com relação às regras fonológicas, e também (b) em um conjunto de traços que designam e descrevem lugares ou pontos do sistema fonador, como a língua, os lábios, a laringe, bem como aspectos da fonação, organizando-se hierarquicamente. Dessa forma, são captadas a natureza fonológica e também a natureza fonética presente nos segmentos. A organização fonológica dos traços foi representada através do agrupamento em estruturas arbóreas hierarquizadas. Os grupos menores são sucessivamente reagrupados em classes maiores até que todos os traços venham a formar um nó único, ou seja, o nó raiz, que domina todos os traços, e é denominado por uma unidade abstrata de tempo (Clements & Hume, 1995).

Nesse modelo teórico, os traços fonológicos possuem *status* de segmentos autônomos, portanto, são autossegmentos, colocados em camadas independentes na representação arbórea. Sendo autossegmentos, os traços podem entrar em relações não-lineares com outros *tiers*. Para esse modelo, portanto, o segmento apresenta uma estrutura interna, com hierarquização dos traços que o compõem, constituindo, segundo Clements e Hume (1995, p. 249-251), uma geometria de traços. Um nó articulador agrupa esses traços com base no articulador que os executa (BISOL, 1994, p.128), através de configurações de nós hierarquicamente ordenados, em que os nós terminais são traços fonológicos e os nós intermediários, classes de traços.

A organização interna dos segmentos pode ser representada mediante um diagrama arbóreo como se mostra a seguir:

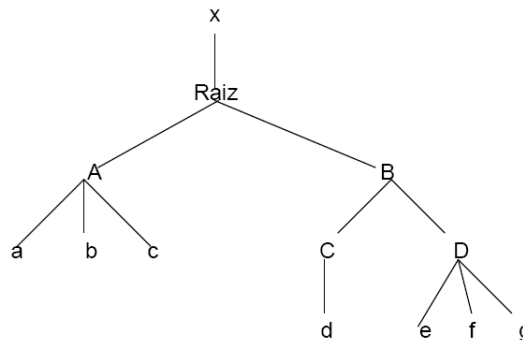


Figura 6: Diagrama arbóreo mostrando a organização interna de um segmento

Fonte: Clements & Hume (1995, p.249)

Nesse diagrama, **x** representa o tempo fonológico; a linha das unidades do tempo também é chamada de linha esquelética ou prosódica. O nó da raiz, **r**, é dominado por **x**, sendo constituído pelos traços maiores [soante], [aproximante] e [vocoide]; representa o segmento como uma unidade fonológica. Os nós são ligados por linhas de associação. A unidade temporal possibilita a definição de segmentos segundo o número de ligações. Os nós A, B, C, D representam nós de classes, que dominam grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais em regras fonológicas. Os nós C e D são irmãos e ambos são dependentes de B. Os nódulos terminais a, b, c, d, e, f, g são traços fonológicos (MATZENAUER, 1999, p.47-51). Os três traços que compõem o nó de raiz (r) não podem ser desligados ou espalhados isoladamente. O nó laríngeo pode espalhar-se ou desligar-se levando os traços que estão sob seu domínio. Sob o nó cavidade oral “B” estão o traço [contínuo] e o nó ponto de consoante, sob o qual se dispõem os traços [labial], [coronal] e [dorsal]. Nos segmentos vocálicos, o nó vocálico domina os traços de ponto de abertura das vogais, caracterizando os traços vocálicos como uma unidade funcional; também permite a representação das articulações secundárias de consoantes complexas, como [k^w, g^w] ou [t^j], por exemplo (MATZENAUER, 1999). A representação da organização dos traços fonológicos – denominada geometria de traços – permitiu uma nova concepção da estrutura interna dos traços e possibilitou ainda evidenciar a naturalidade do funcionamento conjunto de grupos de traços distintivos.

A geometria de traços que representa a organização hierárquica das consoantes é mostrada na Figura 5.

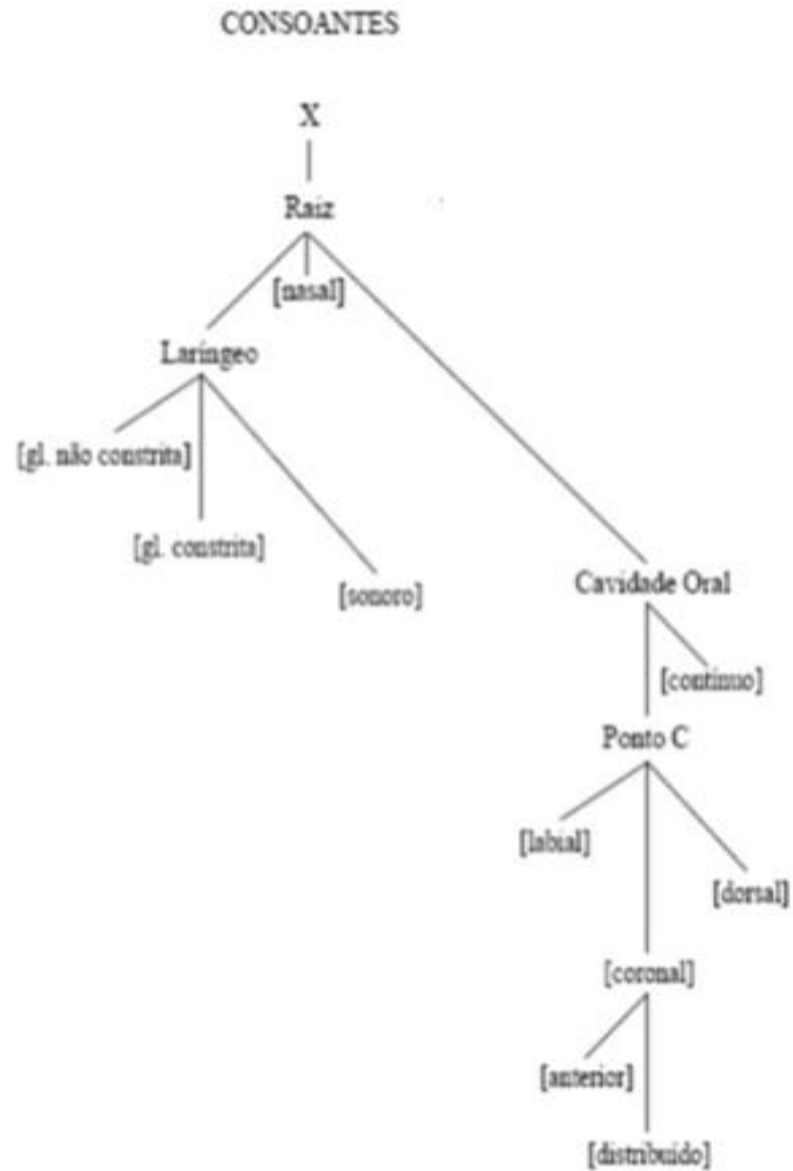


Figura 7: Representação das Consoantes

Fonte: Matzenauer (1996, p. 50)

Na representação das vogais, o nó Vocálico domina os traços de ponto e de abertura das vogais, como é mostrado na Figura 6.

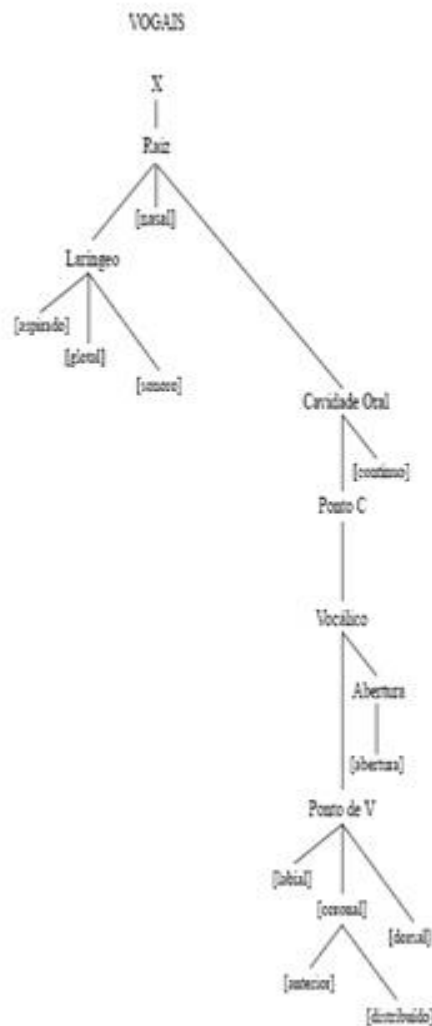


Figura 8: Representação das Vogais

Fonte: Matzenauer (1996, p. 50)

Sendo os traços considerados autosegmentos, uma regra pode operar somente em um *tier* (no *tier* [contínuo], por exemplo), ou em um nó de classe (no nó PONTO DE C, por exemplo).

Na Fonologia Autossegmental, há princípios que determinam a aplicação de regras. Tais princípios, de acordo com a explicação de Matzenauer (1999), decorrem, pelo menos em parte, das propriedades estruturais das representações. São eles: 1º) Princípio de Não-cruzamento de linhas de Associação (proíbe a associação de dois elementos por linha que implique cruzamento sobre outra linha); 2º) Princípio de contorno obrigatório (OCP) (elementos adjacentes idênticos são proibidos); 3º) Princípio de Restrição de ligação (a aplicação de uma regra está restrita à forma que nela é representada).

Esses princípios governam as representações fonológicas, tendo o efeito de tornar bem-formadas as representações malformadas através da adição ou apagamento de linhas de associação.

Considerando-se que o foco do presente estudo são as consoantes fricativas, apresentamos, na Figura 7, à luz da noção de traços advinda da Fonologia Autosegmental, a geometria que caracteriza a estrutura interna da consoante fricativa /s/.

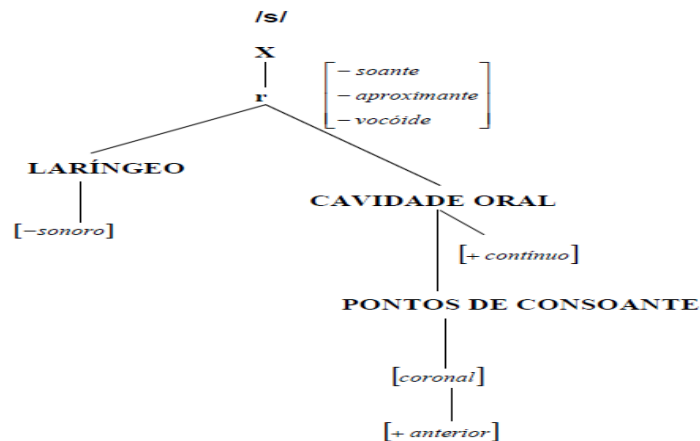


Figura 9: Diagrama arbóreo com a organização interna da fricativa /s/
Fonte: o Autor

Para a caracterização dos fenômenos estudados nesta tese, interessam particularmente os traços [$\pm$ sonoro] e [$\pm$ contínuo]. O traço [$\pm$ sonoro], localizado, na geometria, sob o nó Laríngio, é o que distingue as fricativas surdas das fricativas sonoras: enquanto, por exemplo, a fricativa /s/ apresenta o traço [-sonoro], a fricativa /z/ carrega o traço [+sonoro]. Também é relevante o traço [$\pm$ contínuo], localizado, na geometria, sob o nó Cavidade Oral, pois é esse traço que distingue as consoantes plosivas das consoantes fricativas; no processo de fricativização das plosivas sonoras /b/, d/, /g/, o valor do traço [contínuo] é alterado: as plosivas /b/, d/, /g/ portam o traço [-contínuo], enquanto as fricativas contêm o traço [+contínuo].

Para que possamos verificar o uso das consoantes fricativas no espanhol de Montevideu, faz-se necessário discorrer sobre variação linguística; é esse campo da Ciência Linguística que descreve e explica o funcionamento variável de fenômenos das línguas, como os que afetam o uso de consoantes fricativas e de plosivas vozeadas do espanhol.

2.6 TEORIA DA VARIAÇÃO

A teoria da variação tem como ponto de partida uma análise realizada em 1904 por Louis Gauchat, que descreveu a variedade de francês falada pelos membros de uma pequena comunidade rural suíça. O autor conseguiu verificar que a variação linguística, por intermédio dos diferentes grupos etários, era sistemática; essa observação também lhe permitiu questionar a ideia de que a diversidade era resultado de empréstimos dialetais conforme citado por Ana Paula Correa da Silva, 2014, p. 41.

Conforme a autora, a partir de então, começa a haver um novo ponto de vista sociológico de língua; a proposta foi lançada pelo linguista francês Antoine Meillet e compartilhada por Gauchat. O argumento estava na complexidade do homem e dos grupos sociais em que ele se encontra inserido, refletindo, dessa forma, uma língua também complexa. Eduard Hermann, duas décadas depois, reforçou a tese ao investigar a mesma comunidade que havia sido estudada por Gauchat. Constatou que algumas das mudanças em progresso, apontadas anteriormente pelo linguista, haviam sido implementadas e que outras ainda estavam em andamento, detectando um padrão de variação com indícios de motivação social.

Tem-se nos estudos de Gauchat, Meillet e Hermann o ponto de partida da Sociolinguística, cujo nome é atribuído a uma disciplina que engloba os fenômenos linguísticos que surgem na fronteira entre língua e sociedade. Posteriormente, com Weinreich, Labov e Herzog (1968, 2006), surge a base da Sociolinguística Quantitativa, cuja ideia está centrada em que as formas alternantes do sistema linguístico deveriam ser investigadas com base nas relações entre língua e sociedade. Labov (1972 p.2008) ressaltou que a análise linguística de seu tempo entendia a variação como resultado de mistura dialetal ou como casos de variação livre.

A partir de então, Labov (1972) propõe a regra variável através de exemplos do inglês vernacular dos negros, ou seja, uma variedade de inglês falada pela maioria dos jovens negros americanos entre 8 e 19 anos que havia sido discriminada pelos falantes de inglês americano padrão, sendo considerada um conjunto desorganizado de regras que variava livremente. A partir do estudo de Labov, essa variedade utilizada pelo grupo social negro passou a ser considerada uma variedade que respeitava a gramática básica da língua inglesa, que apresentava uma estrutura e um condicionamento diferente, porém, sistematizável.

Com suas pesquisas, Labov explicitou um vínculo entre os fenômenos da variação e da mudança linguísticas:

[...] as forças que impulsionam as mudanças linguísticas em germe no presente são as mesmas que impulsionaram mudanças operadas no passado. O que, em outros termos, equivale a dizer que a língua de ontem não era, em sua essência, diferente da língua de hoje (LABOV, 2008, p.183).

A partir desse momento, Labov torna-se uma figura importante para o futuro das investigações no campo da Sociolinguística. Proposta a Teoria da Variação, tem-se um modelo teórico-metodológico que descreve e analisa fenômenos variáveis que ocorrem na fala e que procura interpretar os fatores de natureza linguística e extralinguística que os condicionam e os explicam.

Nesse modelo, as variáveis extralinguísticas ou sociais da variação relacionam-se aos fatores ligados à identidade dos falantes e à organização da comunidade de fala. Assim, ‘classe social’, ‘idade’, ‘sexo’, ‘etnia’, entre outros, são identificados como variáveis de natureza social.

Por outro lado, também há as variáveis linguísticas, que se constituem em condicionamentos da variação motivados pela própria estrutura do sistema linguístico. Portanto, além de os fenômenos em variação sofrerem influência das chamadas variáveis sociais, pode também haver condicionamentos por contextos linguísticos.

Em Brescancini (1996), encontramos que: “variabilidade é uma característica essencial a qualquer sistema linguístico, sendo que esse fato conduz naturalmente à busca por uma explicação para o falante, ou grupo de falantes, efetuar uma determinada escolha e não outra”.

Assim, tem de haver o entendimento de que as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas não ocorrem simplesmente por opção do falante, mas obedecem a um padrão sistemático regulado por regras especiais, conhecidas como regras variáveis, que expressam a covariação entre elementos do ambiente linguístico e do contexto social.

Brescancini (1996), quando se refere à definição da configuração de uma regra variável, cita que é necessário percorrer basicamente seis etapas: a primeira, delimitar precisamente o fenômeno linguístico, ou seja, definir a variável dependente. Após esse primeiro passo, haveria condições de iniciar a segunda etapa, que deve apontar as características internas (variáveis independentes linguísticas) e externas (variáveis independentes sociais) ao sistema linguístico que podem influenciar a variável dependente. A partir deste momento, torna-se importante verificar a estrutura social da comunidade a ser investigada, ou seja, é necessário que o pesquisador acesse informações como: presença de imigrantes, relevância da idade, classe social, sexo, escolaridade, existência de grupos étnicos que possam apresentar diferentes variantes de fala e variação estilística - esses fatores externos à língua, vinculados aos

indivíduos, constituem-se nas chamadas variáveis sociais ou extralinguísticas que podem condicionar os fenômenos linguísticos.

Após realizadas essas observações, é possível passar à terceira etapa. O pesquisador deve, então, procurar reunir os dados de fala real, que é a base para a formulação da regra de variação. Neste momento é possível verificar bancos de dados, com o material coletado, ou ainda pode-se ir a campo e efetuar a própria coleta de dados. Na presente tese, optamos por coletar os dados na localidade alvo da pesquisa.

Nessa perspectiva variacionista, os dados coletados constituem um *corpus*, que é submetido a uma análise estatística, na qual se determinam as variáveis que efetivamente são significativas para a avaliação do fenômeno foco do estudo e, entre elas, são determinadas quais fatores se revelam como favorecedores ou inibidores de cada forma variante.

Nesta tese, de acordo com a exposição feita no Capítulo 3, optamos por seguir os passos descritos por Brescancini (1996). A autora informa que se deve dividir a população de interesse em várias unidades compostas, cada uma delas, de indivíduos com as mesmas características sociais (OLIVEIRA e SILVA, 1992, p. 104). Tais unidades são conhecidas como células e devem ser preenchidas de forma aleatória, o que significa dizer que cada membro da comunidade de interesse tem a mesma chance de ser escolhido para fazer parte da pesquisa. Esse procedimento oferece a possibilidade de que os resultados obtidos para esse pequeno número de membros possam ser projetados à comunidade de fala como um todo. Coletado o *corpus*, os dados são codificados e tratados estatisticamente, oferecendo as bases para a interpretação dos resultados.

A Teoria da Variação propõe uma metodologia capaz de ser aplicada a vários estudos a respeito de variação linguística e os resultados alcançados podem ser interpretados à luz de diferentes modelos da teoria linguística.

Enfatizando-se que os fenômenos de natureza variável presentes nas línguas podem encontrar motivação em fatos estruturais, inerentes ao funcionamento de sistemas linguísticos, ou em fatos sociais, inerentes à comunidade que utiliza a língua, é importante apresentarmos o contexto em que vivem os informantes que integraram o presente estudo sobre o uso de consoantes fricativas do espanhol. Consideramos o espaço social de Montevideu, onde vivem os falantes do espanhol aqui analisado, parte do fundamento teórico da presente pesquisa, razão por que, a seguir, apresentamos uma caracterização da cidade.

2.7 SOBRE MONTEVIDÉU

Em virtude de o foco desta tese ser o espanhol falado em Montevidéu, informações sobre a cidade e sua história apresentam especial relevância.

A fundação da cidade de Montevidéu ocorre em 1723, quando o governador do Rio da Prata, Bruno Mauricio de Zabala, foi enviado pela coroa espanhola para fundar a cidade e expulsar os portugueses que haviam edificado o Forte de Montevidéu.

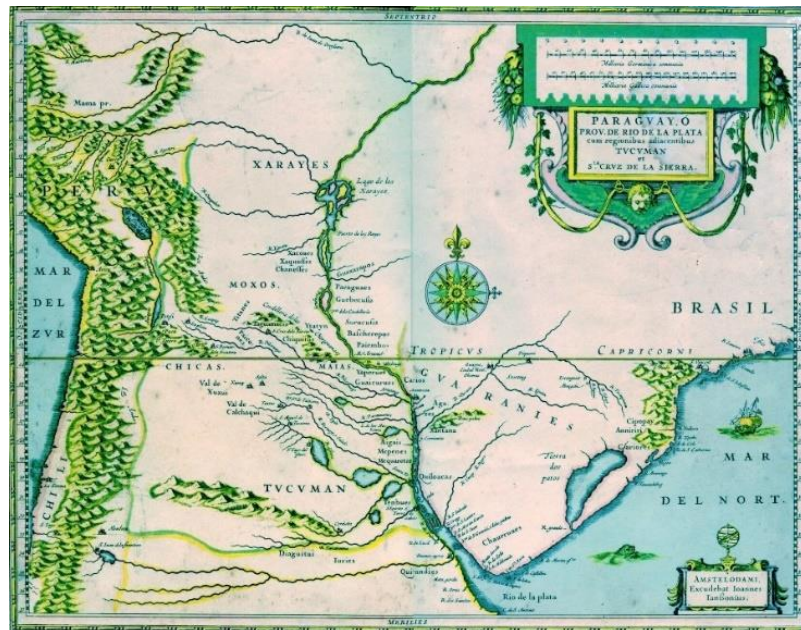


Figura 10: Região do Prata, início do séc. XVII

Fonte: Disponível em : <<http://goo.gl/Lyf6U6>>. Acesso em : 10 mar. 2017.

A partir de então, as primeiras famílias que povoaram “San Felipe y Santiago de Montevideo” eram oriundas de Buenos Aires, de origem espanhola. Com isso, Montevidéu passa a ser um dos principais portos da região do Prata e, decorrente dessa classificação, trava diversos conflitos com a cidade vizinha Buenos Aires, que, naquele momento, era capital do Vice-Reinado da Espanha.

Pedro Millán foi o responsável por elaborar o plano da cidade em 1726 e, nesse momento, começavam a chegar os imigrantes das Ilhas Canárias. A partir desse planejamento, a cidade passa a ter robustas muralhas. Dessa estrutura, nos dias de hoje somente o pórtico ainda se encontra no local.

Por ser um ponto estratégico de navegação e passagem de prata, que era levada à Europa, oriunda do Peru, a região passa a ser cobiçada. Prova disso ocorre em 1807, quando os ingleses

tentam invadir a cidade e, ao serem confrontados e vencidos pelos orientais, a cidade ascende ante a coroa espanhola. Após esse episódio, ocorrem as Revoluções de Maio de 1810 em Buenos Aires, que buscavam a sua independência. Montevideu manteve-se fiel aos ideais espanhóis e a coroa espanhola opta por instalar-se na nova cidade. Esse acontecimento torna-se um marco para Montevideu e contribuiu para o seu crescimento. Em 1816, Montevideu passa a ser considerada como *cidade estado* e, nesse período, ocorre a primeira divisão administrativa. Na Figura 11, temos o Plano de Fundação da cidade de Montevideu.



Figura 11: Plano de Fundação da cidade de Montevideu

Fonte: Disponível em: <<https://goo.gl/g8fq4f>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Em 1828, com a independência da coroa portuguesa, Montevideu foi elevada a capital e, a partir da promulgação da constituição, em 1830, projetou-se uma “Nova Cidade”. O desenvolvimento da cidade implicou avanço além dos limites da Cidadela. Mesmo que a expansão demográfica e territorial tenha sido além muros e pórticos, a atual Cidade Velha, bairro de Montevideu, foi o espaço urbano que se constituiu no centro econômico e cultural de Montevideu – veja-se Figura 12.

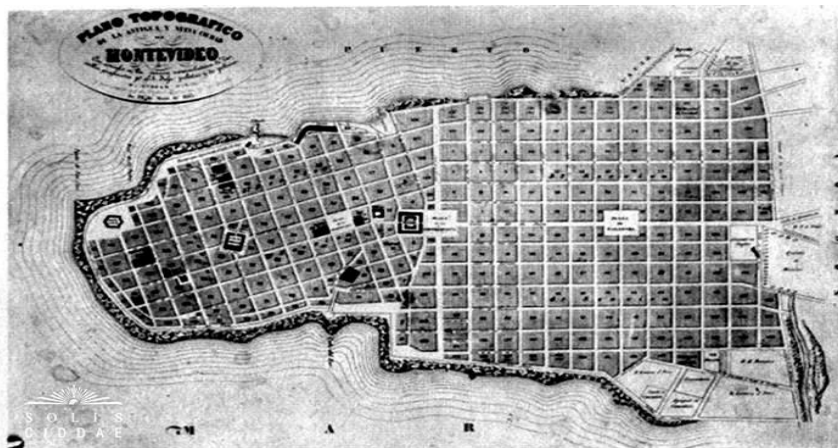


Figura 12: Plano topográfico da Cidade, organizado em 1829 por D. José María Reyes

Fonte: Disponível em: <<http://www.uruguai.org/a-historia-de-montevideu/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Em 1900, ocorreram as ondas migratórias desde a Europa e essa mobilidade oportuniza novos ares à cidade, além de trazer os escravos africanos, o que ocorreu durante a época colonial.

Atualmente, a cidade conta com uma população estimada de 1,3 milhão de habitantes (estimativa de 2016 para a capital), distribuídos em 62 bairros, e equivale a 43% da população total do Uruguai. Em 2002, com a crise enfrentada no ano anterior pela Argentina, a capital uruguaia também foi afetada com uma das maiores crises bancárias e econômicas da sua história. Todos os setores foram atingidos e, atualmente, a recuperação econômica e os laços comerciais com os países vizinhos contribuem para o desenvolvimento econômico. Embora a cidade enfrente problemas sociais, como, por exemplo, problemas na segurança pública, a capital ocupa a posição 96 entre as 230 avaliadas pela consultora *Mercer Human Resources Consulting*. Essa posição concedeu, à cidade de Montevidéu ainda alcançou, pela *Consultoria Internacional Mercer*, a posição de melhor cidade da América do Sul, devido à qualidade de vida e ao ambiente social e político; é, portanto, um bom lugar para se morar na América Latina. O montevideano gosta de passear pela Rambla e tomar mate contemplando a vista ao Rio da Prata⁵. Dessa forma, é possível dizer que aos montevidianos e, por que não, aos uruguaio, a vida ao ar livre é uma das preferências. Essa poderia ser a justificativa pela grande quantidade de parques e espaços arborizados espalhados pelo seu território.

Encerrando-se os pressupostos basilares que sustentam o presente estudo, no capítulo seguinte explicitamos os procedimentos metodológicos que nortearam a investigação realizada.

⁵ A constatação sobre os gostos do montevideano encontra-se registrada na presente pesquisa entre as questões respondidas pelos próprios informantes. Dessa maneira, a informação não somente soma-se ao caráter pitoresco da cidade, mas, também, consta nos dados coletados da pesquisa, que atestam tal informação.

3 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a metodologia que foi empregada na pesquisa, os instrumentos de apoio e os procedimentos utilizados para a coleta de dados, os critérios para a escolha dos informantes, as variáveis controladas no trabalho e o método de análise utilizado.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA COLETA

Os dados que formaram o *corpus* desta pesquisa foram obtidos por meio de gravações de entrevistas de caráter sociolinguístico, com questões livres e, além da entrevista, foram aplicados três instrumentos: dois instrumentos foram propostos para a obtenção de dados de percepção e o outro instrumento visou à obtenção de dados de produção dos segmentos consonantais, objeto de investigação no presente estudo.

Os dados que compõem este trabalho foram obtidos “in loco”, na cidade de Montevidéu – Uruguai, pelo responsável da pesquisa. De início, os informantes assinaram o anexo 1; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, escrito em espanhol, de acordo com o Projeto original do estudo, aprovado pelo Comitê de Ética da UCPEL (Processo nº CAAE 39372614.6.0000.5339) – ANEXO 2.

A seguir, os informantes deveriam responder um Questionário Sociolinguístico (ANEXO 3), que tinha, como objetivo, caracterizar os informantes e verificar se atendiam aos pré-requisitos exigidos pelo estudo. Com esse questionário, que foi preenchido em meio a uma entrevista com o pesquisador, foi possível verificar dados extralinguísticos: o grau de instrução, o conhecimento de línguas estrangeiras, a possibilidade de exposição e/ou contato com pessoas de língua estrangeira (parentes/colegas trabalho), a frequência de viagens a países de língua estrangeira e a assistência ou não a alguma programação radiofônica ou televisiva em língua portuguesa ou estrangeira capaz de interferir ou influenciar na língua espanhola.

3.2 OS INFORMANTES

A fim de garantir, de acordo com Tarallo (1997, p. 28-30), a confiabilidade e cientificidade da pesquisa, foi estabelecido, para esta pesquisa, o número de **18 informantes** uruguaios, habitantes da cidade de Montevidéu, capital do Uruguai.

Os informantes selecionados atenderam aos seguintes critérios:

- ter nascido em Montevidéu, capital do Uruguai;
- ter residido 2/3 da vida nessa cidade;
- encontrar-se em um dos três grupos de faixas etárias estabelecidos no estudo.

Foram controlados, nesta pesquisa, dois condicionamentos de caráter social: a variável faixa etária e a variável sexo. A variável idade dividiu os informantes em três grupos:

- a) Grupo 1 – acima de 55 anos;
- b) Grupo 2 – entre 31 e 55 anos;
- c) Grupo 3 – entre 16 e 30 anos.

Cada Grupo Etário foi constituído por 50% de informantes do sexo masculino e por 50% de informantes do sexo feminino.

Obteve-se o número de 18 informantes por meio da combinação de fatores extralinguísticos definidos previamente para a pesquisa sociolinguística, ou seja, a variável idade, com três faixas etárias (16 a 30 anos, 31 a 55 anos e acima de 55 anos), e a variável sexo (masculino e feminino).

Da combinação dos fatores extralinguísticos obtém-se, portanto, a configuração mostrada na Tabela 1.

Tabela 1: Especificação dos fatores extralinguísticos controlados na presente pesquisa

Informantes- idade		Grupo 1 (55 anos)	Grupo 2 (31 a 55 anos)	Grupo 3 (16 a 31 anos)	Total
Sexo	M	3	3	3	9
	F	3	3	3	9
Total		6	6	6	18

3.2.1 A seleção dos informantes

Como todos os informantes deveriam ser nascidos em Montevidéu, sua seleção foi feita com a colaboração de amigos e de pessoas vinculadas às redes sociais, que possibilitaram o estabelecimento dos primeiros contatos e que foram os facilitadores durante o processo de escolha das pessoas que poderiam contribuir para a constituição do *corpus* do presente estudo.

Foi considerado, como critério para a seleção dos informantes em Montevidéu, de acordo com Vieira (1994), a Amostra Estratificada considerada como amostra probabilística. Esse sistema de amostra pode ser considerado em duas etapas: a primeira, que divide a população em subgrupos, chamados estratos; e a segunda, que consiste na escolha da amostra aleatória simples de forma independente em cada subgrupo ou estrato.

Neste tipo de amostragem, partimos do princípio de que todos os elementos da população ou universo têm a mesma probabilidade de serem incluídos na amostra. Assim, os resultados que são considerados com a análise dos dados da amostra poderão ser transpostos, com determinado grau de certeza, para toda a população ou universo.

3.2.2 Mapa da cidade e locais de moradia dos entrevistados

Considerando que a cidade de Montevidéu possui 62 bairros, classificamos os informantes, a partir do Questionário Sociolinguístico, de acordo com os bairros nos quais viveram no período que compreende 2/3 de suas vidas pela cidade de Montevidéu. O levantamento indicou quais foram os bairros de deslocamento que caracterizam o grupo de entrevistados. Foram mapeados os locais onde os entrevistados mantiveram residência na capital uruguaia e, dessa forma, foi possível verificar se os informantes se concentravam em uma única faixa territorial ou bairro. Desde esse ponto de vista, evitamos a coleta de dados de apenas pessoas que residiram em um único bairro e, assim, obtivemos uma abrangência maior na análise das diversas partes do território montevideano.

Assim, foi possível verificar que todos os informantes estiveram circulando por uma extensa área e não apenas ficaram concentrados em um só lugar – a área em azul da Figura 8 indica os locais por onde os informantes estiveram ao longo de suas vidas.

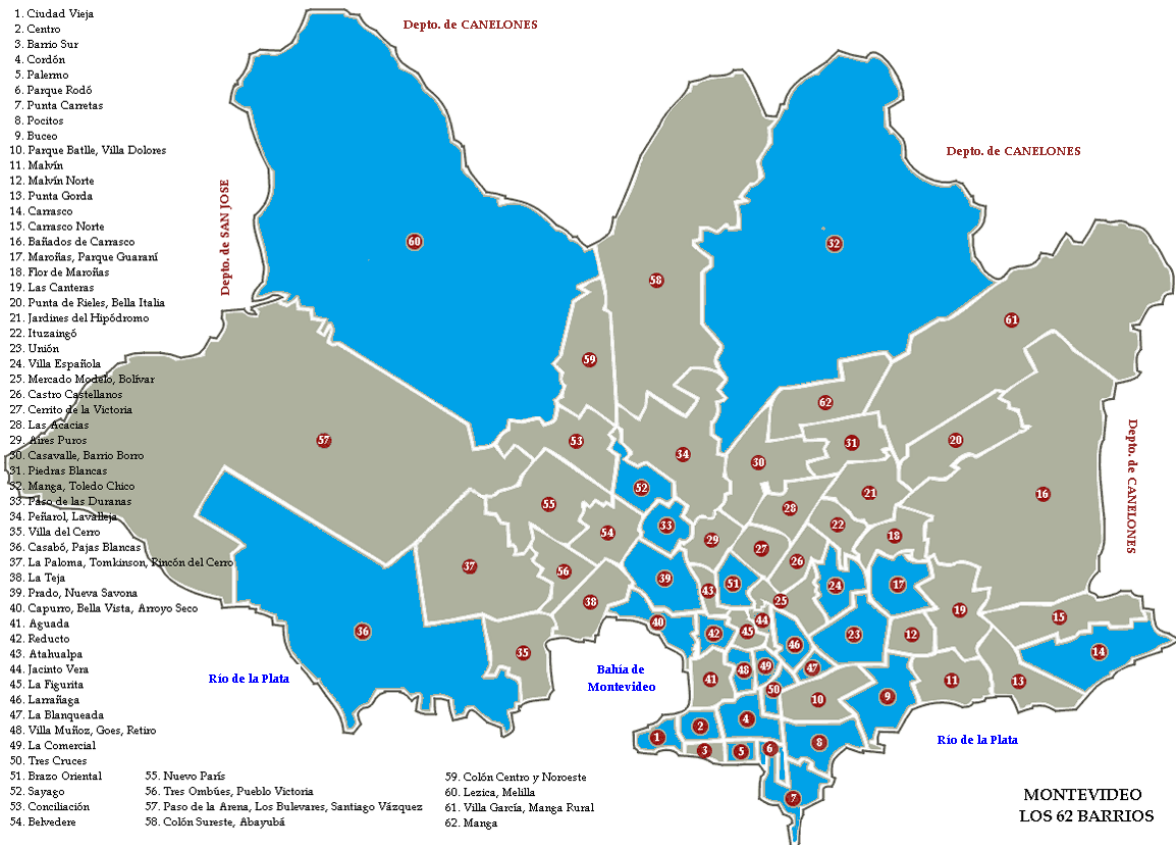


Figura 13: dos bairros da cidade de Montevidéu – a localização dos informantes da pesquisa

No mapa dos bairros da cidade de Montevidéu, conforme já referido, as áreas pintadas de azul representam os bairros onde os entrevistados residiram ao longo de suas vidas. Pelo mapa é possível perceber que os informantes estiveram e conviveram em aproximadamente 1/3 dos bairros da capital, o que pode ser considerado representativo da comunidade.

3.2.3 O contexto e o contato linguístico dos informantes

Durante o Questionário Sociolinguístico (anexos 3 e 4), entre as questões apresentadas, tentamos identificar se algum fator externo poderia condicionar o tipo de produção ou percepção dos estímulos. Nesse sentido, tentamos identificar características relativas ao contexto social em que os 18 informantes estavam imersos até o momento da pesquisa. Portanto, perguntamos se: **a)** possuíam familiares em outros países e se mantinham contato com esses familiares; **b)** sabiam falar outra língua, ou seja, um segundo idioma (L2); **c)** haviam aprendido, em ambiente escolar, um segundo idioma; **d)** existia, em Montevidéu, programação radiofônica em outro idioma; **e)** ouviam programa em língua estrangeira; **f)** possuíam, no

ambiente de trabalho, pessoas naturais de outros países com as quais tinham que conviver; **g)** possuíam contato com brasileiros; **h)** viajaram para fora do país em algum momento da vida; **i)** a frequência de viagem para fora do país era alta (A) ou baixa (B); **j)** possuíam rede social; **k)** possuíam contato com outras pessoas, de outros países, via rede social. Os resultados aparecem resumidos no Quadro 5.

	Inf1	Inf 2	Inf 3	Inf 4	Inf 5	Inf 6	Inf 7	Inf 8	Inf 9	Inf 10	Inf 11	Inf 12	Inf 13	Inf 14	Inf 15	Inf 16	Inf 17	Inf 18
A	Sim	Sim	não	Não	não	não	não	Não	não	não	não	não	não	Não	não	não	não	Não
B	Sim	Sim	Sim	Sim	sim	sim	não	Não	não	não	não	não	não	Não	não	não	não	Não
C	Sim	Sim	Sim	Sim	sim	sim	sim	Não	não	sim	sim	sim	sim	Sim	sim	sim	sim	Sim
D	Sim	Sim	Sim	Sim	sim	sim	sim	Sim	sim	sim	sim	sim	sim	Sim	sim	sim	sim	Sim
E	sim	não	não	não	não	sim	não	Sim	não	não	não	não	não	não	não	não	não	não
F	Não	não	sim	Não	sim	não	não	Não	não	não	não	não	não	Não	não	não	não	não
G	Não	não	sim	Não	não	sim	não	Não	não	não	não	não	não	Não	não	não	não	não
H	Sim	sim	sim	Não	não	sim	sim	Sim	não	não	não	não	não	Não	não	não	não	não
I	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B
J	Não	não	Sim	Não	sim	sim	sim	Sim	sim	não	sim	sim	sim	Sim	sim	sim	sim	Sim
k	Não	não	não	Não	não	não	não	Não	não	não	não	não	não	Não	sim	não	não	não

Quadro 5: Quadro de respostas ao Questionário Sociolinguístico

Do levantamento das respostas apresentadas ao Questionário Sociolinguístico, é relevante serem resumidos os seguintes fatos quanto aos itens abordados:

(a) Item A - duas pessoas possuíam familiares em outros países; Argentina (também país de língua espanhol) era o país de residência dessas pessoas e que, portanto, mantinham contato com esses familiares.

(b) Itens B e C - seis pessoas sabiam falar outra língua, no caso, um segundo idioma: o inglês foi o idioma majoritário, porém casos de francês, italiano e, até, português apareceram entre as respostas. Muitos argumentaram que haviam aprendido o segundo idioma em ambiente escolar.

(c) Itens D e E - todos confirmaram que existia, em Montevideu, programação radiofônica em outro idioma, programação em português, sendo que apenas duas pessoas entre os entrevistados ouviam o programa.

(d) Item F - nenhum dos informantes possuía, no ambiente de trabalho, contato com estrangeiros, o que faz cair a possibilidade de interferências.

(e) Item G - apenas uma única pessoa possuía contato com brasileiros, em virtude de trabalhar com eletrônica e, por vezes, trocar informações com o país vizinho.

(f) Itens H e I - aproximadamente 50% dos entrevistados em algum momento da vida viajaram para fora do país; porém a frequência de viagem é baixa (B), ficando em torno de uma vez a cada três anos.

(g) Itens J e K - 77% dos informantes possuem rede social e, embora possuam esse canal de contato, não se conectam com pessoas de outros países. Os índices mais elevados se encontram na geração mais nova; em contrapartida, a geração mais avançada em idade, embora acesse a internet, não possui rede social.

Com essa perspectiva, a variação linguística que os informantes apresentam há de ter, como fonte de condicionamento, outros fatores, como a diferença entre gerações, a variável sexo e mesmo variáveis estruturais, vinculadas à própria língua.

3.2.4 As gerações como ponto de análise

Comparar gerações é uma tarefa árdua e, inclusive, uma atividade complexa. As gerações possuem as suas particularidades e a cada nova perspectiva geracional tem-se implicações diretas na forma como as novas pessoas agem e pensam, mas não só isso, pois, também podem se acentuar as diferenças e os conflitos entre as mesmas.

De acordo com Pinto (2001), que pesquisa sobre as gerações e as suas particularidades, foram traçadas características geracionais que impactam sobretudo naquilo que vivemos ou vivenciamos Assim, de acordo com Pinto (2001), tem-se um perfil geracional no quadro 06.

VETERANOS	BOOMERS	GERAÇÃO X	GERAÇÃO Y
Nascidos entre 1922 e 1945	Nascidos entre 1945 e 1965	Nascidos entre 1965 e 1977	Nascidos entre 1977 e 2000
Desenvolveram-se entre duas guerras mundiais e foram instruídos para a disciplina rígida e o respeito às hierarquias. O patriotismo é um valor irrestrito.	Otimistas em relação à mudança do mundo político, viveram uma fase de engajamento contra ditaduras e poderes tiranos.	Céticos e politicamente apáticos, refletem as frustrações da geração anterior e assumem a posição de expectadores da cena política.	Otimistas em relação ao futuro e comprometidos em mudar o mundo na esfera ecológica. Têm senso de justiça social e se engajam em voluntariados.
Valorizam o comprometimento e a lealdade no trabalho.	Estimam o status e o crescimento profissional. São políticos, formam alianças para atingirem seus objetivos (<i>Workaholics</i>).	Adoram a informalidade no trabalho e buscam equilibrar a vida profissional e pessoal.	Extremamente informais, agitados, ansiosos e impacientes e imediatistas. Acompanham tudo na velocidade da internet.
Ao consumirem evitam parcelamento e preferem as compras à vista. Investem de forma conservadora, sem riscos.	São responsáveis pelo estilo de vida que se tem hoje, de conquistas materiais, como casa, carro e acesso ao entretenimento.	Experimentam à vontade a tecnologia e gostam de consumir equipamentos eletrônicos.	Precisam estar conectados e usam todos os recursos do celular. Tecnologia e diversidade são coisas naturais na vida.
Sabem aguardar a hora certa para receberem a recompensa pelo trabalho.	Funcionários fiéis às organizações em que trabalham, estabelecem vínculo com a empresa.	Não se apegam às organizações, priorizam os interesses pessoais e não enxergam com bons olhos um currículo de 20 anos numa mesma empresa.	A falta de cerimônia com os pais leva à indiferença sobre autoridade. Admiram a competência real e não a hierarquia.
Acreditam na lógica e não na magia. Têm religião, mas sem superstição.	Buscam justificativas profundas e estruturadas para tomar decisões.	Atuam com entusiasmo quando possuem foco definido e têm necessidade de <i>feedback</i> .	Vivem com sobrecarga de informações, dificultando a correlação de conteúdo.

Quadro 6: Quadro Geracional

Fonte: segundo Pinto (2001)

Pelos dados do Quadro geracional (Quadro 6) de Luciana Guedes Pinto (2001), podemos verificar que os comportamentos adotados pelas diversas gerações também são refletidos no campo da comunicação. Enquanto as gerações mais velhas (veteranos e *baby boomers*) são tradicionais quanto aos aspectos organizacionais, lógicos e apegados às regras, inclusive às regras de linguagem, o processo inverso ocorre com as gerações mais recentes (x e y), em que a informalidade e o descompromisso com as normas são uma constante. A

sobrecarga de informações e a indiferença às autoridades também são característicos dessas duas últimas. Cabe citar que muitos da geração X poderão adotar uma postura mais tradicional, e muitos *baby boomers* poderão ter posturas mais modernas, o que implica que generalizações sejam perigosas e, que entre uma geração e outra, ainda transitam perfis. O que podemos destacar são as mudanças e as características geracionais quanto às consequências que podem ocasionar nos comportamentos e culturas de uma civilização.

Assim, entendemos que, ao darmos foco às mudanças de gerações, estamos inseridos em uma realidade. Em razão desse fato, no presente estudo foi controlada a variável “idade”, em lugar da variável “escolaridade”, a qual também tem sido objeto de análise em muitas investigações de caráter sociolinguístico.

A escolha do controle da variável “faixa etária” em lugar da variável “escolaridade” encontra argumento no fato de que não houve grandes diferenças no planejamento curricular no sistema educacional do Uruguai nas últimas gerações, de acordo com os estudos publicados no livro editado pelo Instituto Nacional de Evaluación Educativa (INEED) “Continuidad y cambio en el currículum - Los planes de estudio de educación primaria y media en Uruguay”. Podemos destacar, quanto às modificações de planejamento curricular, que, de acordo com o INEDd, ao analisarmos a educação primária, a mesma foi regida, basicamente, por três planejamentos de estudo desde 1979. Nessas revisões, durante trinta anos, a organização do conteúdo escolar manteve uma estrutura clássica. Na verdade, houve uma evolução conceitual e uma substancial variação no programa para a Educação inicial e primária apenas no planejamento de 2008, que introduziu importantes modificações nas formas de regular o currículo.

Portanto, se considerarmos as gerações que serviram como informantes na pesquisa, poderemos notar que ainda a geração Y, até 2008, foi instruída com a mesma base de pensamento educacional das gerações anteriores, cuja estrutura básica era relativamente igual, centrada na distribuição típica por áreas escolares: Língua (Idioma Espanhol), Matemática, História, Geografia, Ciências, Educação Moral e Cívica, Expressão e Educação Física. Somente indivíduos da geração Alpha⁶, estariam experimentando a nova proposta curricular. No entanto, não há, na presente pesquisa, nenhum informante da geração Alpha ou com essa faixa etária. Entre as propostas curriculares, seja ela de 1979 ou de 1986, a maior diferença encontra-se na carga horária disponibilizada para a língua materna, conforme demonstrado nos Quadros 7 e 8.

⁶ Geração Alpha é expressão usada para designar a nova geração de crianças nascidas a partir de 2010.

Asignatura	1º	2º	3º	4º	5º	6º
Idioma español	50	40	45	29	26	23
Matemática	22	32	23	29	19	26
Historia Nacional	7	5	7	10	12	14
Geografía	2	3	7	11	12	10
Educación Moral y Cívica/ Educación para el hogar y la salud	7	7	5	7	13	10
Ciencias Naturales	5	6	8	7	10	8
Expresión	6	6	5	8	8	10
Actividades corporales	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a

Nota: la distribución de este plan solo puede considerarse dentro de cada año de estudio y expresa un balance "interno", ya que está expresado en "clases" cuya duración horaria variaba según los grados.

Fuente: elaboración propia a partir del programa del CEP/ ANEP.

Quadro 7: Plano de 1979. Carga horária segundo grau e área (em porcentagem)

Asignaturas	1º	2º	3º	4º	5º	6º
Lenguaje oral y escrito	40	40	34	31	26	26
Matemática	29	29	29	29	29	29
Geografía/Historia/ Educación Cívica	9	9	14	17	20	20
Ciencias Naturales	9	9	11	11	14	14
Expresión/Plástica/ Educación Musical	11	11	9	9	9	9
Educación Física	3	3	3	3	3	3

Nota: el cálculo porcentual se realizó a partir de una carga semanal de 17 horas y media.

Fuente: elaboración propia a partir del programa del CEP/ ANEP.

Quadro 8: Plano de 1986. Carga horária segundo grau e área (em porcentagem)

Como podemos ver nos Quadros 7 e 8, na área de língua materna, havia um domínio no planejamento de 1979 e no planejamento de 1986, com a média entre 40% a 45% do tempo nos três primeiros anos. A perda de 10% do total de horas que sofre essa área no planejamento de 1986, que direciona maior tempo às áreas de matemática e ciências naturais, estaria justificada por visualizarem a “transversalidade”. Assim está designado nos fundamentos do programa:

A linguagem ocupará nesta reformulação do Programa de 1957 um lugar de destaque no afazer docente. Está imaginado como o fio condutor de todo o curriculum, como um fio envolvente para cada disciplina; a sua presença será permanente em cada momento da vida escolar. Talvez, exista menos “aulas de línguas” para deixar passagem, no âmbito da liberdade, a linguagem viva, unida a toda atividade curricular (Programa de Escuelas Urbanas 1986, p. 22).⁷

Estas mudanças estruturais também são acompanhadas no ensino superior; portanto, ao haver modificações nos planejamentos, também haverá uma revisão no terceiro grau.

Dessa forma, para cada geração analisada, não foi possível identificar mudanças significativas quanto ao sistema educacional. Portanto, o que parece influenciar aqui, após tudo o que foi dito, é o perfil de cada geração.

Ainda cabe destacar que as gerações anteriores às X e Y, se comparadas com as gerações mais recentes, foram submetidas a uma cultura de rigor e disciplina educacional maior no processo instrucional, corroborado nas entrevistas pelos informantes do presente estudo.

Reitera-se, assim, a escolha, para a presente investigação, do controle da variável “idade” a qual, pelo recorte escolhido, coincide com diferentes perfis geracionais caracterizados no Quadro 8. Essa correspondência pode ser observada no Quadro 9.

Geração	Grupo de faixa etária selecionados na pesquisa
Veteranos, <i>Baby boomers</i>	Acima de 55
<i>Baby boomers</i> , Geração X,	De 31 a 55
Geração X. Geração Y	De 16 a 30

Quadro 9: Recorte Geracional escolhido para a pesquisa.

3.3 ELABORAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a construção do *corpus* que serviu de base para a pesquisa e as ações metodológicas, foi preciso propor instrumentos que promovessem a obtenção de dados tanto de produção, como de percepção das consoantes fricativas labiais e coronais do espanhol, como também do processo de fricativização da plosiva labial sonora, que são o foco do presente estudo. Inicialmente foi preciso pensar na criação de uma lista com o maior número de palavras que pudessem conter fricativas. Nesse sentido, não bastava somente verificar as palavras que possuísssem fricativas, contudo deveriam estar em ambiências favoráveis para

⁷ Tradução do autor.

produzirem variações de acordo com o tema proposto para a investigação, seguindo-se também observações de contextos favoráveis a variações registrados na literatura, como em Hualde (2014), Ralph Penny (2011). Assim, foram buscadas palavras com fricativas em posição de onset absoluto, de onset medial, com fricativas intervocálicas e com fricativas após nasais.

A fim de facilitar o trabalho, lançamos mão de uma ferramenta informática on-line que ajudou na seleção da lista de palavras. Foi utilizado o site: www.palabrasque.com – ao selecionarmos a busca de palavras, filtramos aquelas que tivessem características especiais, como: palavras que começassem com determinada letra ou palavras que terminassem com determinada forma ou, ainda, palavras que tivessem uma sequência silábica específica. Dessa forma, estaríamos indo em busca das fricativas do espanhol naquelas ambiências sugeridas na literatura, capazes de possibilitar o estudo.

Figura 14: Tela de busca de palavras específicas

Como informação sobre o filtro, cabe destacar que o limite do programa no site de busca atingia o número máximo de 2000 palavras filtradas em um universo possível, dentro do idioma espanhol, que poderia ser maior, porém com derivações das anteriores.

Os motivos que nos conduziram ao uso desse site foram, além da praticidade em selecionar as sequências específicas desejadas, a confiabilidade das respostas após a pesquisa. Essa constatação estava relacionada às possibilidades que o próprio site apresentava em direcionar todas as palavras encontradas, em um link direto de redirecionamento, para o dicionário da Real Academia Espanhola (R.A.E.), atestando, dessa forma, a existência dos vocábulos, a fidelidade dos resultados e os significados. Assim, a partir desse mecanismo, foi

construída uma lista, com os contextos mais frequentes de presença das consoantes fricativas em espanhol e de formas variantes. Com foco inicial nas fricativas labiais, primeiramente foram procuradas palavras cuja ortografia apresentasse a letra “v”, conforme os dados registrados no Quadro 10.

AV_	A	2000 DE 2413	EV_	A	2000 DE 2797	IV_	A	2000 DE 3339
	E	2000 DE 2517		E	1802		E	774
	i	2000 DE 2588		i	1758		i	2000 DE 2184
	O	979		O	1126		O	1690
	u	37		u	58		u	69

OV_	A	804	UV_	A	69
	E	1342		E	135
	i	1156		I	397
	O	142		O	15
	u	8		U	4

Quadro 10: Possibilidade de vocábulo com [v] intervocálico

No Quadro 10 é possível verificar as possibilidades apresentadas pelo filtro computacional. Salientamos que em espanhol, de acordo com o dicionário on-line da Real Academia Espanhola, existem aproximadamente 700.000 entradas. O sistema utilizado para filtrar [v] em posição intervocálica encontrou 50.397 possibilidades. Isso significa dizer que 7,20% dos vocábulos existentes em espanhol possuem v em posição intervocálica. Dessas, com o filtro computacional, foram pesquisadas as fricativas em posições intervocálicas de acordo com o objeto de pesquisa. De tal maneira, por exemplo, para o uso de [v] em posição intervocálica fizemos um levantamento com as possibilidades existentes. Primeiramente, com a vogal “a” antecedendo a consoante, posteriormente “e”, “i”, “o” e, por fim a vogal “u”. A consoante em posição intervocálica atingia um resultado máximo de possibilidades discriminado à direita. Por exemplo: com os encontros AVI existem em espanhol um total de 2588 encontros. Desses, somente 2000 foram apresentados pelo filtro, todas as possibilidades estavam linkadas com o site do Dicionário da Real Academia Espanhola atestando a existência e o significado do vocábulo em espanhol. Dessa maneira, procedemos com todas as fricativas com o intuito de selecionar os estímulos que seriam apresentados para os informantes. Com

base nesse procedimento obtivemos os seguintes resultados apresentados nos Quadros 11, 12, 13 e 14.

Nos Quadros de 11 a 14, a ortografia utilizada na seleção representa, no espanhol rio-platense, os fones [ʃ ~ʒ] em posição intervocálica. Por tal motivo, foi selecionada a ortografia com “y” e com “ll”.

A__	YA	1213	E__	YA	157	I__	YA	15
	LLA	2635		LLA	1799		LLA	8426
	YE	433		YE	308		YE	4
	LLE	1325		LLE	889		LLE	1982
	YI	21		YI	6		YI	1
	LLI	131		LLI	283		LLI	49
	YO	400		YO	31		YO	1
	LLO	279		LLO	256		LLO	1834
	YU	400		YU	10		YU	5
	LLU	49		LLU	21		LLU	41

O__	YA	496	U__	YA	288
	LLA	2562		LLA	1538
	YE	290		YE	1539
	LLE	915		LLE	406
	YI	6		YI	32
	LLI	413		LLI	706
	YO	99		YO	108
	LLO	429		LLO	182
	YU	202		YU	9
	LLU	33		LLU	2

Quadro 11: Possibilidade de vocábulos com [ʃ ~ʒ] intervocálicos

AJ_	A	2000 de 3946	EJ_	A	2000 de 3736	IJ_	A	2000 de 2044
	E	2000 de 2845		E	1443		E	547
	i	455		i	477		i	40
	O	1074		O	874		O	353
	u	712		u	332		u	94

OJ_	A	2341	UJ_	A	1686
	E	861		E	954
	i	162		I	243
	O	389		O	182
	u	109		U	192

AGE	2341	AGI	1119
EGE	861	EGI	1198
IGE	162	IGI	1465
OGE	389	OGI	1954
UGE	109	UGI	308

Quadro 12: Possibilidade de vocábulos [x] intervocálicos

AF_	A	1408	EF_	A	370	IF_	A	626
	E	1264		E	593		E	778
	I	2000 DE 3038		I	1097		I	2000 DE 8545
	O	784		O	622		O	526
	U	112		U	402		U	497

OF_	A	671	UF_	A	646
	E	653		E	97
	I	847		I	108
	O	438		O	145
	U	172		U	6

Quadro 13: Possibilidade de vocábulos [f] intervocálicos

AS_	A	2000 de 2019	ES_	A	2000 de 12240	IS_	A	1077
	E	2000 de 27615		E	2000 de 14239		E	1008
	i	1822		i	2000 de 2822		i	1379
	O	1156		O	2000 de 2031		O	973
	u	688		u	1655		u	263

OS_	A	2000 de 2471	US_	A	1548
	E	2000 de 4524		E	471
	I	1202		i	1487
	O	1498		O	229
	U	72		u	534

Quadro 14: Possibilidade de vocábulos [s] intervocálicos

Assim, após a busca das sequências, passamos a filtrar as informações encontradas, pinçando as mais frequentes.

Nesta fase, primeiramente observamos as palavras semelhantes na escrita ou na forma fonética, porém com diferente significado. Nessa seleção, o objetivo era verificar a avaliação de uma provável variação entre oclusivas e fricativas labiais, ou entre fricativas labiais surdas e sonoras.

Com esse encaminhamento, chegamos aos pares de palavras listados no Quadro 15 que, junto a outros vocábulos, compuseram a lista de estímulos para os testes.

1. Acerbo: áspero; cruel, riguroso. Acervo: montón, conjunto de cosas;
2. Baca: parte superior de un carruaje, destinada a los equipaje. Vaca: hembra del toro; dinero que se juega en común;
3. Bacante: sacerdotisa de baco. Vacante: empenho o cargo no ocupado;
4. Bacía: vasija que utilizaban los barberos para remojar la barba. Vacía: Desocupada, sin contenido;
5. Bacilo: bacteria. Vacilo: de vacilar, titubear;
6. ¡Bah!: interjección que denota desdén. Va: de ir;
7. Bale: de balar, dar balidos. Vale: de valer, documento comercial;
8. Balido: voz de las ovejas, corderos, etc. Valido: favorito de un príncipe o gobernante;

9.Balsa: embarcación plana. Valsa: de valsar, bailar vales;
10.Baqueta: varilla para limpiar armas. Vaqueta: piel curtida de vaca;
11.Bario: metal blanco, difícil de fundir. Vario: diverso, mudable;
12.Barón: título nobiliario. Varón: persona del sexo masculino;
13: Basar: asentar algo sobre bases; fundamentar, apoyar. Bazar: tienda o mercado de productos diversos. Vasar: lugar en cocinas o despensas para colocar platos, vasos etc;
14. Baya: fruto carnoso. Valla: cercado, barrera. Vaya: de ir;
15.Bienes: riqueza, patrimonio. Vienes: del verbo venir;
16.Bobina: carrete, cilindro. Bovina: borrego;
17.Rebelar: oponer, no obedecer. Revelar: mostrar algo.
18. Bote: Recipiente / salto de un cuerpo elástico / embarcación pequeña. Vote: acción de votar (opinión de cada individuo).
19.Hierba: planta pequeña Hierva: acción de hervir (hacer que un líquido entre en ebullición);
20. Beta: segunda letra del alfabeto griego. Veta: filon de un mineral;
21. Grabar: registrar información o sonido. Gravar: imponer una carga u obligación;
22. Bello= Que tiene belleza. Bueno, excelente. Vello= Pelo que sale más corto y suave que el de la cabeza y de la barba, en algunas partes del cuerpo humano;
23. Basto= Cierta género de aparejo o albarda que llevan las caballerías de carga. Grosero, tosco, sin pulimento. Se decía de lo que está abastecido. Vasto= Dilatado, muy extendido o muy grande;
24. Botar= Arrojar, tirar, echar fuera a alguien o algo. Votar = Dicho de una persona: Dar su voto o decir su dictamen en una reunión o cuerpo deliberante, o en una elección de personas;
25. Bazo = De color moreno y que tira a amarillo. Viscera propia de los vertebrados, de color rojo oscuro y forma variada, situada casi siempre a la izquierda del estómago, que destruye los hematíes caducos y participa en la formación de los linfocitos. Baso= del verbo basar. Vaso= Recipiente de metal, vidrio u otra materia, por lo común de forma cilíndrica, que sirve para beber;
26. Braza= Medida de longitud, generalmente usada en la Marina y equivalente a 2 varas o 1,6718 m. Brasa= Leña o carbón encendidos, rojos, por total incandescencia;
27. Bocal= Jarro de boca ancha y cuello corto para sacar el vino de las tinajas. Adj: bucal. Vocal= Que se expresa materialmente con la voz, hablando o cantando;
28. Base: fundamento, apoyo. Vase: de ir, que se va;
29.Silba:de silbar; Silva: composición poética;
30. Beta: segunda letra del alfabeto griego. Veta: filón en las minas;
31.Bidente: azadón de dos dientes. Vidente: que ve; profeta;
32. Cabe: de caber. Cave: de cavar.
33. Cabo: extremo, punta; individuo de la clase de tropa, inmediatamente superior al soldado. Cavo: de cavar;
34. Tubo: cilindro hueco. Tuvo: de tener;

35. Bolada: tiro que se hace con la bola. Volada: de volar; furiosa, irritada.
36. Maya: Dicho de una persona: De un antiguo pueblo que habitó desde la mitad sur de México hasta Honduras y hoy principalmente en Guatemala, Yucatán y otras regiones adyacentes. Malla: Cuadrilátero formado por cuerdas o hilos que se cruzan y se anudan en sus cuatro vértices, que constituye el tejido de la red; 2. f. Tejido compuesto por mallas.
37. Poyo: Banco de piedra u otra materia arrimado a las paredes, ordinariamente a la puerta de las casas de zonas rurales. Pollo: Cría que nace del huevo de un ave y en especial la de la gallina.
38. Hoya: Concavidad u hondura grande formada en la tierra. 2. f. Hoyo para enterrar un cadáver. Olla: Vasija redonda de barro o metal, que comúnmente forma barriga, con cuellos boca anchos y con una o dos asas, la cual sirve para cocer alimentos, calentar agua, etc.
39. Bello: Que, por la perfección de sus formas, complace a la vista o al oído y, por ext., al espíritu. Vello: Pelo que sale más corto y suave que el de la cabeza y de la barba, en algunas partes del cuerpo humano.
40. Gallo: Ave doméstica del orden de las galliformes, con cresta roja y carnosa, pico corto, grueso y arqueado, de plumaje abundante, lustroso y a menudo con irisados, cuyo macho tiene tarsos fuertes armados de espolones, y cuya hembra es de menor tamaño y tiene la cresta más pequeña. Gayo: 1. adj. Alegre, vistoso. 2. f. Lista de distinto color que el fondo. 3. Insignia de victoria que se daba a los vencedores.
41. Royo: 1. adj. Ar. rubio (de color parecido al del oro). 2. adj. Dicho de una fruta: No madura. 3. Dicho de un alimento: Mal cocido. 4. f. Hongo de tamaño muy pequeño, del cual se conocen muchas especies, que vive parásito sobre diversos vegetales, ocasionando en ellos peligrosas enfermedades, y cuyas esporas son de color variado en las diferentes especies y forman en conjunto manchas amarillas, negras, etc., en las hojas de las plantas atacadas por el parásito. 5. f. Enfermedad de algunos árboles en los que el centro del tronco se convierte en un polvo rojo negruzco. Rollo: 1. m. Cilindro de madera, metal u otra materia, generalmente dura. 2. m. Objeto cuya materia toma forma cilíndrica. Un rollo de carne para guisar. Hacer un rollo con la masa. 3. m. manga utensilio para añadir nata a algunos pasteles). 4. m. Madero redondo descortezado, pero sin labrar. 5. Porción de tejido, papel, etc., que se tiene enrollada en forma cilíndrica.
42. Baya: Tipo de fruto carnoso con semillas rodeadas de pulpa; p. ej., el tomate y la uva. Vaya: Para comentar algo que satisface o que, por el contrario, decepciona o disgusta. Pablo ha aprobado todas las asignaturas, ¡vaya! No podemos ir al teatro: se ha suspendido la sesión, ¡vaya! 2. interj. U., seguida de la preposición con y de un sintagma nominal, para marcarla actitud, favorable o desfavorable, del hablante, matizada muchas veces de ironía, ante la persona o cosa designada por dicho sintagma. ¡Vaya con el niño! ¡Vaya con la musiquita!
43. Arrollo: Envolver algo plano y extendido de tal suerte que resulte en forma de rollo. Arroyo: 1. Caudal corto de agua, casi continuo. 2. m. Cauce por donde corre un arroyo
44. Cayado: 1. m. Palo o bastón corvo por la parte superior, especialmente el de los pastores para prender y retener las reses. 2. m. Báculo pastoral de los obispos. Callado: 1. adj. Silencioso, reservado. 2. adj. Hecho con silencio o reserva.
45. Huya: Alejarse de prisa, por miedo o por otro motivo, de personas, animales o cosas, para evitar un daño, disgusto o molestia. Hulla: Carbón de piedra que tiene entre un 75 % y un 90 % de carbono.
46. Rallar: 1. tr. Desmenuzar algo restregándolo con el rallador. 2. tr. coloq. Molestar, fastidiar con importunidad y pesadez. Rayar: Hacer o tirar rayas. 2. tr. Tachar lo manuscrito o impreso, con una o varias rayas.
47. Desmayar: 1. tr. Causar desmayo. 2. intr. Perder el valor, desfallecer de ánimo, acobardarse. Desmallar: 1. tr. Deshacer, cortar los puntos de una malla, de una red, de una media, etc.
48. Casa: Edificio para habitar. Caza: Acción de cazar.
49. Bazar: Tienda en que se venden productos muy variados. Basar: Asentar algo sobre una base. 2. tr. Apoyar una cosa en otra que sirve como base o punto de partida.

Quadro 15: Lista de parônimos com diferentes significados, contrastados por labiais e coronais

Esses pares, ortograficamente distintos, foram produzidos com pronúncias diferentes nos estímulos que deram base aos Testes de Percepção: por exemplo, se o vocábulo possuía a letra “v” em contexto intervocálico, a pronúncia que constituía o estímulo para a percepção continha o som de fricativa labiodental sonora; para o caso de ortografia com a letra “b”, o estímulo continha o som de bilabial sonora. Dessa forma, testávamos se é percebido ou produzido som diferente para formas que têm mais de um significado. Nesse sentido, apenas os pares que se encontram em destaque (em negrito), por estarem em contextos intervocálicos, foram incluídos nos testes aplicados aos falantes nativos de espanhol, tanto em teste de produção, quanto em teste de percepção. Cabe destacar que, para o teste de produção, os entrevistados deveriam introduzir as palavras em frases veículos e, nestas, os estímulos com as consoantes labiais em onset de sílaba no início de palavras se encontravam em contexto intervocálico ou em contexto intervocálico em processo de sândi ocasionado pela falta de pausa entre a vogal final da palavra precedente e a vogal da primeira sílaba da palavra testada, constituindo uma frase fonológica (exemplo: *Digo **balsa** tranquilamente*).

Seguindo, portanto, todos os procedimentos descritos anteriormente, concluímos a lista de estímulos com os outros fonemas, realizamos a seleção dos estímulos que alimentariam os testes a serem aplicados e, a partir deste momento, deveríamos pensar no tipo de sistema computacional que melhor se adaptasse à nossa proposta de coleta de dados.

3.3.1 Plataformas de suporte para os testes de percepção

Para a montagem dos Testes de Percepção, foram experimentados três programas computacionais capazes de dar conta da nossa proposta. Foram testados os programas: TP (Teste/Treinamento de Percepção), o sistema computacional ELO (Ensino de Línguas On-Line) e, por fim, o programa *Articulate*. Apresentamos, a seguir, características de cada programa, justificando a escolha, para o presente estudo, do *Articulate*.

3.3.1.1 Sistema computacional TP

Primeiramente, testamos a utilização do programa computacional TP (Teste/Treinamento de Percepção), que consiste em um aplicativo gratuito, desenvolvido para a realização de experimentos de Percepção da Fala (RAUBER *et al.*, 2012; SANTOS *et al.*,

2013). Essa ferramenta permite aos pesquisadores a criação e a configuração de experimentos de percepção de uma forma rápida. A Figura 15 apresenta a tela que demonstra a configuração para a elaboração de um teste de percepção com o suporte do TP.



Figura 15: Telas de Configuração de Testes de Discriminação com Estímulos Sonoros

O programa TP apresenta numerosas vantagens, como: a) inserção de estímulos sonoros sem precisar editar *scripts* de programação de testes; b) aleatorização da apresentação dos estímulos; c) contagem do tempo de reação; d) criação automática de uma pasta com os resultados de todos os experimentos de teste em uma planilha do Excel; e) interface atraente para o pesquisador e para os informantes. No entanto, o TP apresenta uma limitação em relação à quantidade de estímulos e páginas que devem ser criadas para testar os entrevistados. Por exemplo, em nossa escolha, havíamos selecionado, entre os pares mínimos e os distratores, mais de 60 estímulos, o que resultou em uma quantidade excessiva de páginas. Essa quantidade de estímulos tornava inviável a elaboração do teste no próprio programa. Encontramos, portanto, uma limitação no TP, embora fosse uma das melhores possibilidades entre a série de recursos disponíveis para a realização do teste de percepção.

3.3.1.2 Sistema computacional ELO

Outra alternativa para dar suporte ao teste de percepção proposto no presente estudo e que também é muito utilizado no meio de acadêmico e que possibilita a elaboração de atividades didáticas e pesquisas é o sistema computacional ELO (Ensino de Línguas On-Line), criado por Leffa (2000). A Figura 16 apresenta a tela onde é possível verificar a interface das páginas

iniciais, como também o exemplo de uma das atividades que podem ser propostas pelo *software* Ensino de Língua on-line.



Figura 16: Modelo de atividades om o programa ELO (Ensino de Línguas On-Line)

O Elo é um sistema de autoria para a produção de Recursos Educacionais Abertos (REA), permitindo que tais recursos criados possam ser reutilizados, revisados, remixados e redistribuídos por outros professores para fins não comerciais. Por ser um sistema de criação de atividades, como alternativa, pensamos na possibilidade de uso para a aplicação do teste de percepção. Porém, considerando as alternativas no momento de criação de atividades, ao tentarmos inserir a proposta que havíamos pensado com botões de respostas, atrelados ao estímulo sonoro, não foi possível utilizar o programa, por não conseguirmos adaptar o sistema às necessidades que tínhamos com relação aos estímulos e às respostas.

Em razão das restrições encontradas no TP e no ELO e em virtude da experiência em elaboração de materiais didáticos para o Programa ETEC Idiomas, programa de ensino de línguas a distância concebido e produzido pela Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, via SETEC/MEC e CONIF, rendeu, ao pesquisador responsável pela presente investigação, além da participação no Programa ETEC Idiomas, o conhecimento do sistema Articulate. Dessa forma, partimos para a terceira tentativa e estudamos a possibilidade de criar o instrumento com base neste sistema.

3.3.1.3 Sistema computacional ARTICULATE

O programa *Articulate* é um *software* que permite criar diversos documentos e cursos com uma interface simplificada similar ao *PowerPoint*. O sistema admite a inserção de áudios, imagens e textos em diversas páginas, além de possibilitar a gravação das escolhas, salvando, dessa forma, os resultados obtidos nas atividades. Nesse sentido, assemelha-se ao TP, tendo

como diferença a confecção da tabela Excel. Assim, optamos por esse sistema como ideal para solucionar o nosso problema para a elaboração do teste de percepção do presente estudo e para possibilitar a coleta dos dados necessários.

Mas, se por um lado havíamos encontrado o sistema ideal, por outro existia um empecilho preocupante: o software não era livre. Em contato com a empresa que comercializa o produto, não houve flexibilidade em termos de valores e, para que fosse possível a utilização do sistema, deveríamos vencer mais uma etapa, uma vez que a versão livre, disponível para teste, fica acessível por apenas 30 dias. Como alternativa, fomos ao setor de Tecnologia da Informação do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, da cidade de Pelotas, possuidor da licença em razão de elaborarem materiais didáticos. Como fazíamos parte do Programa ETEC Idiomas, solicitamos a liberação de uso do *Articulate*. A Instituição, entendendo a nossa demanda, cedeu a instalação em *notebook* do programa computacional, possibilitando, portanto, o uso do sistema computacional para dar suporte à elaboração do teste de percepção necessário a esta tese.

Para a elaboração do teste de percepção, dentre os seis tipos de atividades disponíveis no sistema *Articulate*, escolhemos realizar a criação de atividades dentro da opção *múltipla escolha*. Esse tipo de questão possibilita a inserção de áudios (no nosso caso seriam os estímulos), vídeos ou, até mesmo, figuras (para a nossa pesquisa seriam os símbolos fonéticos), oferecendo ao entrevistado a possibilidade de marcar a alternativa correta de acordo com os estímulos e de acordo com as figuras e perguntas realizadas.

Após a escolha dos estímulos para o teste de percepção, passamos a inserir e alimentar o sistema, e ajustamos, na seção de respostas, a possibilidade de obtermos as respostas e a quantidade de acertos.

De acordo com a forma como foi elaborado o teste, houve a possibilidade de verificar os resultados obtidos de maneira individual e segura. Além disso, como dito anteriormente, programamos o sistema para analisar a gravação da tela, o que possibilitou a verificação de toda a movimentação do *mouse* e das escolhas realizadas pelos informantes após ouvirem e marcarem as respostas.

Com base no *Articulate*, foram propostos dois testes de percepção, que aqui serão chamados de Teste de Percepção 1 e Teste de Percepção 2.

3.3.1.4 Corpus da Pesquisa

O *corpus* da presente pesquisa, conforme já foi descrito, foi obtido por meio de quatro tipos de coleta de dados: uma entrevista, um teste de produção e dois testes de percepção.

3.3.1.5 Entrevista

Cada informante, individualmente, participou de uma entrevista com o pesquisador. As entrevistas incluíram questões com temas livres, seguindo a proposta de pesquisa da Sociolinguística Variacionista. Foram sugeridos temas que interessassem ao entrevistado, isto é, que o envolvessem afetivamente. São exemplos de temas das entrevistas: rotinas do cotidiano, estudos, escola, cultura, lazer, entre outros.

As entrevistas, posteriormente, foram transcritas, como também o teste de produção, descrito na seção subsequente. Além de coletar dados de produção, a entrevista teve como objetivo: a) deixar o informante mais a vontade para que pudesse realizar os testes seguintes; b) coletar informações quanto ao contexto social, sua cultura, seus contatos, idiomas e prováveis interferências linguísticas, como também verificar se o informante se enquadrava nos parâmetros de residência e faixa etária exigidos, conforme os critérios expressos na Seção 3.2.

3.3.1.6 Teste de produção

Em virtude de a fala espontânea poder não garantir o número de ocorrências suficientes para o fenômeno estudado, foi incorporado ao estudo um instrumento para a leitura de frases em espanhol. Portanto, após a entrevista ocorrida no primeiro momento, como segunda parte foi apresentado o Teste de Produção. Consistia de uma apresentação de orações com palavras que continham consoantes fricativas e plosivas sonoras em ambientes em que poderiam ser fricativizadas, atendendo às variáveis linguísticas examinadas na presente investigação. Esse instrumento foi chamado de Teste de Produção e, para a elaboração e a aplicação deste teste, o sistema selecionado foi o *PowerPoint*.

O Teste de Produção foi elaborado de forma a apresentar, em um slide, uma frase veículo que incluía a palavra a ser alvo de análise e, após, passávamos para um slide com a tela em branco; diante dessa tela em branco o informante deveria repetir a frase que havia aparecido no slide anterior. Com esse procedimento, a leitura tomou características de uma ‘repetição retardada’, como uma tentativa de afastar o informante, mesmo que por um breve período, do contato direto com o texto escrito e, portanto, com a ortografia das palavras que seriam alvo da análise. Procedimento semelhante foi seguido em estudos como o de Santos (2014), por exemplo. Na Figura 17 aparece a tela do Teste de Produção aplicada aos informantes.



Figura 17: Layout de tela do Teste de Produção Articulate

As produções foram gravadas. A apresentação das telas do Teste de Produção aos informantes foi aleatorizada.

3.3.1.7 Testes de percepção

Em terceiro e quarto momentos, a coleta de dados para a pesquisa contou com a aplicação de dois Testes de Percepção:

(a) o **Teste de Percepção 1** foi um teste de identificação dos sons, o qual continha fricativas labiais sonoras ([β] e [v]) e a plosiva labial sonora [b], bem como as fricativas coronais [j] e [ç]; seu objetivo foi avaliar a identificação desses sons, por falantes do espanhol de Montevideu, já que eles têm *status* diferentes na língua: enquanto [b] e [ç] são sons que representam respectivamente os fonemas /b/ e /ç/, [β] e [v] são sons considerados variantes de [b] e o som [j] é considerado variante de [ç] ;

(b) o **Teste de Percepção 2** foi um teste de discriminação de significado de palavras que continham as fricativas labiais sonoras ([β] e [v]) e a plosiva labial sonora [b], a fim de que fosse possível verificar o seu funcionamento como variantes alofônicas no espanhol de Montevideu ou como fonemas diferentes; neste teste estava sendo buscada a possível fonologização da fricativa labial [v]. Também no Teste de Percepção 2 foram incluídas as fricativas coronais [j] e [ç].

Os estímulos que compuseram os Testes de Percepção 1 e 2 foram gravados por falantes nativos do espanhol do Prata (ver Seção 3.4).

É importante lembrar que, em ambos os testes, o programa computacional possibilitava a opção de gravar as telas com as movimentações do cursor, a quantidade de repetições que o informante utilizava para identificar o estímulo e os resultados de acertos em relação às respostas esperadas.

Para o Teste de Percepção 1, os informantes precisariam conhecer os símbolos fonéticos, a fim de identificar os sons ouvidos. Assim, um ponto importante, que merece ser citado entre as questões metodológicas, foi a preocupação em explicar, de maneira adequada, ao leigo em fonética do espanhol, os símbolos que os entrevistados encontrariam no Teste de Percepção. Essa explicação foi feita a cada informante, no início da entrevista. Para que obtivessem o entendimento básico sobre os símbolos fonéticos que foram utilizados no Teste de Percepção 1, realizamos uma breve explicação com ajuda do site de internet (a Fig. 18 traz exemplos de telas do site)⁸. O material ilustrativo facilitou a compreensão das pessoas que

⁸ Disponível em: <<http://soundsofspeech.uiowa.edu/spanish/spanish.html>>.

visualizavam, pela primeira vez, algumas particularidades dos fonemas e alofones do espanhol.

O Teste de Percepção 1 contou com 60 estímulos.



Figura 18: Telas com a representação de sons, com os pontos de articulação, e seus respectivos símbolos

Após a instrução, os entrevistados eram submetidos ao Teste de Percepção 1. Os entrevistados ouviam os estímulos e marcavam o símbolo fonético que, segundo sua percepção, representava o som ouvido. A Figura 19 apresenta exemplos de telas que ilustram o Teste de Percepção 1.



Figura 19: Telas aventadas para uma possibilidade de apresentação de estímulos do Teste de Percepção 1

Após a realização do Teste de Percepção 1, os informantes passavam ao Teste de Percepção 2. Conforme já foi referido, o Teste de Percepção 2 visava à verificação do significado veiculado pelas frases-estímulo, para que fosse possível avaliar se os informantes tratavam os segmentos-alvo da análise como fonemas ou como variantes alofônicas.

Durante a elaboração do Teste de Percepção 2, deparamo-nos com três caminhos possíveis.

O primeiro caminho seria propor que o entrevistado marcasse a alternativa que considerasse correta, após ouvir os estímulos de pares de palavras que poderiam (ou não) conduzir a interpretações diferentes, como nas duas frases a seguir, por exemplo:

[] *Baca: parte superior de un carruaje, destinada a los equipaje.*

[] *Vaca: hembra del toro; dinero que se juega en común.*

A segunda alternativa seria apresentar uma frase e duas ilustrações, pedindo que o informante identificasse a ilustração que correspondesse à interpretação da frase que estava ouvindo. Por exemplo, diante dos estímulos [vaka] e [vote], o informante deveria, entre as alternativas, selecionar a resposta que adequadamente correspondesse àquilo que ele estaria ouvindo. A Figura 20 apresenta exemplos de telas que ilustram a segunda possibilidade aventada para a elaboração do Teste de Percepção 2.

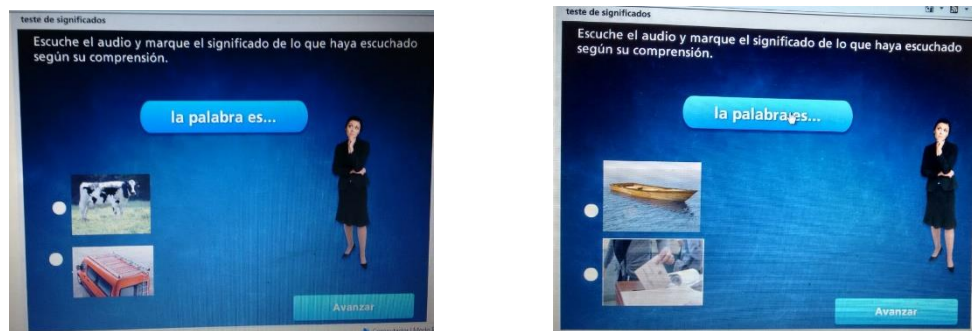


Figura 20: Telas aventadas para uma possibilidade de apresentação de estímulos do Teste de Percepção 2

As duas possibilidades acima citadas como caminhos para a elaboração do Teste de Percepção 2 foram rejeitadas, porque tanto a apresentação das alternativas de frases, quanto a apresentação das alternativas com ilustrações poderiam induzir os entrevistados na atribuição de significados diferentes às palavras, o que conduziria à interpretação que os sons avaliados estariam sendo considerados como fonemas diferentes. Esse fato enviesaria os resultados da investigação.

Optamos, então, pela terceira via, que se configurou como um teste de percepção: o pedido feito aos informantes era de verificação se o significado entre os estímulos sonoros ouvidos eram iguais ou distintos entre si, com o registro, então, da alternativa que lhe parecia a adequada. Essa forma não estaria induzindo a uma resposta. A Figura 21 apresenta um exemplo de tela que ilustra o Teste de Percepção 2 que integrou o presente estudo.

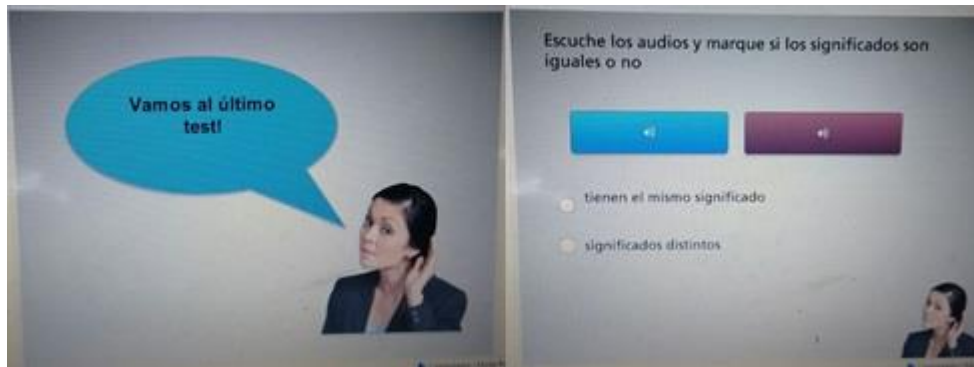


Figura 21: Telas com a apresentação de estímulos do Teste de Percepção 2

As alternativas oferecidas no Teste de Percepção 2 ora se apresentavam diferentes, ora iguais quanto ao significado.

Os Testes de Percepção 1 e 2 continham, além das frases com as consoantes que são foco de estudo nesta tese, frases distratoras, a fim de não permitir a constatação, pelos informantes, dos segmentos que estavam sendo objeto de avaliação.

Elaborados os instrumentos de coleta de dados (Teste de Produção, Teste de Percepção 1 e Teste de Percepção 2), antes do deslocamento até a cidade de Montevideu para a coleta definitiva, foi realizado um teste piloto com professores de espanhol na cidade de Pelotas. As informações coletadas atestaram um alto índice de acertos, por parte dos professores residentes em Pelotas, tanto para o Teste de Produção como para os Testes de Percepção. Esse resultado pode ser atribuído ao contexto de imersão na língua portuguesa, que, para eles, se constitui em uma língua estrangeira, e que pode ter-lhes aguçado a percepção, porque contém um número de fricativas maior do que o das consoantes fricativas do espanhol. Esse estudo piloto foi relevante porque ofereceu evidências da inteligibilidade e acessibilidade dos testes elaborados para o presente estudo. Subsequentemente, então, os testes foram aplicados aos falantes de espanhol residentes em Montevideu.

3.4 GRAVAÇÃO DOS ESTÍMULOS SONOROS

Os estímulos dos testes de percepção foram gravados por nativos uruguaios, residentes no Brasil, e em condições de bilinguismo com alto índice de proficiência nas duas línguas. Foi escolhido esse tipo de locutor para a gravação dos estímulos, pois um falante que não tivesse essa condição de bilinguismo ou que apresentasse influência do espanhol no português poderia ter dificuldade em produzir, com naturalidade, consoantes fricativas com o traço [+son].

Os estímulos foram gravados por dois locutores – um locutor do sexo masculino e uma locutora do sexo feminino –, com a capacidade de produzir, de maneira proficiente, as formas fonéticas de fricativas que deveriam ser testadas no estudo.

Concluídas as gravações dos estímulos sonoros, foi possível dar início à coleta de dados na cidade de Montevideu.

3.5 PROCEDIMENTO PARA A COLETA DE DADOS

Todos os dados foram coletados na cidade de Montevideu. Os entrevistados foram visitados e entrevistados em suas residências. Os dados foram gravados com a ajuda de um aparelho Tascam DR-05, com gravação estéreo omnidirecional de alta qualidade de 44.1/48/96/khz.

A utilização de um gravador profissional ofereceu suporte adequado para que, subsequentemente às gravações, os dados fossem ouvidos e transcritos foneticamente, de acordo com o IPA – Alfabeto Fonético Internacional.

Para que as entrevistas e a aplicação dos testes sofressem o mínimo de interferência externa, dois cuidados básicos foram tomados na coleta de dados: quanto ao ambiente e quanto ao material de apoio.

Com relação ao ambiente das entrevistas, foi escolhida a residência dos informantes, a fim de facilitar a sua colaboração e evitar o seu deslocamento, o que poderia servir de empecilho ou até mesmo de evasão do informante.

Na busca da melhor qualidade de gravação possível, cuidamos para evitar ruídos (televisão ou aparelho de som ligados ou ambientes com janela para uma rua movimentada, por exemplo) ou a interferência de outras pessoas que, por algum motivo, inviabilizassem a coleta. Dessa forma, os encontros aconteciam com o entrevistado a sós ou acompanhado, em uma sala, o mais isolado possível, na tentativa de evitar ao máximo qualquer ruído externo que comprometesse a qualidade da gravação.

No tocante ao suporte técnico ou material de apoio, todo o sistema computacional para a aplicação dos três testes previstos para o estudo foi programado em um *notebook* com capacidade para o registro dos dados necessários. Também constituíram suporte de apoio à coleta de dados o gravador e o material impresso (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Questionário Sociolinguístico). Todo o material era organizado previamente à

realização de cada entrevista. A coleta de dados, com a aplicação de todos os testes aos informantes, estendeu-se pelo período de 15 dias.

3.6 TRATAMENTO DOS DADOS

Depois de coletados, todos os dados foram submetidos à transcrição fonética e, então, foram categorizados em uma planilha no Excel, de modo a permitir a leitura das variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas na pesquisa.

Uma vez codificados os dados, foram submetidos a processamento numérico mediante a utilização do sistema Rbrul de computação estatística.

3.6.1 Software RBRUL

O Programa Rbrul é um *software* gratuito, idealizado por Daniel Ezra Johnson, cujo objetivo fundamental consiste na análise estatística. A versão do Rbrul utilizada na presente investigação é a Versão 2.3.1, de 9 de maio de 2016.

Este programa está disponível para download em www.rproject.org e as suas atualizações são periódicas e realizadas pelo autor do programa, que mantém atualizadas as informações. O Rbrul realiza a análise de regressão logística, ou seja, explica uma variável dependente através de variáveis independentes multifatoriais. O modelo logístico pode ser formalizado através da fórmula abaixo:

Fórmula do cálculo de regressão logística

$$P_{ijk...}/(1-P_{ijk...}) = P_0/(1-P_0) \times P_i/(1-P_i) \times P_j/(1-P_j) \times \dots$$

Fonte: Guy e Zilles (2007, p. 42)

Figura 22: Fórmula do cálculo de regressão logística

Guy e Zilles (2007, p. 41) explicam a referida fórmula afirmando que "(...) P_i representa o valor associado com o fator i , P_0 representa uma 'probabilidade de input' global que estabelece o nível geral de aplicação da regra, e P_{ijk} representa a probabilidade de aplicação da regra no contexto dos fatores i, j, k ". O cálculo de regressão logística levado a cabo pelo Rbrul considera

o efeito misto de variáveis preditivas e aleatórias. Variáveis preditivas são aquelas cuja realização das variantes é parametrizada por fatores pré-definidos, como a variável Classe Gramatical, por exemplo, em que todas as ocorrências são rotuladas por um dos fatores: Substantivo, Verbo, Pronome, Advérbio e Adjetivo. Uma variável é do tipo aleatória se os dados por ela analisados pertencem a uma população ampla que não pode ser averiguada em sua totalidade pelo pesquisador.

O programa reconhece arquivos de dados de diferentes formatos. Ao ser realizada a planilha no Excel, esta servirá de arquivo de entrada para a rodada. Existe uma formatação específica para que o arquivo seja compatível com os requisitos do Rbrul. A planilha no Excel, utilizada na rodada do programa Rbrul, pode ser vista na Figura 23 a seguir.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T
10	1 f		62 c	pólvara	polBora	1 l		l		l		m	m	a						
11	1 f		62 c	cave	kaBe	1 p		s		c		d	m	b	a					
12	1 f		62 c	valle	base	0 f		f		d		l	b	m	t					
13	1 f		62 c	vaca	baka	0 f		p		d		l	b	m	t					
14	1 f		62 c	jabón	xabon	0 f		s		l		d	m	b	t					
15	1 f		62 c	vote	bote	0 f		p		l		m	m	t						
16	1 f		62 c	avulsión	aBulsion	1 f		l		l		d	a	b	a					
17	1 f		62 c	visto	bisto	0 f		f		c		l	a	m	t					
18	1 f		62 c	ave	aBe	1 f		s		c		d	m	b	t					
19	1 f		62 c	revulsivo	rebulsibo	0 l		f		c		l	a	m	a					
20	1 f		62 c	revulsivo	rebulsibo	1 f		s		l		c	m	a	a					
21	1 f		62 c	lleva	seBa	1 f		s		d		c	b	m	a					
22	1 f		62 c	bovina	boBina	0 f		f		l		l	m	m	a					
23	1 f		62 c	bovina	boBina	1 p		n		l		c	a	m	t					
24	1 f		62 c	abollar	aBosar	1 f		f		l		d	m	b	t					
25	1 f		62 c	uva	uBa	1 f		s		l		d	b	a	t					
26	1 f		62 c	novísimo	noBisimo	1 n		f		c		l	a	m	t					
27	1 f		62 c	vino	Bino	1 f		n		c		l	a	m	t					
28	1 f		62 c	universo	uniBerso	1 n		f		c		c	m	a	t					

Figura 23: Tabela Excel para a rodada no software Rbrul

Nas colunas foram registradas todas as informações relevantes para a análise pelo Rbrul: 1º) o informante, 2º) o sexo do informante, 3º) idade e grupo de faixa etária do informante, 4º) a palavra analisada, 5º) a sua produção fonética pelo informante, 6º) variáveis dependentes codificadas, 7º) variáveis independentes codificadas: contexto precedente, contexto seguinte, ponto de articulação da vogal (precedente e seguinte), altura da vogal (precedente e seguinte) e a tonicidade da sílaba.

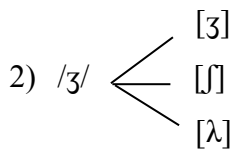
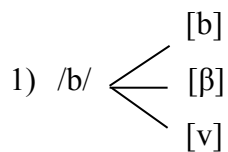
As variáveis controladas no presente estudo aparecem discriminadas na seção apresentada a seguir.

3.7 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

Nesta seção, apresentamos as variáveis que foram levadas em conta para a execução do presente estudo sobre as fricativas labiais e coronais e o processo de fricativização no Espanhol de Montevidéu. As variáveis estão subdivididas em linguísticas e extralinguísticas.

3.7.1 Variável dependente

A variável dependente foi estabelecida com o objetivo de identificar o uso das consoantes fricativas labiais e coronais do espanhol do Prata, por falantes nativos do espanhol, em posição intervocálica. Constituem, portanto, variáveis dependentes aquelas que incluem a possibilidade de emprego de fricativas do espanhol do Prata. Foi atribuído zero à forma fonética que corresponde à representação fonológica, com a preservação dos traços de ponto, modo e sonoridade da forma fonológica. Assim, tem-se que $/b/ \rightarrow [b]$ e $/\beta/ \rightarrow [\beta]$.



Originalmente, também faziam parte das variáveis dependentes as fricativas $/s/$, $/x/$ e $/f/$. No entanto, como em seu emprego os informantes da pesquisa não evidenciaram qualquer alternância, foram desconsideradas no estudo.

A seguir, passaremos a caracterizar as variáveis independentes linguísticas para que sejam complementados os dados necessários para as análises estatísticas do programa Rbrul.

3.7.2 Variáveis independentes linguísticas

Em consonância com os estudos da Sociolinguística Variacionista, foram controladas as seguintes variáveis de carácter estrutural, em se considerando as consoantes fricativas do espanhol do Prata:

a) Contexto precedente – onset da sílaba precedente

plosivas

fricativas

nasal

líquida

depois de pausa

b) Contexto seguinte – onset da sílaba seguinte

plosivas

fricativas

nasal

líquida

sem sílaba seguinte

c) Ponto de articulação da vogal seguinte

Coronal /i/ – /e/

Dorsal /a/

Dorsal-labial /o/ - /u/

Sem vogal seguinte

d) Ponto de articulação da vogal precedente

Coronal /i/ – /e/

Dorsal /a/

Dorsal-labial /o/ - /u/

Sem vogal precedente

e) Altura da vogal seguinte

Alta /i/ - /u/

Média /e/ - /o/

Baixa /a/

Sem vogal seguinte

f) Altura da vogal precedente

Alta /i/ - /u/

Média /e/ - /o/

Baixa /a/

Sem vogal precedente

g) Tonicidade da sílaba

Sílaba tônica

Sílaba átona

Tendo sido definidas as variáveis independentes linguísticas, passamos às definições das variáveis independentes extralinguísticas, na busca das informações sociais complementares e fundamentais para a investigação.

3.7.3 Variáveis independentes extralinguísticas

Com referência às variáveis extralinguísticas, foram controladas duas variáveis, as quais foram selecionadas por se terem mostrado significativas em estudos precedentes (ELIZAINCÍN *et al*, 1994):

- a) Idade (Grupo geracional);
- b) Sexo.

A variável idade foi dividida em três níveis: (a) de 16 a 30 anos; (b) de 31 a 55 anos; (c) acima de 55 anos, conforme já apresentado. Em cada grupo de faixa etária foram entrevistados 6 informantes.

Em razão de também ser controlada a variável social ‘sexo’, em cada faixa etária foram entrevistados 3 informantes do sexo masculino e 3 informantes do sexo feminino. Dessa forma, constituiu-se o total de 18 informantes.

Após resolvida a planilha com as informações necessárias passaríamos então a rodar o programa estatístico para a obtenção dos resultados. Por tal motivo, o próximo item possui o objetivo de explicar a leitura dos resultados estatísticos de maneira sucinta.

3.7.4 Rodando o sistema estatístico RBRUL

Foi submetido ao Rbrul o total de 1.242 dados obtidos no Teste de Produção (ver Seção 3.3.2.6), bem como os dados do Teste de Percepção 1.

Para o uso do sistema Rbrul, o primeiro passo foi proceder ao download do programa. Após baixar e instalar o *software*, de www.rproject.org, tornou-se necessário seguir itens de instalação para a utilização eficiente.

O programa estatístico RBrul, além de calcular as probabilidades dos fatores de cada variável, apresenta uma seleção estatística das diversas variáveis analisadas, que é feita em função de um índice estatístico chamado *peso relativo*, cujo ideal é de .50. Os resultados indicam que a ocorrência acima de .50 favorece a aplicação da regra; em torno de .50 é neutra para a aplicação da regra e abaixo de .50 a inibe; no entanto, é a partir da combinação de variáveis que são geradas as regras probabilísticas para os contextos. Aplicado o pacote RBRUL nesta pesquisa, ao final da análise obteve-se a *matriz de correlação das variáveis*, podendo observar-se a ligação ou não existente entre essas variáveis.

A partir do uso do RBRUL, realizamos a análise linguística dos resultados obtidos. A seguir, o trabalho descreve os impactos produzidos na estrutura segmental do espanhol de Montevideu - Uruguai a partir do resultado dos testes de produção e percepção realizados pelos informantes da pesquisa.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta a descrição e a análise dos resultados obtidos nos três testes aplicados no presente estudo, ou seja, os resultados dos dois Testes de Percepção, bem como do Teste de Produção.

4.1 TESTES DE PERCEPÇÃO

Inicialmente serão apresentados os resultados dos dois Testes de Percepção e, subsequentemente, do Teste de Produção.

4.1.1 Teste de Percepção 1

Além de verificar a identificação dos segmentos labiais [b], [β] e [v], o Teste de Percepção 1 também teve como foco as fricativas coronais [ʃ] e [ʒ].

4.1.1.1 Teste de Percepção 1 – os segmentos labiais [b], [β] e [v]

O **Teste de Percepção 1** consistiu em um teste de identificação das fricativas labiais sonoras ([β] e [v]) e da plosiva labial sonora [b], bem como das fricativas coronais [ʃ] e [ʒ].

Os dados obtidos no Teste de Percepção 1 foram transcritos, classificados e organizados em tabelas. As seguintes tabelas registram os dados obtidos no Teste de Percepção 1, separados de acordo com os três grupos etários considerados no presente estudo.

As Tabelas 2, 3 e 4 trazem os dados relativos, no Teste de Percepção 1, aos segmentos labiais [b], [β] e [v]. Os números na linha superior da tabela referem-se aos estímulos catalogados para as variáveis labiais [b], [β] e [v] que foram apresentadas aos informantes.

Os números na linha horizontal da tabela (de 1 a 6) indicam os informantes desse grupo etário.

A Tabela 2 apresenta os resultados do Grupo Etário acima dos 55 anos, aqui identificado como Grupo 1, sobre a percepção dos segmentos [b], [β] e [v].

Tabela 2: Porcentagem de acertos na percepção das formas [b], [β] e [v], no Grupo Etário 1 (idade acima dos 55 anos) – Teste de Percepção 1

Grupo Etário 1 – acima dos 55 anos	Acertos para os estímulos [b]	Acertos para os estímulos [β]	Acertos para os estímulos [v]	Acertos totais em % para [b], [β] e [v] por informante
Informante 1	100%	75%	84,6%	86,53%
Informante 2	50%	50%	77%	59%
Informante 3	100%	0%	100%	66,66%
Informante 4	100%	100%	46,1%	82,03%
Informante 5	100%	0%	100%	66,66%
Informante 6	100%	25%	100%	75%
Média geral	91,6%	41,6%	84,5%	72,6%

Os dados da Tabela 2 mostram que os informantes da geração mais antiga possuem uma boa percepção para os estímulos labiais, alcançando um percentual geral de 72,6%. Ao analisarmos os resultados, é possível verificar que os informantes obtiveram uma média alta quando o estímulo apresentado era a plosiva bilabial (91,6%). Porém, estiveram abaixo dos 50% quando o estímulo apresentado era a aproximante [β] (41,6%) e, por fim, se elevou novamente quando o estímulo apresentado era a fricativa labiodental sonora chegando a 84,5% ao tratar-se da fricativa labial sonora [v]. O índice geral de acertos (72,6%) demonstra uma proporção alta para as formas fonéticas labiais.

O índice acima de 90% da identificação da plosiva bilabial [b] pode ser interpretado como o reconhecimento da representação do fonema /b/, estando as outras formas ([β] e [v]) em distribuição complementar como variantes alofônicas em posição intervocálica.

Outro fato relevante que se evidencia na Tabela 2 é que todos os informantes apresentaram percentual de acerto total, na percepção das formas fonéticas, acima de 50%, com predominância de acerto na forma plosiva [b], com exceção do informante 2, que majoritariamente acertou os estímulos com a fricativa labiodental sonora [v].

No Grupo Etário intermediário, dos 31 aos 55 anos, aqui identificado como Grupo 2, o índice de acertos totais ainda se manteve acima de 50%, alcançando a casa dos 64%. Embora o grupo tenha alcançado esse resultado geral, a identificação da plosiva bilabial [b] (59%), diferentemente do que ocorreu com o Grupo Etário 1, não foi prevalente: a percepção da forma fonética labiodental sonora [v] obteve resultados superiores (81,9%). Os integrantes do Grupo 2 acertaram predominantemente a forma fricativa [v], com exceção do informante 3, que majoritariamente acertou os estímulos com a plosiva bilabial sonora [b].

Assim como ocorreu com o Grupo Etário 1, o Grupo Etário 2 apresentou o menor percentual de percepção quando se tratou da fricativa bilabial [β] (33,33%). Os dados do Grupo Etário 2 estão expressos na Tabela 3.

Tabela 3: Porcentagem de acertos na percepção das formas [b], [β] e [v], no Grupo Etário 2 (idade entre 31 e 55 anos) – Teste de Percepção 1

Grupo Etário 2 – Entre 31 e 55 anos	Acertos para os estímulos [b]	Acertos para os estímulos [β]	Acertos para os estímulos [v]	Acertos totais em % para [b], [β] e [v] por informante
Informante 1	56,2%	50%	100%	72,7%
Informante 2	22,7%	50%	96%	57,6%
Informante 3	81,2%	50%	69,2%	69,7%
Informante 4	50%	50%	53,8%	51,5%
Informante 5	68,7%	0%	76,2%	63,6%
Informante 6	75%	0%	96%	72,7%
Média geral	59%	33,33%	81,9%	64,6%

O majoritário índice de acerto na percepção da labiodental sonora [v] poderia ser interpretado como uma tendência ao reconhecimento dessa forma fonética como representativa do fonema /b/ em posição intervocálica, talvez com tendência a encaminhar-se para o status de fonema /v/.

Na Tabela 4, são apresentados os dados do Grupo Etário 3.

Tabela 4: Porcentagem de acertos na percepção das formas [b], [β] e [v], no Grupo Etário 3 (idade entre 16 e 30 anos) – Teste de Percepção 1

Grupo Etário 3 – Entre 16 e 30 anos	Acertos para os estímulos [b]	Acertos para os estímulos [β]	Acertos para os estímulos [v]	Acertos totais em % para [b], [β] e [v] por informante
Informante 1	50%	75%	38,5%	54,5%
Informante 2	100%	0%	84,6%	61,33%
Informante 3	31,2%	50%	23%	34,73%
Informante 4	43,7%	0%	38,5%	27,4%
Informante 5	75%	75%	96%	82%
Informante 6	25%	50%	96%	57%
Média geral	54,2%	41,6%	62,7%	52,83%

No Grupo Etário 3, correspondente à faixa etária mais jovem (informantes com idade entre 16 e 30 anos), o índice de acertos totais continuou acima de 50%, alcançando, no entanto, o percentual mais baixo (52,83%), ao se compararem os três grupos etários aqui estudados.

Conforme ocorreu no Grupo 2, no Grupo Etário 3 predominou a percepção acertada da forma fonética labiodental sonora [v] (62,7%), mas com índice pouco acima daquele alcançado pela identificação da plosiva bilabial [b] (54,2%).

Isso significa dizer que há uma demonstração pelos dados da Tabela 9, que os integrantes do Grupo 3 acertaram predominantemente a forma fricativa [v], com exceção dos informantes 1, 3 e 4: os informantes 2 e 5 majoritariamente acertaram os estímulos com a plosiva bilabial sonora [b] (respectivamente 100% e 75%); os informantes 1 e 5 predominantemente acertaram os estímulos com a fricativa bilabial [β] (ambos 75%).

Assim como ocorreu com os Grupos Etários 1 e 2, o Grupo Etário 3 apresentou o menor percentual de percepção quando se tratou da fricativa bilabial [β] (41,6%).

Comparando-se os resultados mostrados pelas Tabelas 2, 3 e 4, verificamos que houve um número crescente de erros na identificação da diferença entre as formas das consoantes labiais, especialmente à medida que a faixa etária foi diminuindo, ou seja, o Grupo 3 apresentou mais erros de percepção da diferença entre os segmentos labiais, seguido pelo Grupo 2 e, com menor número de erros, aparece o Grupo 1. Embora seja constatada certa dificuldade na identificação da diferença, pode ser tomada como indício que as formas testadas estão sendo processadas, pelos falantes, como variantes alofônicas.

4.1.1.2 Teste de Percepção 1 – os segmentos coronais [ʃ] e [ʒ]

Seguindo o mesmo encaminhamento tomado em relação às consoantes labiais, os dados relativos à percepção das fricativas [ʃ] e [ʒ] foram transcritos, classificados e organizados em quadros. As Tabelas 5, 6 e 7, a seguir, registram os dados obtidos no Teste de Percepção 1, referentes à percepção das fricativas coronais, separados de acordo com os três grupos etários considerados no presente estudo.

A Tabela 05 apresenta o resultado do Grupo Etário acima dos 55 anos, identificado anteriormente como Grupo Etário 1, sobre a percepção dos segmentos [ʃ] e [ʒ].

Tabela 5: Porcentagem de acertos na percepção das formas fricativas [ʃ] e [ʒ] no Grupo Etário 1 – Teste de Percepção 1

Grupo Etário 1 Acima de 55 anos	Acertos para os estímulos [ʃ]	Acertos para os estímulos [ʒ]	Acertos totais em % para [ʃ] e [ʒ] por informante
Informante 1	14,3%	92,3%	53,3%
Informante 2	42,9%	84,6%	63,75%
Informante 3	85,7%	76,9%	81,3%
Informante 4	28,6%	53,8%	41,2%
Informante 5	71,4%	53,8%	62,6%
Informante 6	71,4%	61,5%	66,45%
Média geral	52,4%	70,48%	61,44%

Pelos dados da Tabela 5, é possível observar que, para o grupo cuja faixa etária se encontra acima dos 55 anos, há uma tendência para a percepção predominantemente adequada do estímulo sonoro [ʒ] (média de 70,48% de acertos) diante do estímulo [ʃ] (média de 52,4% de acertos). A porcentagem total de acertos apresentada pelos informantes oscilou entre 41% e 81%, sendo que os informantes 1, 2 e 4 acertaram em maior índice os estímulos com [ʒ], enquanto os informantes 3, 5 e 6 acertaram em maior índice os estímulos com [ʃ]. A percepção das duas formas fonéticas de fricativa coronal, a surda e a sonora, em onset de sílaba do espanhol, em posição intervocálica, pode ser interpretada como o reconhecimento do status alofônico que cumprem na língua.

Segundo os dados da Tabela 5, é possível dizer que, em vista dos dados dos informantes 1, 2 e 3, há uma tendência, na geração mais antiga, para perceber, com maior acurácia, os estímulos com fricativa coronal sonora.

Dando continuidade à análise dos resultados e observando de maneira equivalente o Grupo Etário 2, constituído por informantes de 31 a 55 anos, os resultados expressos na Tabela 06 induzem a uma interpretação diferente se comparados com os da geração analisada anteriormente.

Tabela 6: Porcentagem de acertos na percepção das formas fricativas [ʃ] e [ʒ] no Grupo Etário 2 – Teste de Percepção 1

Grupo Etário Entre 31 e 55 anos	Acertos para os estímulos [ʃ]	Acertos para os estímulos [ʒ]	Acertos totais em % para [ʃ] e [ʒ] por informante
Informante 1	84%	30,7%	50%
Informante 2	100%	46,1%	65%
Informante 3	85,7%	31,7%	50%
Informante 4	71,4%	53,8%	65%
Informante 5	85,7%	30,7%	40%
Informante 6	86%	31%	50%
Média geral	85,5%	37,3%	53,33%

Os dados da Tabela 6 mostram que os informantes do Grupo 2 obtiveram uma percepção apurada quando os estímulos apresentados eram as fricativas coronais surdas. O índice de acertos para [ʃ] alcançaram 85,5%, enquanto que os informantes desse Grupo mostraram o índice de acerto de 37,3% quando se tratava de perceber o estímulo [ʒ]. Neste caso, há uma significativa diferença demonstrada entre as gerações, se comparadas a mais antiga e a intermediária. Nessa perspectiva, para que seja viável argumentar sobre uma possível dessonorização em curso entre as fricativas coronais, no que tange à percepção, devemos ainda confrontar os resultados da geração mais nova e considerar qual é a percepção dessa faixa etária.

Desse modo, passamos para a observação dos resultados obtidos pelo Grupo Etário 3. O terceiro grupo é composto pelos informantes de 16 a 30 anos e, mais uma vez, os resultados são referentes à avaliação da percepção, pelos informantes, das fricativas coronais no Teste de Percepção 1. Os resultados obtidos por esse grupo geracional aparecem discriminados na Tabela 07.

Tabela 7: Porcentagem de acertos na percepção das formas fricativas [ʃ] e [ʒ] no Grupo Etário 3 – Teste de Percepção 1

Grupo Etário 3 Entre 16 e 30	Acertos para os estímulos [ʃ]	Acertos para os estímulos [ʒ]	Acertos totais em % para [ʃ] e [ʒ] por informante
Informante 1	71,4%	38,4%	50%
Informante 2	85,7%	53,8%	65%
Informante 3	86%	77%	80%
Informante 4	85%	15,4%	40%
Informante 5	85,7%	16%	40%
Informante 6	86%	31%	50%
Média geral	83,3%	38,6%	54,1%

O Grupo Etário 3, composto pelos informantes de 16 a 30 anos, mostrou o índice de acertos geral referente aos estímulos apresentados com fricativas coronais sonoras menor se comparados aos do Grupo 1 e praticamente igual ao do Grupo 2, ou seja, os dados da Tabela 7 mostram que os informantes do Grupo 3 obtiveram uma percepção muito similar se comparados ao grupo geracional intermediário. O índice de percepção para a fricativa coronal surda [ʃ] (83,3%) foi, mais uma vez, significativamente maior se comparado aos resultados obtidos pela geração mais velha e muito próxima se comparada à geração intermediária (85,5%). Em contrapartida, quando os estímulos apresentados para os informantes foram referentes à fricativa sonora [ʒ], os resultados da percepção também foram próximos (para o Grupo 2: 37,3% e para o Grupo 3: 38,6%), não superando o percentual de 40%. Esses dados possibilitam a interpretação de que uma mudança pode estar em curso nas fricativas do espanhol do Prata, com o encaminhamento para a fonologização da fricativa coronal surda [ʃ], ocupando o espaço da fricativa coronal sonora [ʒ] na fonologia da língua.

Os resultados registrados nas Tabelas de 2 a 7 levam à verificação da crescente percepção, nas gerações mais novas, de formas fonéticas fricativas labiais, diferentes de [b], para representar a plosiva labial /b/, bem como da forma fonética fricativa coronal surda para representar a fricativa coronal sonora /ʒ/, contrapondo-se à geração mais velha cuja performance favorece a percepção das formas labial [b] e coronal sonora [ʒ].

Comparando-se, ao final, todos os resultados obtidos no Teste de Percepção 1, reunidos nas Tabelas numeradas de 2 a 7, verificamos que as respostas obtidas pelo Grupo 1 permitem afirmarmos que esse Grupo privilegia a percepção das formas fonéticas [b] para a plosiva labial e [ʒ] para a fricativa coronal, representação, respectivamente, dos fonemas /b/ e /ʒ/. Verificamos também que houve um número crescente de erros na identificação da diferença entre as formas das consoantes labiais [b], [β] e [v] à medida que a faixa etária foi diminuindo, enquanto para as formas com as fricativas [ʃ] e [ʒ] também houve aumento de erros dos Grupos 2 e 3 em comparação com o Grupo 1.

Podemos reiterar que a crescente dificuldade na identificação da diferença pode ser tomada como a solidificação do status de alofones tanto para as consoantes labiais [b], [β] e [v], como para as fricativas coronais [ʃ] e [ʒ], com uma possível indicação de encaminhamento para a fonologização, ou transfonologização, especialmente da fricativa coronal surda /ʃ/, tomando o lugar da fricativa coronal sonora /ʒ/.

Passaremos agora aos resultados obtidos no Teste de Percepção 2.

4.1.2 Teste de Percepção 2

Conforme já foi salientado no Capítulo 3, neste teste estava sendo buscada a possível fonologização da fricativa labial [v] e a comprovação de um ensurdecimento da fricativa coronal sonora. O teste exigia dos informantes a avaliação do significado de palavras contendo as formas fonéticas [β] e [v], bem como as fricativas coronais [ʃ] e [ʒ], a fim de que fosse possível verificar o seu funcionamento como variantes alofônicas no espanhol de Montevideu ou como fonemas diferentes.

4.1.2.1 Teste de percepção 2 – os segmentos labiais [b], [β] e [v]

Para os segmentos labiais, o **Teste de Percepção 2** consistiu de um teste de discriminação de significado de palavras que continham as fricativas labial sonora ([v]) e da plosiva labial sonora [b].

A Tabela 08 apresenta a porcentagem de acertos que os informantes obtiveram no Teste de Percepção 2, relativamente à presença das formas fonéticas labiais, [b] e [v].

Tabela 8: Porcentagem de acertos na percepção das formas [b] e [v], nos três Grupos Etários – Teste de Percepção 2

	Grupo Etário 1 + de 55 anos	Grupo Etário 2 De 31 a 55 anos	Grupo Etário 2 De 31 a 55 anos	Acertos totais em % para [b] e [v] por informante
Informante 1	87,5%	87,5%	75%	83,33%
Informante 2	75%	87,5%	100%	87,5%
Informante 3	87,5%	75%	87,5%	83,33%
Informante 4	87,5%	50%	37,5%	58,33%
Informante 5	100%	62,5%	62,5%	75%
Informante 6	100%	87,5%	50%	79,16%
Média geral	89,58%	75%	68,75%	77,77%

A Tabela 8 apresenta resultados que vão em direção àqueles obtidos no Teste de Percepção 1, uma vez que, também no Teste de Percepção 2, as duas primeiras gerações obtiveram índice geral de acertos superior ao alcançado pelas gerações mais jovens.

Embora exista uma dificuldade entre os informantes na identificação das formas labiais apresentadas, os estímulos com maior número de acertos estiveram centrados nos pares

mínimos, *tubo* / *tuvo* e *cabo* / *cavo*, com média de 94,77% para o primeiro e 89% para o segundo par. Cabe lembrar que o Teste de Percepção 2 continha áudios com palavras com o fonema /b/, representado por diferentes formas fonéticas: [β] e [v]. Apesar de as palavras conterem o mesmo fonema /b/, o teste pretendia avaliar se as diferentes formas fonéticas poderiam levar a diferentes atribuições de significado (conforme já tem sido observado no uso desses pares por falantes da língua).

Nesse sentido, as respostas obtidas pelos informantes, conforme indicam os dados registrados na Tabela 8, dão conta de uma percepção consistente quanto à atribuição de diferentes significados, com um índice de 77,77% para cada par mínimo. Por tal motivo, poderíamos ter uma evidência de que este é o primeiro passo para que o som [v], considerado atualmente alofone de /b/, possa estar em um processo de fonologização, vindo, futuramente, a adquirir o *status* de fonema /v/, aumentando o número de consoantes fricativas do espanhol e estabelecendo o emprego distintivo do traço [±sonoro] na classe das fricativas da língua, pois, se houvesse a fonologização de /v/, seria criada a oposição fonológica entre as fricativas labiais /f/ e /v/.

Por outro lado, além desse resultado, foi possível constatar que a porcentagem de acertos, tanto no Teste de Percepção 1 quanto no Teste de Percepção 2 foram similares. Essa semelhança está centrada no âmbito de acertos maiores, para a geração mais velha, seguida da geração intermediária e, por fim, com resultados menores, a geração mais nova, conforme demonstrado na Tabela 9, que compara os resultados entre os testes de percepção 1 e 2.

Tabela 9: Tabela comparativa entre os resultados dos Testes de Percepção 1 e 2 – índices de acertos os estímulos [b], [β] e [v]

Estímulos [b], [β] e [v]	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Teste de Percepção 1 (acertos)	72,6%	64,6%	52,8%
Teste de Percepção 2 (acertos)	89,58%	75%	68,75%
Média entre Testes de Percepção 1 e 2	81,09%	69,8%	60,78%

Como podemos verificar, o Grupo 1 obteve resultados com acerto que alcançaram o percentual de 81,09%; a geração intermédia (Grupo 2) mostrou o índice de acerto de 69,8% e, por fim, a geração mais jovem (Grupo 3) alcançou o índice de acerto de 60,78% para os estímulos relativos à percepção das formas [b], [β] e [v].

Com base nas respostas poderíamos ter uma evidência de que este é o primeiro passo para que o som [v], considerado atualmente alofone de /b/, possa estar em um processo de futura fonologização.

4.1.2.2 Teste de percepção 2 – os segmentos coronais [ʃ] e [ʒ]

Para os estímulos obtidos no Teste de Percepção 2 referente às fricativas coronais, também foi possível observar que os resultados, mais uma vez, se mantiveram similares aos resultados obtidos no Teste de Percepção 1, conforme indicam os dados da Tabela 10 relativos aos três grupos geracionais.

Tabela 10: Porcentagem de acertos na percepção das formas fricativas [ʃ] e [ʒ] no Grupo Etário 1,2 e 3 – Teste de Percepção 2

	Grupo Etário 1 + de 55 anos	Grupo Etário 2 de 31 a 55 anos	Grupo Etário 3 de 16 a 30 anos	Acertos totais em % para [ʃ] e [ʒ] por informante
Informante 1	87,5%	87,5%	75%	83,33%
Informante 2	75%	87,5%	100%	87,5%
Informante 3	87,5%	75%	87,5%	83,33%
Informante 4	87,5%	50%	37,5%	58,33%
Informante 5	100%	62,5%	62,5%	75%
Informante 6	100%	87,5%	50%	79,16%
Média geral	89,58%	75%	68,75%	77,77%

No Teste de Percepção 2, conforme já foi referido, os informantes deveriam identificar o significado dos estímulos, a fim de ser avaliado o fato de a variação fonética implicar ou não, para os informantes, alteração do significado das palavras.

Mais uma vez, o Grupo 1 atingiu índices maiores de acerto ao perceberem estímulos sonoros e ao relacioná-los aos significados das palavras. Conseguiram perceber as alternâncias da fricativa coronal palatal surda e da sonora, ao passo que as gerações mais novas não obtiveram o mesmo rendimento.

Para o Teste de Percepção 2, portanto, foi solicitado aos entrevistados que verificassem se, ao ouvir o áudio, conseguiam interpretar significados distintos entre as alternativas. Entre os estímulos apresentados, havia, para as labiais, a possibilidade de identificarem formas com [b] ou com [v], no intuito de avaliar se os informantes atribuíam mudanças de significado dependendo de mudanças de som (no caso, mudança de modo de articulação). Como exemplo, podemos citar [ka.bo] e [ka.vo], sendo a primeira com possível significado de *cabo ou empunhadura*, enquanto que, para o segundo, a possibilidade de interpretação do verbo *cavar*,

conjugado no presente do indicativo. Nesse sentido, a variação de significado não dependeria de contexto de comunicação, porém apenas poderia ser atribuída à diferença do som presente no estímulo.

Ao tratar-se das consoantes fricativas coronais, seguindo a mesma premissa de que poderiam ser atribuídos significados diferentes para as palavras com sons distintos, foram utilizadas formas fonéticas com [ʃ] e [ʒ], como em [des.ma. ʃar] ou em [des.ma. ʒar], sendo que, na língua, as duas formas têm o significado de *desfazer uma malha ou o ato de desmaio*.

Em uma comparação dos dados das Tabelas 10 e 11, é possível a observação de que houve um número maior de acertos na discriminação de significado de palavras que continham as fricativas coronais [ʃ] e [ʒ] do que na discriminação de palavras que continham as consoantes labiais [b], [β] e [v], nos três grupos etários. Esse resultado mais uma vez pode ser interpretado como indicativo de que, com o passar do tempo, passe a haver a fonologização de [ʃ], embora neste momento as formas fonéticas [ʃ] e [ʒ] estejam funcionando como variantes alofônicas; quanto ao caso das labiais, a tendência parece ser de as três formas fonéticas [b], [β] e [v] se manterem em variação alofônica na representação do fonema /b/.

Se contrastarmos os resultados obtidos nos Testes de Percepção 1 e 2, podemos considerá-los coerentes: o Grupo 1, da geração acima de 55 anos, possui uma percepção mais apurada quando lhes são apresentados os estímulos, seja com as consoantes labiais, seja com as fricativas coronais-

Os resultados dos dois Testes de Percepção, tanto em relação às consoantes labiais, como em relação às fricativas coronais, permitem que seja confirmada a coexistência entre as formas, ou seja, da condição alofônica no espanhol do Uruguai, com a preservação desse status na geração mais jovem.

De acordo com os resultados obtidos até agora, é possível dizer que há uma tendência, por parte dos habitantes montevidéanos mais jovens, considerando-se as formas [ʃ] e [ʒ], de acentuar-se o processo de dessonorização, conforme estudado diacronicamente por autores como: Elizaincín (1992a), Elizaincín, Malcuori e Bertolotti (1997), Elizaincín, Groppi, Malcuori e Coll (1997), Elizaincín, Malcuori e Coll (1998), Canale (2005), Ramírez Luengo (2007), Fernández Trinidad (2008), entre outros, e de base sincrônica por: Rona 1965), Canfield (1981), Gabbiani y Madfes (1984), Elizaincín y Barrios (1990), Elizaincín (1992b), Thun e Elizaincín (2000), Barrios (2002), Canale e Rivero (2007), Fernández Trinidad (2010), entre outros.

Portanto, a investigação não foge dos parâmetros obtidos nas pesquisas anteriores.

4.2 TESTE DE PRODUÇÃO

Os dados obtidos no Teste de Produção foram submetidos ao sistema estatístico Rbrul. Este sistema operacional foi o eleito em virtude de ser muito utilizado para pesquisas que tratam de dados linguísticos variáveis, como, por exemplo, a de Mileski (2013), Biasibett (2014), Machri da Silva e Chaves (2015) e também porque é capaz de trazer contribuições para a análise empreendida no presente estudo, oferecendo o tratamento estatístico necessário à avaliação dos dados linguísticos em foco.

No Teste de Produção, foram avaliados os empregos das consoantes labiais [b], [β] e [v], como também o uso das formas fricativas coronais [ʃ] e [ʒ]

4.2.1 Teste de produção – os segmentos labiais [b], [β] e [v]

O Teste de Produção, conforme explicitação apresentada na Seção 3.3.2.6, continha 19 palavras com a possibilidade de emprego das consoantes labiais [b], [β] e [v]. Como a presente investigação contou com 18 informantes, o total de dados obtidos com a aplicação desse teste somou 342 ocorrências.

O Quadro 16 resume a manifestação das diferentes formas fonéticas registradas no presente estudo para representar o fonema /b/.

Fonema Labial (plosiva labial sonora)	Formas fonéticas que representam o fonema labial plosivo sonoro	Número de ocorrências – Teste de Produção
/b/	[b]	10/342
	[β]	303/342
	[v]	29/342

Quadro 16: Formas fonéticas registradas no presente estudo para representar o fonema /b/– Teste de Produção

A descrição e a análise dos condicionamentos para a ocorrência das diferentes formas fonéticas que representam a plosiva labial sonora do espanhol, no Teste de Produção, foram realizadas com a rodada dos dados no programa estatístico RBrul.

4.2.2 A produção das consoantes labiais [b], [β] e [v] – resultados do Programa RBrul

Com a submissão dos dados relativos ao emprego das consoantes labiais [b], [β] e [v] ao programa estatístico RBrul, entre os resultados obtidos foi possível verificar que um informante, de cada seis, produzia fricativas labiodentais sonoras alternando com fricativas bilabiais, em contextos intervocálicos.

Como descrito pela literatura com referência à produção de consoantes fricativas, os informantes do presente estudo também mostram uma tendência à realização de fricativas sonoras bilabial e labiodental [β] e [v], para representar a plosiva /b/, sempre que esse fonema esteja em posições intervocálicas.

Nesse sentido, esta seria a explicação para que houvesse índices altos de produção dessas formas entre os informantes do presente estudo, chegando a uma proporção, atestada pelo Rbrul, de 73% de emprego de [β] e [v], confirmando a literatura sobre as consoantes em posição intervocálica.

A forma fonética fricativa foi registrada nos contextos intervocálicos estudados, dentro da palavra (como, por exemplo, em *tuvo*, *tubo*, *cave*, *cabe*, *bovina*, *bobina*), em início de palavra, porém, ainda, em posição intervocálica por efeito de sândi (como, por exemplo: *digo_vos* / voz; *digo_vaca* / baca; *digo_vote* / bote; *digo_vello*, *bello*); esse último contexto foi criado pela frase veículo.

Derivado do processo estatístico, obteve-se o resultado com a produção mais frequente das formas [β] e [v], sendo que a produção da forma [b] ficou abaixo dos 28%, não constando, consequentemente, na tabela informada pelo sistema RBrul – veja-se a Tabela 11. Esse valor é atestado pelo peso relativo obtido na rodada estatística em 0.73 para as formas [β] e [v].

Tabela 11: Resultado da produção de [β] e [v] em posição intervocálica, para representar o fonema /b/
misc.1

n df	Interceptação geral	Peso relativo	Prob entrada centrada
576 6	5.672	0.731	0.997

Considerando-se as variáveis extralinguísticas controladas nesta investigação (idade e sexo), os resultados estatísticos apontaram predominância do emprego das formas fonéticas [β] e [v] para representar o fonema plosiva labial sonoro em ambiente intervocálico, mostrando-se condizentes com a literatura da Real Academia da Língua Espanhola, em sua *Nueva Gramática de la Lengua – Fonética e Fonologia* (2011), conforme evidenciam os quadros a seguir.

Quanto à variável sexo, na representação fonética do fonema /b/, os resultados mostraram predominância do emprego das formas fricativas [β] e [v] no sexo feminino, de acordo com o que está registrado na Tabela 12.

A forma [b] não está registrada no quadro em virtude de não ter atingido peso relativo estatisticamente relevante para o programa RBrul.

Tabela 12: Variável sexo e o emprego das fricativas labiais para representar o fonema /b/

Variável Sexo e produção de [β] e [v]

Fator	Percentual de aplicação	Peso relativo	tokens	Logodds
Fem	0.507	0.559	73	0.237
Masc	0.392	0.441	79	0.237

Com relação à variável faixa etária, os resultados apontaram que as gerações mais novas tendem a produzir com maior incidência as formas fricativas [β] e [v], assim indicado pela Tabela 13.

Tabela 13: Grupo geracional e a produção variável das formas [β ~ v] para representar o fonema /b/

Faixa_etária

Fator	Proporção de aplicação	Peso relativo	Tokens	Logodds
Grupo 3 – 16 a 30	0.758	0.528	231	0.114
Grupo 2 – 31 a 55	0.740	0.505	200	0.021
Grupo 1 - +55	0.709	0.466	165	0.134

De acordo com os resultados obtidos, é possível dizer que o emprego de fricativas sonoras (labiodental [v] e aproximante [β]), em contraposição à plosiva [b], está muito próximo entre as gerações, com índices de peso relativo muito próximos ao valor neutro .50. Podemos observar um leve aumento do peso relativo na produção de fricativas por parte da geração mais jovem.

Os resultados encontrados na presente pesquisa, ao passo que corroboram a tendência, no espanhol, de haver fricativização da plosiva labial sonora em contexto intervocálico, já registrada na literatura, ainda permitem tecer outras considerações que podem contribuir para a discussão do tema, indicando contextos favorecedores do seu emprego.

Os dados resumidos na Tabela 14, com números de ocorrências retirados do *corpus* do presente estudo, exemplificam palavras com o contexto que favorece a ocorrência de fricativas labiais intervocálicas, representando o fonema /b/, pela presença de consoante nasal ou líquida

como onset da sílaba subsequente. Serão apresentados, apenas, os contextos relevantes/favorecedores.

Tabela 14: Exemplos de ocorrências de líquidas e nasais no contexto seguinte

Produção	Ocorrências com [β]	Ocorrências com [v]	Ocorrências com [b]
<i>rebulsivo</i>	16	2	-
<i>avulsion</i>	16	2	-
<i>bovina</i>	15	3	-
<i>abuela</i>	18	-	-
<i>universo</i>	18	-	-
<i>úvula</i>	16	2	-

Podemos observar que, nas palavras listadas na Tabela 14, houve majoritário emprego da forma fricativa bilabial [β], com algumas ocorrências da forma fricativa labiodental [v] e nenhuma produção da forma plosiva labial sonora [b]. Nesse sentido, o programa selecionou os resultados mais significativos.

Outro resultado diz respeito à altura da vogal seguinte ao fonema /b/. Os dados são apresentados na Tabela 15.

Tabela 15: Altura da vogal seguinte; produção de [β] e [v]

Altura da vogal seguinte na produção de [β] e [v]				
Fator	Fator central	Peso relativo	tokens 1/1+0	logodds
V. Média	0.328	0.733	287	1.008
V. Baixa	0.286	0.456	-91	-0.177
V. Alta	0.177	0.303	-198	-0.831

O processamento dos dados pelo RBrul apontou que a presença de uma vogal média (/e/ e /o/) seguinte à consoante alvo deste estudo, como ocorre em palavras como *universo* e *tuvo*, favorece o emprego das formas fonéticas fricativas para representar o fonema /b/.

O tratamento estatístico dos dados também apontou o tipo de sílaba, quanto à tonicidade, que favorece a produção das formas fricativas [β] e [v], conforme mostram os dados da Tabela 16.

Tabela 16: Tipo de sílaba, quanto à tonicidade; produção de [β] e [v]

Tonicidade da Sílaba				
Fator	Aplicação	Peso relativo	tokens 1/1+0	Logodds
átonas	0.803	0.615	198	0.469
tônicas	0.693	0.385	-378	-0.469

No presente estudo, as sílabas átonas mostram-se favorecedoras do emprego das fricativas labiais [β] e [v] para representar foneticamente a plosiva /b/. A justificativa para esse contexto favorecedor é encontrado no fato de o processo de fricativização da plosiva implicar um enfraquecimento, conforme já foi referido, e as sílabas átonas, comparadas às tônicas, apresentam-se mais débeis, com menor intensidade.

4.3 TESTE DE PRODUÇÃO – OS SEGMENTOS CORONAIS [ʃ] E [ʒ]

O espanhol de Montevideu, de acordo com o *corpus* da presente investigação, mostra variação no emprego das formas fonéticas [ʃ] e [ʒ] para representar o fonema fricativo palatal /ʒ/. A avaliação preliminar dos dados havia conduzido à verificação do emprego significativo da forma surda [ʃ]. Esse fato pode ser explicado pela tendência à simetria que os inventários fonológicos das línguas tendem a buscar: como, na fonologia do espanhol do Prata, na classe das fricativas não há contraste produzido pelo traço [$\pm$ sonoro] e o fonema /ʒ/ é a única consoante fricativa que é sonora (veja-se Seção 2.2), é de esperar-se a tendência ao seu ensurdecimento, fazendo emergir a fricativa palatal surda. Parece esse ser o caminho que está sendo seguido pelo espanhol do Prata, já que as duas formas fricativas palatais, a surda e a sonora, mostraram coexistir na fala dos informantes deste estudo.

4.3.1 A produção das consoantes coronais [ʃ] e [ʒ] – resultados do Programa RBrul

A análise estatística dos resultados da investigação, aqui apresentada, apontou a preponderância do emprego da forma fonética surda [ʃ] para representar o fonema fricativo coronal palatal /ʒ/, com aproximadamente 74% de frequência entre os entrevistados, conforme demonstram os dados estatísticos da Tabela 17.

Tabela 17: Resultado da produção da forma [ʃ] , para representar o fonema /ʒ/
misc.l

n df	Interceptação geral	Peso relativo	Prob entrada centrada
414 9	4.65	0.749	0.767

As duas variáveis extralinguísticas controladas nesta investigação – geração e o sexo dos informantes – condicionam a produção das fricativas palato-alveolares, mostrando ser o seu emprego um fenômeno de variação.

É relevante referir que, entre os entrevistados, foram registradas as duas formas fricativas esperadas – a fricativa surda [ʃ] e a fricativa sonora [ʒ] – e também uma terceira forma fonética, não esperada: a líquida palatal [λ]; essa produção foi encontrada apenas no grupo geracional de idade maior. Espera-se para o território uruguaio, de maneira geral, o emprego das formas fricativas e não a variante líquida, em desuso desde longa data no espanhol do Uruguai. Enquanto conversávamos com os informantes, ao finalizar a entrevista e os testes, perguntamos o motivo da produção líquida. E as respostas se centraram em dois pontos: a) instrução e influência familiar: a forma com a líquida foi trazida à região por imigrantes e, no ambiente entre os familiares, havia a tendência para esse tipo de produção e; b) características adquiridas durante a formação escolar, que preconizava esse tipo de produção em momentos de alfabetização. Considerando-se, no entanto, que a amostra com a líquida palatal [λ] foi tão reduzida, sua ocorrência foi descartada do estudo. Vale, entretanto, esse registro, uma vez que foi atestada ainda hoje uma forma que, em outra época, foi tida como “preferencial” e que fez parte de um período da história do Uruguai e da identidade dos falantes e/ou grupos sociais à qual estavam atrelados.

A variável extralinguística relativa ao sexo dos informantes foi considerada significativa para a produção das fricativas coronais [ʃ] e [ʒ] para representar o fonema fricativo /ʒ/. Os dados mostraram uma tendência de produção da fricativa surda [ʃ] majoritariamente por parte das mulheres residentes em Montevideu. Esse resultado está expresso na Tabela 18.

Tabela 18: Variável sexo e o emprego da fricativa coronal [ʃ] para representar o fonema /ʒ/

Sexo para produção de [ʃ]				
fator	Aplicação	Peso relativo	tokens	logodds
fem	0.777	0.573	202	0.293
masc	0.707	0.427	205	-0.293

Ainda, relativamente ao âmbito das variáveis de cunho social, foi possível verificar que a faixa etária também mostrou significância para o emprego de [ʃ] em variação com [ʒ]. O emprego predominante da variante surda [ʃ] ocorreu nos dois grupos etários mais jovens: Grupo 3 (faixa etária entre 16 e 30 anos) e Grupo 2 (faixa etária entre 31 e 55 anos); os dados estão apresentados na Tabela 19.

Tabela 19: Grupo geracional e a produção de [ʃ]

Faixa_etária - produção de [ʃ]				
fator	produção	Peso relativo	tokens	logodds
Grupo 3 (16 e 30 anos)	0.626	0.672	139	0.719
Grupo 2 (31 e 55 anos)	0.877	0.548	114	0.193
Grupo 1 (+ de 55 anos)	-0.764	0.287	161	0.911

Os dados revelados na Tabela 19, com o maior índice de emprego da forma surda [ʃ] entre os mais jovens, seguido pelo índice da faixa etária intermediária e muito baixa produção no grupo geracional de idade mais avançada, podem estar refletindo uma mudança em curso, com a futura fonologização da fricativa [ʃ], substituindo o atual fonema /ʒ/ no sistema consonantal do espanhol do Prata.

Por fim, duas variáveis linguísticas foram relevantes para que os informantes realizassem a dessonorização da fricativa coronal palatal: o contexto precedente – onset da sílaba precedente e o ponto de articulação da vogal seguinte.

Tabela 20: Contexto precedente – consoante onset da sílaba precedente; produção de [ʃ]

Contexto precedente - onset da sílaba precedente; produção de [ʃ]				
Fator	Aplicação contexto precedente	Peso relativo	tokens 1/1+0	logodds
Fricativa	0.774	0.628	270	0.523
Líquida	0.722	0.552	36	0.210
Nasal	0.667	0.464	36	-0.144
Plosiva	0.708	0.357	72	-0.589

Os resultados da Tabela 20 evidenciam que fricativas e líquidas, como onsets da sílaba precedente, favorecem o emprego de [ʃ] para representar o fonema /ʒ/. Pode interpretar-se que consoantes com o traço [+contínuo], na posição de onset da sílaba que precede a fricativa palatal, favorece a sua dessonorização.

Além da consoante onset da sílaba precedente, também favorece o emprego da fricativa palatal surda, segundo o programa estatístico RBrul, o ponto de articulação da vogal seguinte. Esse resultado é apresentado na Tabela 21.

Tabela 21: Ponto de articulação da vogal seguinte; produção de [ʃ]

Ponto de articulação da vogal seguinte; produção de [ʃ]				
Fator	Produção	Peso relativo	tokens	logodds
V. coronal	0.824	0.691	108	0.806
V. dorsal	0.735	0.431	162	-0.278
V. Dorsal-labial	0.708	0.371	144	-0.528

Os dados da Tabela 21 apontam que vogais coronais favorecem o emprego da forma fricativa [ʃ] em lugar da forma fricativa [ʒ] para representar o fonema /ʒ/ na fala dos informantes da presente pesquisa.

Tomando-se os resultados desta investigação, ao compará-los com estudos realizados, como o trabalho de Barrios (2002), podemos confirmar a consistência dos resultados obtidos. Em sua análise, Barrios parte de uma perspectiva sociodialetal na análise do uso de [ʃ] e [ʒ] no espanhol de Montevideu. Os dados analisados por Barrios foram coletados entre 1995 e 1997, ou seja, ainda contemporâneos aos dados recolhidos para o ADDU (Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai). A metodologia empregada pela autora está baseada também no variacionismo laboviano, com o controle de três variáveis sociais: sexo, idade e sócio

acadêmico. A autora descreveu três variantes: palatal fricativa sonora [ʒ], palatal fricativa surda [ʃ] e palatal africada sonora [dʒ]. Essa última variante não foi registrada na fala dos informantes da presente pesquisa. Barrios, também considera as ocorrências de [dʒ] como equivalente à forma [ʒ], entendendo que ambas são variantes sonoras que, em função dessa propriedade articulatória, se opõem a [ʃ] (2002, p.30). O trabalho da autora não emprega tratamento estatístico. Sua amostragem contou com 48 informantes montevideanos, cujos dados permitiram chegar a conclusões que evidenciam a complexidade sócio-dialetal do ensurdecimento, tendo sido considerada a caracterização de uma mudança em andamento (BARRIOS, 2002, p. 37).

Nos dados desta tese obtivemos resultados semelhantes aos que Barrios encontrou. De acordo com os nossos resultados, podemos nos somar a vozes que atestam uma mudança em andamento da fricativa coronal palatal: os resultados expressos na Tabela 20 vão plenamente ao encontro desse fato, uma vez que, conforme já foi aqui descrito, o maior índice de emprego da forma surda [ʃ] está entre os mais jovens, sendo esse seguido pelo índice da faixa etária intermediária; o grupo geracional de idade mais avançada mostrou baixa proporção de emprego da fricativa [ʃ]. Repetimos aqui que esses dados podem ser interpretados como uma mudança em curso, com a possibilidade da futura fonologização da fricativa [ʃ], substituindo o atual fonema /ɜ/ no sistema consonantal do espanhol de Montevidéu.

Também Barrios (2002) atestou que, quanto maior for a idade, maior será o uso de [ʒ]. Ainda Barrios (2002) salienta que a mudança não está completa e, por não fazer uso de dados estatísticos, o trabalho não considera porcentagem como forma de delimitar o grau de significância das diferenças no uso de uma variante em detrimento da outra. Nos resultados do nosso estudo, obtivemos uma alta proporção do emprego de [ʃ] (74,9% - vide Tabela 17), o que pode ser tomado como indicativo de processo avançado do curso da mudança.

Da mesma forma que postula inicialmente Labov (1972), e diferentemente de outras pesquisas, como em Romaine (1986), Barrios encontra, que para este fenômeno particular (ensurdecimento), as mulheres (de nível sócio acadêmico baixo) são as que originam e impulsionam a mudança. Essa realidade não foi testada em nosso trabalho, uma vez que todos os informantes possuíam ciclo básico. De acordo com Labov, em situações de variação estável, as mulheres são as que utilizam com maior frequência a variante de prestígio; também são as mulheres que utilizam a variante inovadora quando se trata de uma mudança *bottom up* (ou seja, de baixo para cima). O caso de ensurdecimento da fricativa palatal em Montevidéu mostra maior incidência nas mulheres (veja-se Tabela 12) e está avançado em grupos de idades mais

novas – esses dados evidenciam um processo de mudança em curso, impulsionado pelo sexo feminino.

4.4 TESTE DE PERCEPÇÃO – ANÁLISE ESTATÍSTICA RBRUL

Os resultados do Teste de Percepção 1 também foram submetidos ao tratamento estatístico pelo RBrul. As duas seções seguintes apresentam os resultados referentes ao emprego das formas fonéticas labiais [b], [β] e [v] para representar o fonema plosivo /b/ e das formas fricativas coronais palatais [ʃ] e [ʒ] para representar o fonema /ʒ/.

4.4.1 A percepção das consoantes labiais [b], [β] e [v] – resultados do Programa RBrul

O Teste de Percepção 1, conforme já foi referido, buscou verificar a identificação das formas fonéticas labiais [b], [β] e [v]. Como tais formas se manifestam como alofones que representam o fonema plosivo /b/, a expectativa era de que o índice de acertos fosse baixo, uma vez que a percepção deve remeter à representação que as pessoas detêm em seu inventário fonológico, ou seja, o que se encontra na representação subjacente.

A Seção 4.1.1.1 já apresentou resultados do Teste de Percepção 1 relativos aos segmentos labiais [b], [β] e [v], mas apenas levando em conta percentuais de ocorrência das formas em variação. Nesta seção, os resultados mostrados passaram pelo tratamento estatístico oferecido pelo RBrul.

Ao serem considerados os grupos etários estudados, na Seção 4.1.1.1, os dados apontaram que, quanto mais jovens eram os informantes, maior foi a dificuldade da identificação da diferença entre as formas fonéticas labiais [b], [β] e [v], o que poderia ser tomado como indício de que as formas testadas estão sendo processadas de maneira crescente, pelos falantes, como alofones. Esse resultado é, portanto, contrário à tendência à fonologização de uma fricativa labial no sistema do espanhol de Montevideu. Os índices percentuais, portanto, mostraram que as três formas fonéticas continuam sendo empregadas como variantes alofônicas na língua, sendo que, em posição intervocálica, é registrada a presença predominante das formas fricativas [β] e [v].

A análise dos dados pelo RBrul mostrou que há a percepção das formas fricativas [β] e [v] em posição intervocálica na proporção de 73% em comparação à percepção da oclusiva [b]. Esse dado está registrado na Tabela 22.

Tabela 22: Resultado estatístico da percepção das formas fricativas [β] e [v] - Teste de Percepção 1

misc.1				
n	df	Interceptação geral	Peso relativo	Prob entrada centrada
576	10	5.669	0.731	0.997

O dado expresso na Tabela 22 é contrário à expectativa de que as formas alofônicas não sejam reconhecidas como diferentes da manifestação mais direta do fonema, que seria a plosiva sonora [b]. No entanto, como no contexto intervocálico, o processo de fricativização da plosiva sonora /b/ é categórico, pode-se interpretar esse resultado como o reconhecimento desse fato da língua, quer dizer, a plosiva [b] não se manifesta intervocalicamente, mas, sim, uma fricativa aparece em seu lugar. A alofonia fica evidenciada pela baixa distinção entre as fricativas labiais [β] e [v]. Assim, o contexto intervocálico favorece a percepção de fricativas labiais.

O programa RBrul apontou que o ponto de articulação da vogal seguinte condiciona favoravelmente a percepção das formas fricativas labiais [β] e [v]. Os dados estão na Tabela 23.

Tabela 23: Ponto de articulação da vogal seguinte; percepção de [β] e [v]

Ponto de articulação da vogal seguinte				
fator	aplicação	Peso relativo	tokens	Logodds
V. dorsal	0.667	0.574 >10	72	0.300
V. Dorsal-labial	0.759	0.568 >10	253	0.274
V. coronal	0.721	0.36 >10	251	-0.573

A vogal dorsal /a/ e as vogais dorsais-labiais /o/ e /u/ favorecem a percepção das formas fonéticas fricativas [β] e [v] no contexto intervocálico.

Outra variável que contribuiu para uma percepção das consoantes fricativas [β] e [v] foi o tipo de sílaba, considerando-se a sua tonicidade. Os resultados aparecem na Tabela 24.

Tabela 24: Tipo de sílaba, quanto à tonicidade; percepção de [β] e [v]

Sílaba				
Fator	Aplicação	Peso relativo	tokens 1/1+0	Logodds
Átona	0.803	0.769 >2.5	198	1.202
Tônica	0.693	0.231 >2.5	378	-1.202

De acordo com os dados da Tabela 24, as sílabas átonas favorecem a percepção das formas fonéticas fricativas [β] e [v] no contexto intervocálico.

4.4.2 A percepção das consoantes coronais [ʃ] e [ʒ] – resultados do Programa RBrul

O Teste de Percepção 1, conforme já foi referido, buscou verificar a identificação das formas fricativas coronais [ʃ] e [ʒ] na representação fonética do fonema /ʒ/. Os resultados da produção (Seção 4.1.1.2) mostraram uma tendência a uma mudança em curso, com emprego predominante da forma surda [ʃ], em um possível encaminhamento para a fonologia deste segmento, tomando o lugar de /ʒ/ no sistema consonantal do espanhol do Prata.

Essa tendência pode estar sendo consolidada pelo resultado do Teste de Percepção 1, em seu tratamento estatístico, pois o resultado aponta para a predominante percepção da forma palatal surda [ʃ], ou seja, a percepção majoritária dessa forma que seria o alofone do fonema /ʒ/ pode ser um indício do processo de fonologização da forma dessonorizada. Observemos os dados da Tabela 25.

Tabela 25: Resultado estatístico da percepção da forma fricativa surda [ʃ] - Teste de Percepção 1

misc.1			
N	df	Interceptação geral	Peso relativo
407	4	1.174	0.742
		Prob entrada centrada	
		0.764	

A percepção da fricativa coronal palatal surda [ʃ] em alto índice (74,2%), conforme já foi dito, pode ser indicativa, assim como já o foi a produção, de uma mudança em curso na fonologia da língua.

No que diz respeito às variáveis sociais controladas nesta pesquisa, o programa RBrul selecionou tanto a idade como o sexo dos informantes como significativas para a percepção do segmento [ʃ].

A Tabela 26 evidencia que as informantes do sexo feminino, considerando o peso relativo 0.544, perceberam em maior índice a fricativa coronal surda [ʃ] do que os informantes do sexo masculino.

Tabela 26: Variável sexo e a percepção da fricativa coronal [ʃ]

SEXO				
factor	Sexo	Peso relativo	logodds	Tokens
fem	0.440	0.544	0.177	175
masc	0.356	0.456	-0.177	180

Com relação aos grupos etários, os dados da Tabela 26 apontam que os grupos mais jovens, especialmente o Grupo 2, alcançam maiores índices na percepção da fricativa surda [ʃ]

Tabela 27: Grupo geracional e a percepção de [ʃ]

Faixa_etária				
fator	Aplicação	Peso relativo	tokens	Logodds
Grupo 2	0.867	0.662	113	0.674
Grupo 3	0.764	0.536	161	0.145
Grupo 1	0.609	0.306	133	-0.818

Como podemos verificar no resultado acima, as gerações mais novas, representadas primeiro pela geração intermediária e, posteriormente, pela geração de 16 a 30, tendem a perceber uma dessonorização maior se comparadas à geração mais velha. Com esse resultado, é possível defender a ideia de que há uma mudança em curso para a forma desvozeada.

4.5 RELAÇÕES ENTRE OS RESULTADOS

O cruzamento de resultados obtidos mediante os dados de produção e de percepção das consoantes labiais [b], [β] e [v] e das consoantes coronais palatais [ʃ] e [ʒ], foi possível o estabelecimento de comparações e a verificação de semelhanças e de diferenças.

4.5.1 Produção de [b], [β] e [v] *versus* Percepção de [b], [β] e [v]

A primeira semelhança que podemos destacar entre os resultados dos Testes de Produção e de Percepção das formas fonéticas labiais [b], [β] e [v] reside na proporção dos dados apresentados por parte dos entrevistados. Ao compararmos os resultados, chegamos a índices semelhantes tanto para produção quanto para percepção, em posição intervocálica, para os segmentos labiais.

Se o ponto de articulação da vogal precedente for constituído por uma vogal coronal, esta pode contribuir para a produção de fricativas sonoras em lugar da plosiva sonora [b].

Fato relevante a ser destacado no tocante às formas [b], [β] e [v] para representar o fonema /b/ do espanhol é que, na produção linguística, os informantes do presente estudo mostraram empregá-las como formas variantes. No entanto, no Teste de Percepção 2, que trazia pares de palavras que se constituíam em pares mínimos com os sons [β] e [v] para representar o fonema /b/, os mesmos informantes preponderantemente atribuíram, às palavras, significado diferente (essa atribuição de significado distinto ocorreu em 77,77% dos pares, conforme dados da Tabela 10). Esse fato registrado no Teste de Percepção 2, do tipo discriminação, pode ser interpretado como o primeiro passo para que o som [v], considerado atualmente alofone de /b/, possa estar em um processo de fonologização (ou transfonologização), vindo, futuramente, a adquirir o *status* de fonema /v/. Se essa alteração no inventário fonológico consonantal do espanhol efetivamente ocorrer, aumentará o número de consoantes fricativas da língua e passará a ser distintivo o traço [±sonoro] na classe das fricativas, pois, em havendo a fonologização de /v/, passará a vigorar a oposição fonológica entre as fricativas labiais /f/ e /v/.

4.5.2 Produção de [ʃ] / [ʒ] versus Percepção [ʃ] / [ʒ]

Quanto à produção dos informantes, relativo ao uso de [ʃ]/[ʒ], os informantes realizaram variações de acordo com as variáveis sociais: geração e o sexo dos informantes. A coexistência das fricativas surdas e sonoras, de acordo com os resultados, demonstra que as mulheres obtiveram valor superior para a dessonorização se comparada ao grupo masculino. Relativamente à variável faixa etária, para a realização da fricativa surda, houve uma maior significância para o grupo geracional mais jovem, cuja faixa etária era composta por informantes entre os 16 anos e 30 e dos 31 anos aos 55 anos. A proporção de emprego da fricativa surda está na faixa dos 74%.

Na percepção, quanto ao sexo dos informantes, mais uma vez foi possível verificar que as mulheres possuem uma tendência maior à dessonorização que, somada à faixa etária do grupo social mais jovem, demonstra que uma mudança se encontra em curso. A percepção da forma fricativa coronal desvozeada ficou na faixa dos 74% dos informantes, demonstrando um alto índice de acertos.

4.5.3 Semelhanças

Para as labiais, tanto no teste de produção, quanto no teste de percepção obtivemos uma porcentagem de 73% de respostas consideradas adequadas para [β] e [v], por parte dos informantes que, majoritariamente, foram do sexo feminino e que compunham os grupos geracionais dos 16 a 30 e dos 31 aos 55. Além disso, sílabas átonas estariam entre as semelhanças que contribuiriam para uma produção de fricativas bilabiais e de labiodentais, em contextos intervocálicos.

Por outro lado, entre as fricativas coronais, as semelhanças possíveis entre os testes para [ʃ]/ [ʒ] residem no item sociolinguístico relativo ao sexo dos informantes. As maiores incidências de dessonorização ocorreram entre as mulheres em ambos os testes, sendo, mais uma vez, as gerações mais novas as propensas para a presença desse fenômeno. A proporção de respostas adequadas entre os informantes foi registrada em um índice aproximado de 75%, entre ambas as capacidades testadas, percepção e produção, obtendo-se o percentual de 74,9% na produção e de 76,4% na percepção.

Portanto, para estes casos, é possível afirmar que a variação encontra sua motivação em fatores de caráter social. No entanto, é preciso ser reconhecido o fato de que a tendência à presença da fricativa coronal surda no espanhol do Uruguai somente ocorre porque o inventário fonológico da língua permite, ou seja, é o fator linguístico da não oposição do traço $[\pm\text{sonoro}]$ na classe das fricativas que está licenciando o uso da consoante $[f]$ e a sua possível fonologização, ocupando o espaço do fonema $[ʃ]$.

Também ao tratarmos das semelhanças encontradas entre os resultados obtidos com referência ao emprego das labiais $[b]$, $[\beta]$ e $[v]$ e das coronais $[f]$ e $[ʃ]$, é de especial relevância retomarmos os traços distintivos envolvidos nesses segmentos à luz da Fonologia Autossegmental.

De início, salientamos que foi esse modelo teórico que permitiu o entendimento do traço como unidade independente de análise, ou seja, como autossegmento. Esse pressuposto teórico é fundamental para a presente pesquisa, pois o uso alternado dos segmentos aqui em foco implica sempre a alteração do valor de um único traço (um autossegmento) ou, em apenas um caso (no uso de $[v]$ em lugar de $[b]$), de dois traços:

(a) no emprego de $[\beta]$ em lugar de $[b]$, temos que o valor $[-\text{contínuo}]$ da plosiva labial $[b]$ é alterado para $[\text{+contínuo}]$ da fricativa labial $[\beta]$ – o traço $[\text{+contínuo}]$ é da essência das consoantes fricativas; observando-se a geometria representada na Figura 7, vemos que o traço $[\pm\text{contínuo}]$ está localizado sob o nó Cavidade Oral; esse traço não é distintivo, na fonologia do espanhol, para opor consoantes plosivas sonoras e fricativas sonoras (o traço $[\pm\text{contínuo}]$ contrasta, dentre as consoantes do espanhol, plosivas e fricativas surdas); é, portanto, a ação isolada do autossegmento $[\pm\text{contínuo}]$ a responsável pelo emprego alofônico de $[\beta]$ em lugar de $[b]$; também é relevante salientar que, diferentemente do que ocorre com outras fricativas labiais e coronais (com as fricativas $[f, v, s, z, \Sigma, Z]$), a fricativa bilabial $[\beta]$ tem o traço $[-\text{estridente}]$;

(b) no emprego de $[v]$ em lugar de $[b]$, temos que o valor $[-\text{contínuo}]$ da plosiva labial $[b]$ é alterado para $[\text{+contínuo}]$ da fricativa labial $[v]$; além disso, a fricativa $[v]$ exige também a ativação do traço $[\text{+estridente}]$ (é o traço $[\pm\text{estridente}]$ que diferencia as fricativas labiais $[\beta]$ e $[v]$); na geometria expressa na Figura 7, conforme já foi afirmado, o traço $[\pm\text{contínuo}]$ está localizado sob o nó Cavidade Oral; diferentemente, o traço $[\pm\text{estridente}]$ está vinculado ao nó de raiz, sendo necessariamente adicionado à estrutura interna do segmento $[\text{+contínuo}]$ cujo ponto de articulação seja labiodental;

(c) no emprego de [ʃ] em lugar de [ʒ], temos que o valor [+sonoro] da fricativa coronal [ʒ] é alterado para [-sonoro] da fricativa coronal [ʃ] – o traço [±sonoro], conforme já foi referido no presente estudo, não é distintivo para a classe de consoantes fricativas do espanhol; observando-se a geometria representada na Figura 7, vemos que o traço [±sonoro] está localizado sob o nó Laríngeo; esse traço é distintivo, na fonologia do espanhol, apenas para consoantes plosivas; é, portanto, o autosegmento [±sonoro] que responde pelo emprego variável de [ʃ] em lugar de [ʒ].

Salienta-se mais uma vez, neste momento, que as alternâncias foco do presente estudo, que envolvem o uso de fricativas do espanhol, implicam a alteração de traços que não são contrastivos na fonologia do espanhol, o que confirma que são, todas elas, licenciadas pela própria gramática da língua. Caso uma ou mais dessas alternâncias resultem na fonologização de um novo segmento, a consequência será a ativação, no sistema consonantal, do valor fonológico de um traço em uma nova coocorrência de traços já pertinentes no sistema linguístico.

5 CONCLUSÃO

O espanhol de Montevideu – Uruguai, embora seja muito próximo de outras variedades da língua, como a falada na Argentina, por exemplo, possui como características uma formação híbrida em virtude dos diferentes agentes que circularam pelo território oriental, conforme já foi registrado no capítulo introdutório desta tese. Embora existam referências a essa realidade histórica, há também lacunas como a que se observa na Real Academia Espanhola, que não registra o contato com línguas indígenas, quando, na verdade, no Uruguai são encontrados diversos topônimos de origem Guarany. Ainda assim, as suas interferências não seriam suficientes para atestar variação fonológica e, tampouco, teríamos provas para atestar tal fenômeno. Porém, além do contato com os naturais daquela época com o contato Charrua, também estiveram presentes o português, fruto das diversas incursões de portuguesa com o objetivo de ocupar o espaço uruguaio e, até mesmo, o africano. Houve também uma grande influência estrangeira que o território montevidense recebeu entre os anos de 1860 e 1920. Nesse período, uma grande massa de imigrantes se deslocaram da Europa, totalizando aproximadamente 600.000 imigrantes que ocuparam e compartilharam desde então o país. Embora exista um número expressivo de pessoas que chegaram na grande onda migratória do continente europeu, ainda não foram realizados estudos suficientes, de corte histórico, sobre as línguas europeias que chegaram no Uruguai no século 19, mesmo que seja sabida a sua influência.

Assim, a cidade de Montevideu se constitui de diversas nuances, cujas particularidades a tornam única. Em os seus 62 bairros, residem pessoas que, embora estejamos em pleno século 21, ainda não tiveram oportunidade de sair do território oriental e conhecer novas culturas. Essa característica faz com que o idioma espanhol da cidade se mantenha, de certa forma, praticamente sem variação entre os seus falantes. Desses 62 bairros, conseguimos identificar, por meio dos informantes, 28 locais por eles representados e, mesmo com uma abrangência significativa, não há uma diferença dialetal que possa atestar particularidades linguísticas. Mesmo ao coletarmos os dados, na tentativa de identificarmos algum fator externo que pudesse interferir na linguagem, foi possível verificar que os informantes não possuíam um contato que pudesse condicionar a produção de fala local ou, ainda, proporcionar, por essas características de contato, variações fonológicas.

Então, verificando-se as formas fonéticas que podem representar o fonema plosivo labial sonoro /b/ em posição intervocálica, entre os dados coletados, chegamos à conclusão de

que a utilização das fricativas no espanhol de Montevidéu apresenta foneticamente produções coexistentes. Portanto, são variações alofônicas empregadas em situações de fala e que predominantemente ocorrem em contextos intervocálicos. Vale ser ressaltado que, embora essa natureza variável tivesse sido mostrada, no presente estudo, nos dados de produção linguística dos informantes, como também nos dados do Teste de Percepção 1 (teste de identificação), os resultados do Teste de Percepção 2 (teste de discriminação), composto por pares de palavras, contendo o fonema /b/, que tinham a diferença apenas na realização dos sons [β] e [v], evidenciaram que os falantes tenderam a reconhecer diferença de significado entre as duas palavras do par, o que pode estar apontando para uma possível futura fonologização, ou transfonologização, do som [v]. Nesse sentido, a variação apresentada no Teste de Percepção 2 pode ser interpretado como indicativo de uma mudança em curso.

E, neste momento, cabe recuperar o conceito laboviano que diz:

[...] as forças que impulsionam as mudanças linguísticas em germe no presente são as mesmas que impulsionaram mudanças operadas no passado. O que, em outros termos, equivale a dizer que a língua de ontem não era, em sua essência, diferente da língua de hoje (LABOV, 2008, p.183).

Quanto às consoantes fricativas coronais palato-alveolares, nessas parece ocorrer uma dessonorização em relação ao que havia sido descrito por Hensey (1972). Nesse sentido, diversos estudos têm acompanhado o fenômeno. Em nosso estudo, identificamos que, entre os falantes, as mulheres têm demonstrado maior índice na aplicação da regra (tendência ao uso da fricativa coronal palatal surda). Além dessa constatação, também confirmamos que as gerações mais novas tendem a um uso maior de fricativa palato-alveolar surda e que a proporção entre o universo de informantes se encontra na faixa dos 75%. Contudo, o emprego da forma surda [ʃ] e da forma sonora [ʒ] não implica diferenciação de significado, o que leva ao entendimento de que estão funcionando como formas variantes. No entanto, o que pode mudar é o *status* desses segmentos na fonologia da língua: como o sistema consonantal do espanhol não possui oposição do traço [±sonoro] na classe das fricativas, o atual fonema /ʒ/ pode passar a ser variante de /ʃ/ , e a fricativa palatal surda pode passar a ser o fonema da língua. Se isso ocorrer, o espanhol de Montevidéu vai passar a conter quatro fonemas fricativos surdos: /f/, /s/, /ʃ/ e /x/. Esse fato levará ao entendimento de que os falantes de espanhol do Uruguai terão a representação mental do fonema /ʃ/ e não mais do fonema /ʒ/. Quem sabe, futuramente o /v/ possa ser incorporado.

Entre os fatores extralinguísticos que podem determinar a ocorrência de segmentos fricativos [β] e [v], para representar o fonema /b/, e das consoantes fricativas coronais [ʃ] e [ʒ]

, podemos dizer, à luz da teoria Sociolinguística Variacionista, que o processo de variação e possível mudança *bottom up* (de baixo para cima) ocorre com maior facilidade entre o público jovem e majoritariamente feminino. Essas variações já estão tão disseminadas no contexto de fala montevidéano que a pesquisadora Coll (2014) faz referência ao uso do idioma espanhol uruguaio, inclusive pelas emissoras de comunicação:

De acordo com a nossa própria experiência como falantes nativos e residentes na comunidade montevidéana, o uso de [ɟ] e [ʝ] também é recorrente nos meios de comunicação no momento de representar a fala dos personagens em parodias e outros tipos de apresentações humorísticas. (COLL, 2014, p33)

Os dados da presente pesquisa também confirmam esse fato: ficou aqui evidente o emprego variável tanto das formas labiais [b], [β] e [v] para representar o fonema /b/, como o emprego variável das formas fricativas coronais palatais [j] e [ɟ] para representar o fonema /ɟ/. Contudo, foi possível verificar que, em se tratando das fricativas coronais, os dados parecem apontar para uma mudança em curso: a fricativa /ɟ/, que, segundo Hensey (1978), é fonema do espanhol pode estar perdendo seu espaço fonológico para a sua contraparte surda, o que implica que os falantes do espanhol de Montevidéu podem passar a ter, em sua representação fonológica, o fonema /f/.

A confirmação desses fatos tem implicações no funcionamento dos traços distintivos no sistema do espanhol do Prata, pois a fonologização de um segmento exigirá a ativação de um novo valor contrastivo de traço já pertinente no sistema, ou melhor, um traço já contrastivo em algumas coocorrências com outros traços passará a ter papel distintivo em nova coocorrências de traços. É esse um dos caminhos que as línguas utilizam no complexo e contínuo processo de variação e de mudança.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete M.; WETZELZ, Leo W. Sobre a Estrutura da Gramática Fonológica. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, n.23, p.5-18, 1992.
- ACOSTA Y LARA, Eduardo F. Los guaraníes en el antiguo territorio de la República Oriental del Uruguay. *Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueología*, v. 17, p. 87-105, 1979.
- BARRIOS, Graciela; ORLANDO, Virginia (Ed.). *Marcadores sociales en el lenguaje: Estudios sobre el español hablado en Montevideo*. Montevideo: Gráficas del Sur, 2002.
- BERTOLOTTI, Virginia; COLL, Magdalena. Los cambios de las formas de tratamiento en la ruptura del orden colonial: un aporte a la historia de la lengua española en el Uruguay. Frega, Ana/Islands, Ariadna (coords.): *Nuevas miradas en torno al Artiguismo*. Montevideo: Departamento de Publicaciones de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2001.
- BERTOLOTTI, V.; CAVIGLIA, S; COLL, M.; FERNÁNDEZ, M. *Documentos para la historia del portugués en el Uruguay*. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de la República, 2005.
- BERTOLOTTI, Virginia; COLL, Magdalena. *Retrato lingüístico del Uruguay: un enfoque histórico*. Facultad de Información y Comunicación. 2014.
- BOERSMA, P.; HAYES, B. *Empirical tests of the Gradual Learning Algorithm*. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v.32, n. 1, p. 45-86, winter 2001.
- BOERSMA, P. WEENINK, D. *PRAAT: doing phonetics by computer* [computer program]. Disponível em: <<http://www.praat.org/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- BRACCO, Diego. *Charrúas, guenoas y guaraníes: interacciones y destrucción: indígenas em el Río de la Plata*. Montevideo: Linardi y Risso, 2004.
- BRESCANCINI, C. R. *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português de influência açoriana do município de Florianópolis: uma abordagem não-linear*. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- _____. *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1974.
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CARVALHO, Ana M. “Rumo a uma definição do português uruguaio”, in *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* (RILI) volume.I,(2). Madri: editorial Vervuert. p.125-149. 2003.

CASTILHO,A. Representações das categorias cognitivas e sua diacronia. *Interface Linguística cognitiva - Linguística histórica. Filologia e Linguística Portuguesa*, Brasil, v. 13, n. 1, p. 63-87, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59879>>.

CEDERGREN, Henrietta; SANKOFF, David. *Variable rules: performance as a Statistical Reflection of Competence*. *Language*, n. 50, p. 333-55, 1974.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance*. Cambridge e Oxford: Blacwell Publishers, 1995.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS & HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sounds. In: In: John GOLDSMITH (org) *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995.

COLL, Magdalena El voseo en el Uruguay. *Boletín de Difusión de Investigación y Cultura de la Enseñanza del Español Lengua Extranjera*, v. 2,1 , p. -, 2001.

_____. *Bilinguismo sem diglosia: O português e o espanhol no norte do Uruguai no século XIX*. In: Ana Maria Carvalho (Org.). *Português em Contato*. Frankfurt/Madrid, Iberoamericana. Editorial Vervuert, 2008, p. 237-255,

ESPIGA, Jorge W. da Rocha. *Influência do Espanhol na Variação da Lateral Pós-vocálica do Português da Fronteira*. Tese (Mestrado). Pelotas: UCPel, 1997.

_____. *O português dos Campos Neutrais*. Um estudo sociolingüístico da lateral posvocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar. Porto Alegre: PUCRS, 2001. (Tese de doutorado)

_____. Como se combinam a mudança e o contato lingüístico: a regra telescópica da lateral posvocálica na fronteira dos Campos Neutrais. In: VANDRESEN, P. (org) *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: Educat, 2002.

_____. *O contato com o espanhol na sincronia: análises contrastivas de dialetos do português fronteiriço*. Pelotas: 2005. (Comunicação ao IV SENAEL)

ELIZAINCIN, A., BEHARES L. & BARRIOS, G. *Nos falemo brasileiro. Dialectos portugueses Del Uruguay*. Amesur, Montevideo, 1987. Pág. 125.

ELIZAINCÍN, Adolfo. La lingüística de fin de siglo: nuevos objetos, nuevos caminos. *Lexis*, v. 18, n. 1, p. 45-54, 1994.

ELIZAINCÍN, A. y H. Thun. *Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay* (ADDU). Kiel: Westensee Verlag, 2000.

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Gramática de la Lengua Española*. Madrid, RAE 1974.

_____. *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid: Taurus, 1991.

_____. *Fonología Española*. Madrid: Gredos, (1994)

ENDRESS, Ansgar D .; NESPOR, Marina; MEHLER, Jacques. Percepção e restrições de memória na aquisição de linguagem. *Tendências nas ciências cognitivas* , v. 13, n. 8, 2009.

GOLDSMITH, Johan. An overview of Autosegmental Phonology. *Linguistic Analysis*, n. 2, p. 23-68, 1976.

GOMES, Christina Abreu; *Para além dos pacotes estatísticos Varbrul/ Goldvarb e Rbrul: qual a concepção de gramática?* Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq/Faperj Vol.14 - N. Especial – 2012.

GAYA, Samuel Gili; Y GAYA, Samuel Gili. *Elementos de fonética general*. Gredos, 1971.

Gili Gaya, S. *VOX Diccionario Manual Ilustrado de la Lengua Española*, 1988.

HALLE, Morris. Conceitos básicos de Fonologia. In: CHOMSKY, N. JAKOBSON, R. et al. *Novas perspectivas lingüísticas*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

HENSEY, F. G. *The sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan border*. The Hague: Mouton, 1972.

HENSEY, Fritz. Spanish, Portuguese, and Fronteiriço: languages in contact in northern Uruguay. *International Journal of the Sociology of Language*, v. 1982, n. 34, p. 7-24, 1982.

HUALDE, José Ignacio. *Los sonidos del español*: edição em espanhol . Cambridge University Press, 2014.

KAGER, René. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

KERSCH, Dorotea Franck. *A Construção relativa na língua falada. Enfoque na fronteira bilíngue do Brasil com o Uruguai, comparado ao espanhol e ao português riopratense e europeu*. Kiel: Westensee Verlag Liel, 2006.

KLUGE, D. C., RAUBER, A. S., RATO, A., & SANTOS, G. R. dos. Percepção de sons de língua estrangeira: questões metodológicas e o uso dos aplicativos Praat e TP. *Revista Letras*, v. 88, n. 1, 2013.

KOCH, Walter. Contribuição dos atlas lingüístico-etnográfico da região Sul ao estudo da fronteira lingüística entre o Brasil e o Uruguai. En: CASTELLO, I.R. y otros (Orgs.). *Práticas de integração nas fronteiras. Temas para o MERCOSUL*. /UFRGS. Instituto Goethe/IBCA, Porto Alegre, 1995. p. 192-206.

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. The effect of Social Mobility on Linguistic Behavior. *Sociological Inquiry* 36: 186-203. Reprint in *A Various Language: Perspectives on American Dialects*, Juanita V. Williamson & Virginia M. Burke. (ed) New York: Holt, Rinehalt and Winston, 1971.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *The Social Origins of Sound Change*. Locationg Language in Time and Space,(ed. William Labov). New York: Academic, 1980.

_____. *Language Structure and Social Structure*. Paper Present at the Conference on Qualitative and Quantitative Approaches to Social Theory, University of Chicago, 1983.

_____. *Principles of Linguistic Change*. Vol. I: Internal Factors. Oxford and Cambridge, MA: Blackwell Publishers, 1994.

LADEFOGED, Peter. *Vowels and consonants: an introduction to the sounds of languages*. USA: Blackwell Publishers, 2001.

LEBEN, William. *Suprasegmental Phonology*. Ph Dissertation MIT, 1973.

LIBERMAND, Philip; BLUMENSTEIN, Sheila E. Speech physiology, speech perception and acoustic phonetics. In: *Cambridge Studies in Speech Science and Communication*. Cambridge, USA: Cambridge University Press, 1988.

LLORACH, Emilio Alarcos. *Tratado del lenguaje*. Nueva Visión, 1976.

LLORACH, Emilio Alarcos. *Fonología Española*.Madrid: Oredos, 1991.

LLOYD, Paul M. *Del Latín al Español*. Madrid: Editorial Gregos, 1993.

LOPEZ, Bárbara S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan Dialect)*.Tese (doutorado). Los Angeles: University of California, 1979.

COULTHARD, Malcolm. *Linguagem e sexo*. Ática, 1991.

MATZENAUER, Carmen L.B. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de Fonologia do Português*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

MCCARTHY, John; PRINCE, Alan. *Generalized alignment*. In: BOOIJ, G. E.; MARLE, J. van (eds.). *Yearbook of morphology*. Dordrecht: Kluwer, 1993. p. 79-153.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do Galego-Português*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

MILESKI, Ivanete. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata-RS*. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MOLLICA, Maria Cecília. (org.) *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. UFRJ, Cadernos Didáticos, 1992.

NARO, Anthony. Modelos Quantitativos e Tratamento Estatístico. In: MOLLICA, M. C. (org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Rio de Janeiro, *Cadernos Didáticos*, 1992.

NAVARRO TOMAS, Tomas. *Manual de pronunciación española*. Madrid: Sucesores de Hernando, 1918.

NAVARRO TOMÁS, Tomás. Manual de pronunciación española. 10.ed. Madrid: CSIC.[Original de 1918].(1944). *Manual de entonación española*, 1961.

NAVARRO TOMAS, Tomas. *Manual de pronunciación española*. Madrid: Publicaciones de la Revista de Filología Española. Duodécima edición, 1965.

NAVARRO TOMÁS, Tomás. *Manual de entonación española*. Edic. Guadarrama: distribuidor en exclusiva, Editorial Labor, 1974.

NAVARRO TOMAS, Tomas. QUILIS, Merín. *Fonética y Fonología Españolas*. Valencia: Editora Tirant to Bllanch,2ed., 2004.

NESPOR, M. ; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

NEUSCHRANK,A. *Fonologização na Diacronia: do Latim ao Português Moderno*. 2015. Tese (Doutorado em Letras).Programa de Pós-Graduação em Letras. Pelotas: UCPEL, 2015.

OLIVEIRA, G. M. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro:UFRJ, 2003.

POPLACK, Shana. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William. *The Social Origins of Sound Change. Locationg Language in Time and Space*,(ed. William Labov). New York: Academic, 1980.

POSER, Wiliam. Phonological Representations and Action-At-A-Distance. In: Harry Van der Hulst and Norval Smith (orgs.) *The Structure of Phonological Representations* (Part II). Dordrecht: Foris Publications, 1982.

QUEDNAU, Laura R. *A Vocalização Variável da Lateral*. *Letras de Hoje*. v. 29, n. 4, p. 143-51, dez. 1994.

QUILIS, Antonio. *Principios de fonología y fonética españolas*. Cuadernos de Lengua Española. Madrid: Arco/Libros, S.L, 1998.

_____, Antômio. FERNÁNDEZ, Joseph. *Curso de fonética y fonología españolas*. Consejo Superior de investigaciones- Instituto Miguel de Cervantes. Madrid, 1969.

_____, Antonio. *Filología y lingüística: estudios ofrecidos a Antonio Quilis*. Vol. 2. Editorial CSIC-CSIC Press, 2006.

RAE (2010): Ortografía de la lengua española, Madrid, Espasa.

RAE (2011): Nueva gramática de la lengua española. Fonética y fonología, Barcelona, Espasa.

NÚÑEZ CEDEÑO, Rafael A. Alfonso Morales-Frente. 1999. Fonologia generativa contemporânea da língua espanhola

PENNY, Ralph J.; PASCUAL, José Ignacio Pérez; PASCUAL, María Eugenia Pérez. *Gramática histórica del español*. Ariel, 1993.

ROSSEAU, Pascale; SANKOFF, David. *Advances in variable rule methodology. Linguistic Variation: Models and Methods*. New York: Academic Press, 1978.

- RIOJA, José Antonio Pérez. *Gramática de la Lengua Española*. Madrid. Editorial Tecos, 1966.
- ROMAINE, S. *Language in Society*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- _____; MACEDO, A V. T. Variação e mudança: o caso da pronúncia do s pós-vocálico. In: TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 2. ed. São Paulo: ética, 1986.
- RONA, J.P. *El Dialecto "fronterizo" del Norte del Uruguay*. Montevideo: Universidad de la República, 1965.
- SÁNCHEZ, Aquilino & RAMÓN, Sarmiento. *Gramática Básica del español. Norma y uso*. Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1989.
- _____. & MATILLA, J. A. *Manual práctico de corrección fonética del español*. 7ed. Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1998.
- SCHERRE, Maria Marta P.; SILVA, Giselle Machline de O. *Padrões Sociolingüísticos – Análise de Fenômenos Variáveis do Português Falado na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1998.
- SILVA, Myrian Barbosa da. Ainda sobre a natureza vocálica da semivogal do português, *Atas do Simpósio Diversidade Lingüística no Brasil*. Salvador: UFBA, 1986.
- SILVA, Giselle Machline de Oliveira e & SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.). *Padrões Sociolingüísticos - análise dos fenômenos variáveis do Português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1996.
- _____. Coleta de Dados. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992.
- SILVA, APC da. *Elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas entre os jovens porto-alegrenses*, 172f. 2014. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- STURZA, Eliana Rosa. Padrões Sociolingüísticos. *Cienc. Cult.* vol.57 no.2 São Paulo Apr./June 2005.
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1997.
- TORREGO, Leonardo Gómez. *Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Ediciones S.M., 2002.
- TRANDEL, B. *The sounds of French: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- TRUBETZKOY, N. Principles of Phonology. In: CÂMARA JR, Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- VIEIRA, Maria José Blaskovski. Neutralização das vogais médias postônicas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.
- KRÄMER, Martin. *The phonology of italian*. New York: Oxford University Press Inc., 2009.

NESPOR, Marina. *Fonologia: le strutture del linguaggio*. Bologna: Il Mulino. 1993.

PENNY, Ralph; *Gramática histórica del español*; 2ª Ed. Barcelona, Ed. Cambridge University Press; 2010

QUILIS, Antonio; *Tratado de fonología y fonética españolas*; 2ª Edição; Madrid, Ed. Gredos, 2006

Sites acessados:

<http://www.pucsp.br/estagios/entendendo-geracoes-veteranos-boomers-x-e-y> em 16/05/2016

<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Centro-old-map.jpg#filelinks>

<https://goo.gl/g8fq4f>

<https://goo.gl/Lyf6U6> (mapas antigos de Montevidéu em 03/07/2016)

ANEXOS



Anexo A
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PELOTAS - UCPEL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AS FRICATIVAS NA FONOLOGIA DO ESPANHOL DE MONTEVIDÉU/URUGUAI **Pesquisador:** Javier Eduardo Silveira Luzardo **Área Temática:**

Versão: 2

CAAE: 39372614.6.0000.5339

Instituição Proponente: Sociedade Pelotense de Assistência e Cultura (SPAC)

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.012.870

Data da Relatoria: 26/03/2015

Apresentação do Projeto:

Projeto de doutorado da área de Letras. Estudo sobre a variação das fricativas e a fonologização do “v” no espanhol falado em Montevidéu.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar a variação que possa estar ocorrendo em todas as fricativas do espanhol falado em Montevidéu.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há riscos. Os benefícios apontados são as contribuições do estudo para as áreas da sociolinguística, da fonologia e aquisição da linguagem.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto analisado pela segunda vez. O pesquisador atendeu a todas as recomendações do primeiro relator.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Em conformidade.

Recomendações: Não há recomendações.

Endereço: Rua Felix da Cunha, 412

Bairro: Centro

CEP: 96.010-000

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)2128-8012

Fax: (53)2128-8298

E-mail: cep@ucpel.tche.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PELOTAS - UCPEL



Continuação do Parecer: 1.012.870

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pela aprovação do projeto.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

PELOTAS, 07 de Abril de 2015

Assinado por:
RICARDO AZEVEDO DA SILVA
(Coordenador)

Endereço: Rua Felix da Cunha, 412

Bairro: Centro

CEP: 96.010-000

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)2128-8012

Fax: (53)2128-8298

E-mail: cep@ucpel.tche.br

**TERMINO DE
LIBRE Y ESCLARECIDO**

Anexo B

CONSENTIMIENTO

Investigación: Las Fricativas en la fonología del español de Montevideo / Uruguay

Yo, _____,
DNIC _____, recibí una descripción oral de la investigación
que incluye una explicación de sus objetivos y de su realización.

Fui informado(a) de que:

- los datos colectados, además de servir a la formación de un banco de datos, serán utilizados en actividades pedagógicas, didácticas y científicas sobre cómo son utilizadas las fricativas del español de Montevideo - Uruguay.
- las personas que participarán de las tareas, a saber: (1) tareas que forman parte del experimento sobre percepción de los sonidos de la lengua y (2) tareas que forman parte del estudio sobre la producción de sonidos de la lengua. Todas las tareas de esta investigación serán realizadas en local a ser combinado con los responsables, en fechas y horarios determinados por los participantes.

Mi firma en este documento es por libre y espontánea voluntad y representa mi consentimiento libre en la actividad propuesta.

Me quedan asegurados los siguientes derechos:

- libertad de interrumpir la participación en el momento que juzgue oportuno;
 - sigilo de mi identidad;
 - en el caso de interés, tomar conocimiento de los resultados obtenidos en las investigaciones basadas en los datos colectados;
 - ciencia de que ningún servicio o pago será ofrecido por la ocurrencia de mi participación bajo mi responsabilidad.
- Declaro, por fin, que soy consciente que los resultados obtenidos podrán ser utilizados en eventos pedagógicos y científicos, publicaciones y estudios futuros.

Seguro de poder contar con su autorización y participación, nos ponemos a vuestra disposición para aclarar dudas, a través del teléfono (05553) 8108-7339 – contactar con Javier Eduardo Silveira Luzardo, responsable de la investigación.

Autorizo,

Fecha: ____/____/____

(Nombre del responsable)

Anexo C

Perguntas para a Entrevista

- 1- ¿Cómo es vivir en Montevideo?
- 1- ¿Cómo es la gente de Montevideo?
- 2- Hable un poco sobre sus actividades diarias
- 3- ¿Qué es lo que más le gusta de la ciudad de Montevideo?
- 4- Y los fines de semana, ¿qué suele hacer?
- 5- ¿Me podría hablar un poco de su infancia?
- 6- ¿Cuál fue el momento más importante de su vida?
- 7-¿y qué cosa extraña/siente falta?
- 8- ¿Ud. Viaja al extranjero?
- 9- ¿Ya tuvo contacto con la lengua portuguesa? (en caso positivo: ¿Cómo fue ese contacto con el portugués?)
- 10- ¿Le gusta la gente de Brasil?
- 11- ¿Qué le llama la atención de la cultura brasileña?
- 12- ¿Habla otra lengua extranjera? ¿Cuál y con qué frecuencia la usa?

Anexo D

FICHA SOCIAL - INFORMANTE _____

Nombre(s) y apellidos:

Fecha de Nacimiento:

Edad:

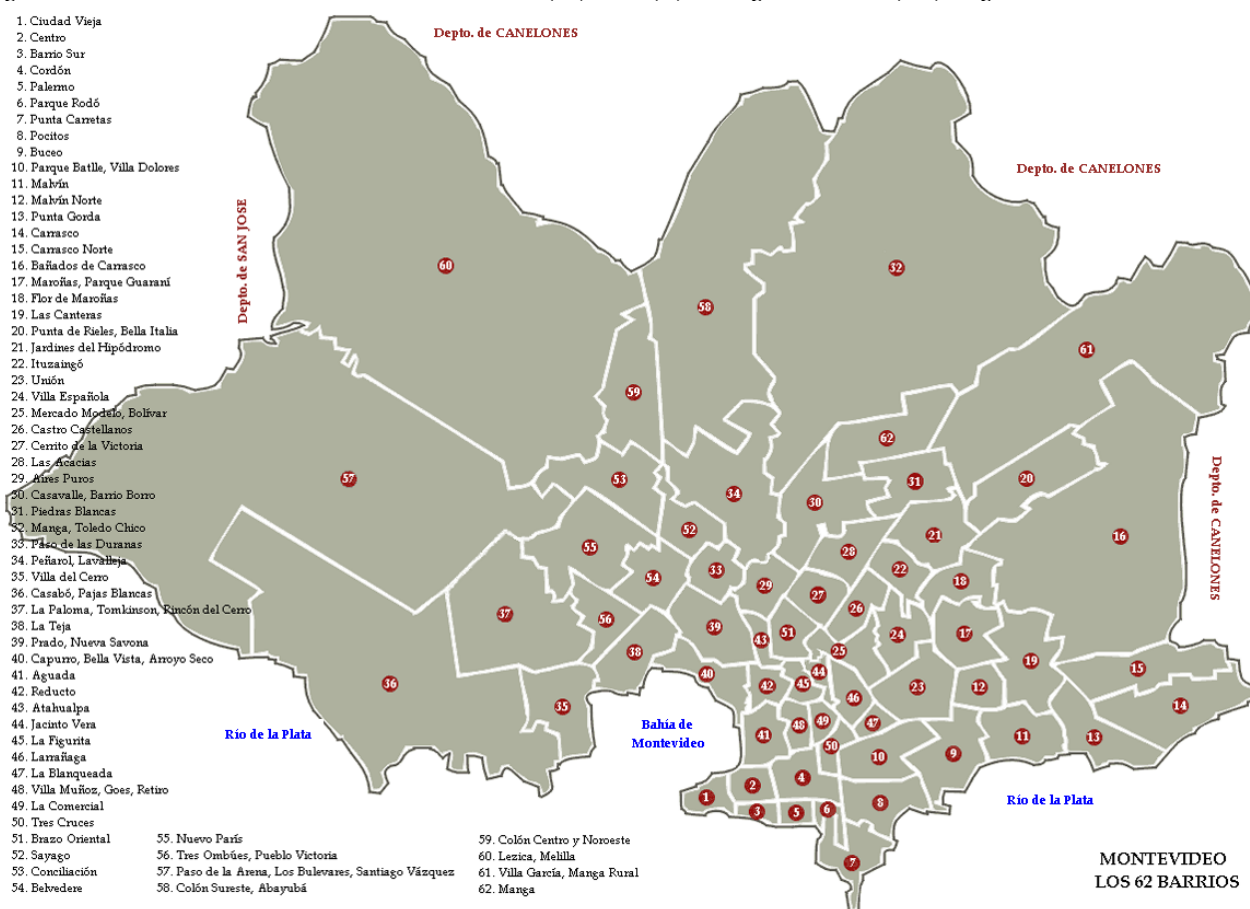
Sexo: () M () F

Local de Nacimiento:

Ud. ha vivido / residido fuera de la ciudad de Montevideo: () Sí () No

En caso positivo: ¿Por cuánto tiempo? _____

¿Vivió en otros barrios de Montevideo? () Sí / () No ¿Cuántos? () - ¿Cuáles?



¿Cuál es su escolaridad?

EDUCACIÓN PRIMARIA - Escolar: () de 6 a 11 años

EDUCACIÓN SECUNDARIA/ MEDIA: () Ciclo Básico Único (14/15 años – 3er año de liceo)

EDUCACIÓN MEDIA: () Bachillerato Diversificado () Educación Técnica

EDUCACIÓN: () **SUPERIOR o Terciario Universitario** (Universidad de la República, Universidad Católica, Universidad ORT, Universidad de Montevideo y Universidad de la Empresa).

() **TERCIARIA no Superior** (Institutos de Formación Docente, Centro de Diseño Industrial en la órbita del Ministerio de Educación y Cultura, Escuela Militar, Escuela Naval y Escuela Militar de Aeronáutica en la órbita del Ministerio de Defensa, Escuela Nacional de Policía en la órbita del Ministerio de Interior, e Institutos Privados).

¿Posee conocimiento o habla otros idiomas? () No () Sí / ¿Cuál?

() Inglés () Alemán () Francés () Portugués () Italiano () Rumano () Chino () Ruso

Dialectos: () D.P.U (portuñol) () véneto () gallego () euskera () catalán () pomerano
 Otro: _____

¿Ud. posee contacto con hablantes brasileños? () Sí () No

¿Ya estuvo en Brasil? () Sí () No

Frecuencia de ida a Brasil:

() una vez por año () a cada año y medio () a cada 2 años () una vez a cada 3 años o más

¿Ud. trabaja? () Sí () No

En el trabajo: ¿tiene contacto con algún(os) extranjero(s)? () Sí () No

Ud. pasa la mayor parte del tiempo? () En casa () en el trabajo () Otro _____

Sobre sus padres y familiares

Local de nacimiento de sus padres?

Padre: _____

Madre: _____

Por cuánto tiempo su padre vivió en: _____? _____ años

Y en Mvdo? _____ años

Por cuánto tiempo su madre vivió en: _____? _____ años

Y en Mvdo? _____ años

¿Ud. tiene algún pariente que esté viviendo fuera del Uruguay o de Montevideo?

En caso positivo: ¿En qué país/Ciudad? _____

Contacto:

¿Lo ha visitado con qué frecuencia? _____

¿habla con él de qué manera? () teléfono () skype () whatsapp () Facebook () gtalk

Otro: _____

Al hablar con él/ella, ha notado alguna variación en la manera de hablar? ¿Cuál? _____

¿Y al realizar sonidos de la lengua castellana, nota algún cambio? _____

Cuestiones Generales

¿Participa de algún grupo social en la comunidad? () Sí /¿Cuál/cuáles? _____

() No

¿Qué actividad(es) de ocio suele practicar? _____

Ud. utiliza la internet y las redes sociales?

¿Escucha radios en otro idioma programación local o por internet?

Existe programación de radio o televisión en portugués en la ciudad de Montevideo? ¿Ud. la escucha? ¿Por qué?

Qué lenguas extranjeras ha aprendido en su formación escolar / liceal?

De esa formación recuerda de algo que le haya marcado? ¿Pronunciación, entonación, velocidad, vocabulario?

¿Le parece difícil el portugués? ¿por cuáles aspectos?

Encuestador: _____

Fecha de la entrevista: ____/____/____ **Tiempo de duración de la entrevista:**